



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR - UCSAL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

LUZILÂNDIA MARIA MACÊDO DE SANTANA

DINÂMICAS DE PATERNIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
um novo olhar sobre a relação entre pai e filho

Salvador – BA
2022

LUZILÂNDIA MARIA MACÊDO DE SANTANA

**DINÂMICAS DE PATERNIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
um novo olhar sobre a relação entre pai e filho**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador - UCSAL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Giancarlo Petrini

**Salvador – BA
2022**

S232 Santana, Luzilândia Maria Macêdo de

Dinâmicas de paternidade na sociedade contemporânea: um novo olhar sobre a relação entre pai e filho. / Luzilândia Maria Macêdo de Santana. __ Salvador, 2022.

138 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Giancarlo Petrini.

1. Paternidade 2. Adolescente – Relação Familiar 3. Pai – Filho -
Relacionamento Família – Sociedade contemporânea 4. I. Universidade Católica
do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação II. Petrini, Giancarlo –
Orientador. III. Título.

CDU: 316.356.2

TERMO DE APROVAÇÃO

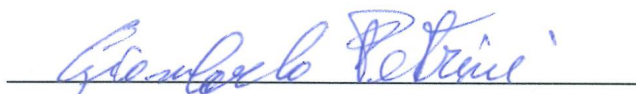
Luzilândia Maria Macedo de Santana

“Dinâmicas de Paternidade na Sociedade Contemporânea: Um novo olhar sobre a relação entre pai e filho”.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 13 de maio de 2022.

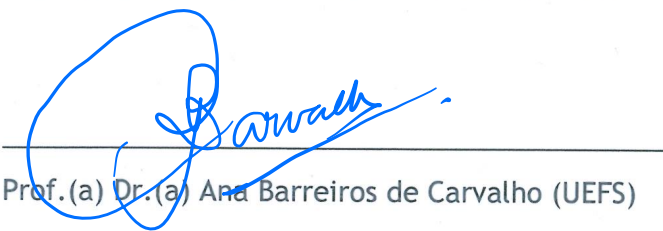
Banca Examinadora:



Prof.(a)s. Dr.(a)s. Giancarlo Petrini - UCSAL (orientador)



Prof.(a) Dr.(a) Rafael Cerqueira Fornasier - UCSAL



Prof.(a) Dr.(a) Ana Barreiros de Carvalho (UEFS)

À minha família que tanto amo e estimo.
Aos meus filhos que são minha fonte de
inspiração e pretendem ser pais.

AGRADECIMENTOS

GRATIDÃO é um ato de amor!

Agradeço à Trindade Santa, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo que são presença constante em minha vida e que estão sempre permitindo a realização de meus sonhos.

Agradeço à Nossa Senhora, Mãe e Rainha que cuida dos seus filhos.

Aos meus filhos Adelmo, Mateus e João Pedro que são minha fonte de inspiração e incentivo, apoiando-me em todos os momentos e todas as decisões. Amo vocês!

Ao meu pai Aníbal que, com suas histórias, me leva ao mundo de outrora.

Ao meu esposo Aridelmo que, muito pacientemente, acompanha a minha jornada de estudo e trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Dom Petrini que, com muita dedicação, faz um trabalho de excelência sobre a família e que me inspirou na escolha do tema. Obrigada, professor, pela orientação e paciência!

À Prof^a Dr^a Ana Barreiros e Prof. Dr. Rafael Fornasier que, na qualificação do projeto, deixaram suas valiosas impressões para melhoria do trabalho e aceitaram, novamente, o convite para fazer parte da banca avaliadora.

A Jurandy Costa, pelo apoio e empenho em me ajudar na busca dos participantes para a realização das entrevistas.

A Suelane, um anjo que Deus colocou na reta final do meu trabalho, que, com seu olhar atento, ajudou-me na revisão final deste estudo.

Aos pais e os filhos, participantes das entrevistas, pela disponibilidade e solicitude em doar seu tempo para que esta pesquisa se concretizasse. Obrigada pela confiança e apoio!

Aos colegas da turma 2020.1 que, mesmo à distância, estiveram presentes nas horas de apreensão e preocupação para a finalização deste curso.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram e me animaram para a realização deste trabalho.

Obrigada a todos e todas pela generosidade e partilha! Sem vocês, esse trabalho não seria possível.

*“Segura teu filho no colo, sorria e abraça os teus
pais enquanto estão aqui”*

(Ana Vilela, Trem-Bala)

RESUMO

As dinâmicas iniciais e contínuas na relação entre pai e filho adolescente na sociedade contemporânea representam um momento de mudança. As novas práticas adotadas nesta relação trazem novas oportunidades para que ambos possam experimentar ricos aspectos emocionais envolvidos nesta convivência. Essas ações podem promover e gerar bens intangíveis que satisfazem exclusivamente às necessidades humanas, mas também podem gerar desconforto e inquietação emocionais. Esta dissertação tem como objetivo compreender as dinâmicas relacionais entre os pais e seus filhos adolescentes, a partir das declarações emitidas por ambos. Para atingir tal propósito, enveredou-se pelo caminho da abordagem qualitativa, realizando entrevistas abertas, com roteiro semiestruturado. Fizeram parte deste estudo 10 pais e seus respectivos filhos adolescentes, somando 20 participantes, residentes na cidade de Ipirá, interior da Bahia. Os enunciados foram analisados a partir da análise de conteúdo, divididos em quatro categorias: concepção de ser pai/ pai ideal, dádivas/ dons, dinâmicas relacionais, bens relacionais e suas referentes subcategorias. Os resultados apontam que as dinâmicas relacionais entre o pai e o filho adolescente ainda estão em transformação, conforme literatura apresentada. As concepções de ser pai/ pai ideal mostraram-se em sintonia com as falas dos participantes quando estes confirmaram o que pensam e como agem. As formas de dádivas apresentadas – presença, tempo e afeto – foram justificadas pelos participantes através das ações e práticas exercidas na convivência diária. As dinâmicas relacionais estabelecidas apontaram que o relacionamento entre o pai e o filho adolescente está avançando no sentido mais positivo, embora tenha aparecido algumas evidências de conflitos e divergências de ideias. Apesar de ter sido em um número mais restrito, circunstâncias como ausência paterna e autoritarismo também foram atribuídas às dinâmicas relacionais. Os bens relacionais retratados indicaram que a maioria dos participantes se relaciona de forma a gerar, entre eles, confiança, cooperação, reciprocidade e amizade. Esta pesquisa não pretende generalizar as ocorrências, mas sugere que outros estudos sejam efetuados a partir desta temática.

Palavras-chaves: Paternidade; Dinâmicas relacionais; Adolescência; Bens Relacionais.

ABSTRACT

The initial and ongoing dynamics in the relationship between father and adolescent son in contemporary society represent a moment of change. The new practices adopted in this relationship bring new opportunities for both to experience rich emotional aspects involved in this coexistence. These actions can promote and generate intangible goods that exclusively satisfy human needs, but they can also generate emotional discomfort and disquiet. This dissertation aims to understand the relational dynamics between parents and their teenagers, from the statements issued by both. To achieve this purpose, a qualitative approach was taken, conducting open interviews with a semi-structured script. Ten parents and their respective adolescent children took part in this study, totaling 20 participants, living in the city of Ipirá, in the interior of Bahia. The statements were analyzed based on content analysis, divided into four categories: conception of being an ideal father/father, gifts/gifts, relational dynamics, relational goods and their referent subcategories. The results indicate that the relational dynamics between the father and the adolescent son are still in transformation, according to the literature presented. The conceptions of being a father/ideal father were shown to be in line with the speeches of the participants when they confirmed what they think and how they act. The forms of gifts presented – presence, time and affection – were justified by the participants through the actions and practices carried out in their daily lives. The established relational dynamics indicated that the relationship between the father and the adolescent son is advancing in the most positive direction, although some evidence of conflicts and divergences of ideas has appeared. Despite having been in a more restricted number, circumstances such as father absence and authoritarianism were also attributed to relational dynamics. The relational goods portrayed indicated that most participants relate in a way that generates, among them, trust, cooperation, reciprocity and friendship. This research does not intend to generalize the occurrences, but suggests that other studies be carried out based on this theme.

Keywords: Fatherhood; Relational dynamics; Adolescence; Relational Goods.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	A identidade da família (“genoma”) como especifica a relação social	69
Figura 2 -	Categorias e subcategorias	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Pai - Dados sobre os participantes - Ipirá-Bahia, 2022	79
Tabela 2 -	Filho adolescente - Dados sobre os participantes - Ipirá-Bahia, 2022	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1	TRAJETÓRIA HISTÓRICA	19
2.2	PATERNIDADE NO BRASIL	25
2.2.1	Patriarcado e declínio	25
2.2.2	Paternidade: estudo no Brasil	29
2.3	PATERNIDADE: CENÁRIO SOCIAL	35
2.4	CRISE DE PATERNIDADE E/OU DE MASCULINIDADE?	40
2.4.1	Crise de masculinidade	42
2.4.2	Paternidade em crise	44
2.4.3	Relação pai e filho: uma construção	47
2.5	PATERNIDADE E FILHO ADOLESCENTE	51
2.5.1	A adolescência	51
2.5.2	Adolescência e relação familiar	55
2.5.3	Ausência paterna	60
3	BENS RELACIONAIS: CONCEITO POR PIERPAOLO DONATI	65
3.1	FAMÍLIA E BENS RELACIONAIS	68
3.2	SER PAI A PARTIR DOS BENS RELACIONAIS	72
4	MÉTODO	76
4.1	DELINEAMENTO	76
4.2	CENÁRIO DA PESQUISA	77
4.3	PARTICIPANTES	78
4.4	INSTRUMENTOS	80
4.5	PROCEDIMENTOS	80
4.6	ANÁLISE DE DADOS	81
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	84
5.1	CONCEPÇÃO DE ‘SER PAI’ / ‘PAI IDEAL’	86
5.1.1	Responsabilidade	86
5.1.2	Amigo	89

5.1.3	Cuidadoso/ Protetor	90
5.1.4	Convivência	92
5.1.5	Autoridade/ Autoritarismo	93
5.1.6	Ser presente	95
5.1.7	Entender o filho	96
5.2	DÁDIVAS/ DONS	97
5.2.1	Presença	97
5.2.2	Tempo	99
5.2.3	Afeto	100
5.3	DINÂMICAS/ AÇÕES/ ATITUDES RELACIONAIS	101
5.3.1	Cuidar/ Proteger	102
5.3.2	Dialogar	103
5.3.3	Orientar	104
5.3.4	Autoridade/Autoritarismo	106
5.4	BENS RELACIONAIS	107
5.4.1	Confiança	108
5.4.2	Cooperação	108
5.4.3	Reciprocidade	109
5.4.4	Amizade	110
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	116
	APÊNDICE	126
	ANEXO	138

1 INTRODUÇÃO

As relações socioculturais estabelecem uma ampla interação entre os indivíduos e vão se transformando ao longo da história da humanidade. A família vai acompanhando esse movimento, constituindo novas relações no tempo, no espaço e nas culturas aos quais está inserida. Ao longo da história brasileira, a família passou por transformações importantes que influenciaram, direta ou indiretamente, nas relações intrafamiliares, desde o patriarcalismo até os dias atuais, pois ela participa dos dinamismos próprios das relações sociais e sofre as influências do contexto político, social, econômico e cultural. Isto mostra o quanto a família fica vulnerável diante das mudanças sociais, empenhando-se em reorganizar aspectos da sua realidade que o ambiente sociocultural vai alterando (PETRINI, 2011).

Petrini e Cavalcanti (2020), ao analisarem que tipos de dádiva podem ser reconhecidos nas relações familiares, afirmam que “as mudanças que estão acontecendo nas relações familiares são, em grande medida, provocadas ou fortemente influenciadas pelas alterações que se verificam na sociedade” (PETRINI; CAVALCANTI, 2020, p. 53).

Com as oscilações apresentadas no contexto intrafamiliar, a figura do pai foi a primeira a entrar em instabilidade. Marinho (2011) afirma que, com a Revolução Industrial, a generalização do assalariamento inicia um processo de enfraquecimento da autoridade e do prestígio do pai.

Alguns autores traçam a história da paternidade pela sucessão de modelos culturais ao longo do tempo, criando uma representação evolutiva pautada pela passagem linear de um modelo a outro, num processo gradual de *desconstrução* que acompanha a modernização da família e da sociedade (MARINHO, 2011, p. 16).

Contudo, a autora sinaliza que, embora muitos autores apontem para lógicas de transformações importantes, eles não permitem perceber a diversidade de formas de paternidade de cada tempo e contexto cultural.

Para Pugsley (2018, p. 42), “Há que se ressaltar, no entanto, que a transmissão da autoridade foi ficando mais complexa em função das rupturas e recomposições que a família e a sociedade sofreram”. Tais rupturas dão início a uma nova era, com novos valores e costumes, novas formas de organização social e familiar e, também, um novo lugar para o pai.

Vale ressaltar que os estudos acadêmicos sobre o homem/pai, apesar de um crescimento significativo, ainda são escassos, especialmente nas Ciências Sociais. Uma grande parte das pesquisas concentram-se na área da psicologia e da psicanálise, mostrando uma figura paterna

conflituosa, que impossibilita a autonomia dos filhos e volátil em suas relações. Os estudos sobre homem/masculinidade também vêm sofrendo críticas, haja vista que a partir da década de 80, cresceram os debates sobre o conceito de masculinidade hegemônica que influenciou o pensamento atual sobre homem, gênero e hierarquia social (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Esse conceito possibilitou uma ligação entre o campo em crescimento dos estudos sobre homens (também conhecidos como estudos de masculinidade e estudos críticos dos homens), ansiedades populares sobre homens e meninos, posição feminista sobre o patriarcado e modelos sociais de gênero. Encontrou uso em campos aplicados que variam desde a educação ao trabalho antiviolença até a saúde e aconselhamento. (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 241).

Pugsley (2018, p. 34) faz uma reflexão sobre os “impasses vivenciados com o declínio da função paterna, o papel e o poder do pai na sociedade, a relação com o mal-estar hoje vivenciado, tudo sobre a ótica da psicanálise, vislumbrando as novas formas de sofrimento e sintomatologia, passando pela questão no campo social e da lei”. A autora continua dizendo que desde os primeiros escritos, Freud identificou a figura do pai e seu lugar, destacando o papel fundamental da configuração paterna na estruturação psíquica do sujeito, bem como na cultura e na organização da sociedade.

Para Freud, o lugar do pai é central, determinante e articulador de toda a reflexão da psicanálise. O contexto histórico em que Freud viveu era patriarcal, numa sociedade e cultura onde havia uma equivalência entre os meios de subjetivação e ação física e simbólica do pai. O que isso significa? Que Deus, padre, professor, militar, juiz e outros encarnavam os sinais da figura simbólica do pai. Ou seja, naquele momento histórico falar de função paterna era mais simples, pois o conceito estava embasado no poder concreto do pai de família e sua função paterna. De lá para cá, é visível que muitas mudanças ocorreram na sociedade e ela ainda está se transformando. (PUGSLEY, 2018, p. 34).

A autora supracitada, apesar de percorrer o caminho da psicanálise para explicar o mal-estar da relação entre o pai e os filhos, considera que essa questão passa também pelo campo social e da lei, deixando perceptível que o estudo sobre paternidade, atualmente, não só deve, como precisa de uma análise multidisciplinar. Neste sentido, as transformações pelas quais a figura paterna vem passando necessitam de constantes revisões e significados de valores.

Campeol e Crepald (2019) realizaram um estudo com o propósito de apresentar uma revisão integrativa de pesquisas empíricas nacionais acerca das relações que envolvem o pai e

os filhos de 0 a 12 anos, entre 2000 e 2019, utilizando alguns descritores, tais como: “paternidade”, “relação pai-criança” e “criança” em revistas acadêmicas brasileiras. As autoras chegaram à conclusão de que, do ponto de vista sistêmico, estão acontecendo mudanças paradigmáticas na dinâmica das famílias, em especial na relação pai e filhos.

Sobre o conceito de paternidade, Carvalho (2013) observa que,

sob o enfoque histórico, demonstra que as características dos papéis e interações familiares sofreram transformações na sociedade ocidental, desde o modelo patriarcal, entendido como modelo de organização familiar centrado na figura masculina, até a multifacetada sociedade pós-moderna quando surgem novas formas de família. Sendo que o papel que o pai exerce hoje, particularmente nas sociedades ocidentais, é único na história da humanidade. (CARVALHO, 2013, p. 17).

No Brasil, as primeiras pesquisas a respeito da formação da família surgiram com Gilberto Freyre (1933), marcadas sob o regime econômico patriarcal, com características de autoridade paterna prevaletentes, desconsiderando qualquer relação afetiva com os filhos. Devido ao seu histórico de autoritarismo, a figura do pai é a mais questionada na convivência familiar.

Diante da complexidade que vive a família contemporânea e de tantas transformações que convergem a si, dá-se a entender que esta não persistirá por muito tempo, o que permite fazer uma analogia com o pensamento da liquidez em Bauman (2004), que aborda a fragilidade dos laços humanos, relações líquidas que geram insegurança, sem ligações definitivas. Esse autor chega a afirmar que “o filho se torna objeto de consumo emocional” (BAUMAN, 2004, p. 60).

Em face do cenário apresentado, percebe-se que os enfoques relacionados ao tema ‘paternidade’ são amplos e complexos. Com vistas na literatura, encontram-se mais estudos sobre as problemáticas trazidas pelo pai e seus efeitos na vida familiar, principalmente na área da psicologia social e psicanálise, sem deixar de mencionar a área do direito que reforça e amplia as características negativas do homem/pai.

É neste contexto que surge a necessidade de uma revisão de significados e valores nos estudos sobre a paternidade na atualidade. Apesar de alguns estudos mais atuais mostrarem um compartilhamento de tarefas domésticas entre o casal, bem como o cuidado e a atenção com os filhos, Cervený e Chaves (2010), em pesquisas relativas à dinâmica da família, apontam que ainda permanece a imagem do pai como provedor financeiro da família e a mãe como provedora

emocional. Diante de controvérsias nas pesquisas sobre a imagem do pai, Carvalho, Moreira e Rabinovich (2015, p. 432) afirmam que:

Parece que o cuidado das crianças se transformou num divisor de águas que distingue os pais. O pai “de verdade” está disponível, participa. A partir dessas considerações é muito fácil se estabelecer uma nova dicotomia - hierarquizada, restritiva e artificial: pai tradicional *versus* novo pai.

Além disso, é válido acrescentar que para Morandé (2017, p. 307), “a família pode cuidar da vida humana precisamente porque possui a rica tradição e experiência de sua longa cadeia ontogenética”. A esse respeito, ressalta-se que, apesar de os estudos sobre as interações/relações familiares serem abundantes, nunca se esgotam em si, devido ao processo de desenvolvimento do ser humano e sua relação com o contexto ao qual está inserido, bem como a sua mudança ao longo do tempo. Posto isso, é relevante compreender como os pais se relacionam com seus filhos na atualidade e entender o que tem de novidade nesta convivência, pois, “depreende-se que nessa partilha/presença recíproca, feita de referências/significados e de conexões/vínculos/laços, emerge aquela relação de pertença que chamamos família” (DONATI, 2011, p. 80). A condição de pai exige relação porque este faz parte da totalidade da família, aquele “sistema social vivente” que preside a reprodução primária da sociedade (DONATI, 2011), portanto, deve ser estudada a partir das suas relações.

Para Donati (2011), a família é uma configuração relacional que vai além da simples soma de indivíduos. Neste sentido, é relevante destacar a importância da vivência paterna no seio da família, ainda que haja diferentes opiniões, mostrando o passado para entender o presente e elucidar novos caminhos para melhorar as futuras gerações de famílias. Logo, concorda-se que “a abordagem relacional parece delinear percursos que podem favorecer o reencontro da figura paterna e vislumbrar, depois de décadas de decadência, sinais de sua renovação” (PETRINI, 2019, p. 58).

A relação pai e filho, especialmente na adolescência, segundo Petrini e Alcântara (2015), ganharam relevância, sobretudo no “estilo democrático (que integra a capacidade de orientar e dar suporte emocional) como aquele capaz de influenciar positivamente a adaptação do filho, enquanto os extremos representados pelos estilos autoritário e permissivo podem trazer efeitos negativos para o desenvolvimento” (PETRINI; ALCÂNTARA, 2015, p. 218).

É no posicionamento do pai, nas dinâmicas relacionais, também por ele estabelecidas, que surge a reciprocidade, ou seja, a relação pautada no dom (dar-receber-retribuir) que conecta

o eixo do casal marido-mulher e o eixo genitores-filhos (DONATI, 2011). Assim, o dom cultiva relacionamentos, logo cria vínculos.

A problemática aqui exposta sobre as relações familiares mostra a relevância do aprofundamento em pesquisas sobre esta temática, bem como busca respostas para algumas indagações ainda não compreendidas, em particular a relação entre os pais e seus filhos adolescentes.

O ponto de partida para a escolha do tema: “Dinâmicas de Paternidade na Sociedade Contemporânea: um novo olhar sobre a relação entre pai e filho” deu-se a partir da leitura e reflexão do texto “O Pai: entre decadência e renovação”, de autoria do professor Petrini, na aula da disciplina “Família, Pessoa, Cultura e Sociedade”, ainda como aluna especial do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea.

A motivação de aprofundar este tema foi uma questão pessoal, por ser mãe de três filhos e presenciar a escassez do envolvimento paterno e os prejuízos emocionais provocados por esta relação, principalmente na juventude dos filhos, ainda que houvesse a presença física do pai. Outra motivação importante foi um ciclo de palestras sobre “Paternidade em Crise” promovido pela Comunidade Emmanuel Latinoamérica, especialmente o tema apresentado pelo diretor do Centro de Psicologia Integral da Pessoa, da Universidade Finis Terrae de Chile, o professor Christian Schnake Ferrer, que abordou a questão do “Pai Esquecido: feridas no masculino” e apresentou o livro de Samuel Osherson, *Finding our Fathers: How a Man's Life is Shaped by his Relationship with his Father* (Encontrando Nossos Pais: como a vida de um homem é moldada por seu relacionamento com seu pai).

Diante disso, foi proposta uma investigação apoiada a partir da questão: como se processam as dinâmicas relacionais entre os pais e seus filhos adolescentes na família contemporânea, na cidade de Ipirá, interior da Bahia?

O objetivo geral que norteou a presente pesquisa foi compreender as dinâmicas relacionais entre os pais e seus filhos adolescentes. Considera-se importante, como desdobramentos, os objetivos específicos: a) identificar as modalidades de relacionamento entre pais e filhos, buscando na literatura o percurso histórico que se ocupou em analisar a conjuntura da paternidade no tempo, utilizando, portanto, uma bibliografia mais antiga, às quais os atuais estudos se inspiraram; b) analisar as dinâmicas relacionais entre pai e filho na família contemporânea, passando por momentos de crises na época da modernidade e na pós-

modernidade; c) descrever novos elementos na relação entre pai e filho em famílias da cidade de Ipirá, com vistas na abordagem relacional proposta por Pierpaolo Donati.¹

Sendo o objeto de estudo desta dissertação as dinâmicas relacionais entre pais e seus filhos na contemporaneidade, o Programa de Pós-graduação de Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, propicia um desenvolvimento adequado, pois, possibilita percorrer os caminhos teóricos da interdisciplinaridade, em virtude de ser um tema constante em várias áreas do conhecimento, perpassando pela antropologia, história, psicologia, psicanálise, ciências sociais, direito, numa fusão de reflexões, com o intuito de melhor compreender a proposta supracitada.

Esta introdução corresponde à primeira parte da dissertação, que problematiza a temática abordada, mostrando a relevância do estudo para atualizar e revisar os significados e valores sobre o tema da paternidade que, por muito tempo, foi vista como maléfica e apática nas relações familiares.

A segunda parte ocupa-se de fazer uma revisão bibliográfica, trilhando um percurso sobre as principais discussões teóricas acerca das atuações e efeitos marcados pela paternidade ao longo do tempo, considerando: a trajetória histórica da paternidade, desde alguns conceitos da antropologia, passando pelo patriarcado no Brasil e suas consequências, assim como seu declínio; paternidade em tempo de mudança sob a perspectiva de estudos desenvolvidos no Brasil; paternidade em tempos de mudança no contexto social, a qual faz uma reflexão sobre o pai na modernidade e pós-modernidade, a crise de masculinidade e paternidade, bem como a construção da relação entre pai e filho adolescente. Concluindo esta parte, destinam-se algumas linhas sobre paternidade e filho adolescente, haja vista que os adolescentes também darão sua contribuição participando das entrevistas, respondendo questões sobre sua relação com o seu pai.

A terceira parte é destinada ao novo olhar no jeito de ser pai na contemporaneidade, a partir dos bens relacionais. Para Donati (2011), estamos diante de um processo sociocultural de nova diferenciação de família. Assim, apesar dos muitos impactos atrelados às relações entre pai e filho, Morandé (2005) diz que a família representa uma esperança para a sociedade e para a cultura atual, apesar da institucionalização progressiva de uma cultura do “pai ausente”.

¹ Pierpaolo Donati é doutor em Sociologia e professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Bolonha (Itália). Tem uma vasta produção científica na área de família. É autor de mais de sessenta livros e de centenas de artigos publicados em revistas acadêmicas do mundo inteiro. Suas obras foram traduzidas em diversos países. Em língua portuguesa há o título “Família no Século XXI: abordagem relacional, Tradução: João Carlos Petrini. Paulinas, SP, 2008.

As demais partes desta dissertação correspondem ao desenho do método percorrido, resultados, análises e discussões dos resultados e as considerações finais, respectivamente.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA

O tema sobre paternidade, já há alguns anos, vem ganhando destaque como foco de pesquisa devido às demandas atuais em compreender a importância de uma nova concepção de ser pai. Desde a tomada de consciência da paternidade, em um período longínquo, o papel do pai passou, continuamente, por muitas transformações.

Dupuis (1989), citando Ernest Renan (1887), diz que, no passado da humanidade, não há senão três histórias de interesse que, reunidas, constituíram o que se pode chamar história da civilização: a história grega, a história de Israel e a história de Roma. No entanto, o autor conclui que, inicialmente, a documentação histórica relacionada a uma profunda revolução social afigurava-se limitada, portanto, “os progressos verificados na ciência histórica dos países da Ásia modificaram essas perspectivas, e, tornou-se possível, em nossos dias, graças às fontes indianas, em sânscrito, elaborar uma história da família mais completa do que jamais se fizera” (DUPUIS, 1989, p. 2).

A partir de perspectivas históricas e antropológicas, Dupuis (1989)² recorreu a uma época longínqua e investigou sobre o tempo em que a humanidade tomou consciência da ideia de paternidade e diz que foi a partir da descoberta da conexão casual entre o ato sexual e a procriação, nas sociedades humanas mais adiantadas, há seis ou sete milênios, segundo sua própria datação, que se tomou essa consciência. Para este autor, “esta novidade acarretou de modo imperceptível uma revolução profunda, que transformou as estruturas sociais, as religiões e os comportamentos sexuais” (DUPUIS, 1989, p. 3). Ainda, para este autor, “a ignorância da paternidade na humanidade foi demonstrada por um conjunto de provas: além da ignorância natural, atestada ainda em nossa época por várias tribos, devem-se levar em conta os testemunhos da linguística, da história das religiões e dos costumes” (DUPUIS, 1989, p. 5). Assim, milênios de anos após, favorecidos pelas circunstâncias históricas, os homens passaram a ocupar papéis relevantes como os de reis e deuses e, mais tarde, como chefes de família³.

² Durante os anos 60, ao realizar pesquisas sobre a geografia dos tipos de sociedade, pareceu-me que a tomada de consciência da paternidade estivera na origem de uma profunda revolução social, que subvertera particularmente as estruturas da família, a vida sexual, as religiões e suas mitologias (DUPUIS, 1989, p. 1).

³ O fator decisivo dessa transformação é o desencadeamento das guerras que se evidencia nas literaturas antigas, especialmente na literatura sânscrita: é pela guerra que os homens se tornaram os senhores da sociedade, como chefes de família, como reis e como deuses (*Ibidem*, p. 95).

Ao analisar uma nova sociedade com a interferência dos sistemas matrilinear⁴ e patrilinear, Dupuis (1989) afirma que a crescente complexidade das sociedades se dá à proporção que se transformam as concepções e os comportamentos humanos e que, neste contexto, se dá uma organização mais complexa devido às novas sociedades oriundas da revolução demográfica, resultado da economia neolítica, da generalização das guerras e da aplicação institucional da ideia de paternidade. “A sociedade patrilinear, fruto de um mundo voltado à guerra, vai tornar-se um dos traços marcantes da organização humana em todas as partes do mundo” (DUPUIS, 1989, p. 132). Para este autor “foi a generalização das guerras que deu aos ‘pais’ um poder decisivo sobre os grupos sociais e lhes permitiu apropriar-se das mulheres” (DUPUIS, 1989, p. 135). Embora a paternidade genética, nesta época, ainda fosse muito confusa, em diversas sociedades, o homem mandava enquanto “pai”. “É uma paternidade sociológica cuja ilustração mais clara nos é dada pela valorização do filho” (DUPUIS, 1989, p. 135). Essa valorização do filho era em decorrência de garantir a continuidade da família.

O pai e o filho são, pois, elos de uma corrente que assegura a continuidade da família – continuidade constantemente ameaçada numa época em que a morte dizimava as jovens gerações. A família garante a continuidade de um grupo biológico e de uma classe social. Ao mesmo tempo, a fundação familiar faz surgir uma nova autoridade que é a do pai: autoridade absoluta, que chega até ao direito de vida e de morte sobre os filhos e pela qual a família obtém os meios de transmitir rigorosamente aos descendentes seus bens, poderes e tradições. (DUPUIS, 1989, p. 136).

Zoja (2005) diz que a análise das origens da história europeia não leva apenas a uma reconstrução social, mas também imaginária, pois, na época neolítica, entendia-se que a figura da mãe era dominante e a paterna ainda não conseguia emergir. Existia uma sociedade e uma família, no entanto, não se conhecia sua forma. “Nossa história deverá levar sempre em conta essa origem sofrida”, afirma Zoja (2005, p. 71).

As sociedades do passado, tais como as egípcias e as grandes civilizações, bem com a Índia e a China encontram-se muito distantes das perspectivas europeias, não apenas por motivos geográficos, mas por solução de continuidade com a cultura do Ocidente, aponta Zoja (2005). A cultura ocidental, com a globalização, mais do que qualquer outra, “exportou o patriarcado pelo mundo afora”⁵. Segundo este autor, é necessário olhar para a Grécia antiga⁶

⁴ No sistema matrilinear a mulher exercia um poder incontestável, pois a filiação era associada exclusivamente à mãe.

⁵ ZOJA, L. **O Pai**: história e psicologia de uma espécie em extinção. Tradução: Péricles Pinheiro Machado Júnior. São Paulo: Axis Mundi, 2005, p. 71.

⁶ O autor faz uma abordagem sobre o primeiro texto dedicado aos deuses gregos na *Teogonia*, de Hesíodo, e

para entender o pai hoje, pois, naquele tempo, a figura paterna atravessou uma crise similar à da nossa época. “Para o homem ocidental, o horizonte do pai é grego” (ZOJA, 2005. p. 71), embora o autor cite a importância do mundo romano como raiz do mundo euro-americano. “Muitas de suas leis e instituições permanecem vivas. Várias dizem respeito ao próprio pai” (ZOJA, 2005. p. 71). O autor ainda cita o monoteísmo judaico-cristão como “patrimônio comum de boa parte da civilização ocidental”.

Hurstel (1999, p. 96) diz que “o pai de todos nós é o Direito Romano”, pois as leis francesas que determinam o estatuto jurídico do pai têm suas raízes nesse direito. A autora prossegue afirmando que o *pater familia*⁷ romano tira do direito todo seu poder, que é absoluto. Em Roma esse poder era exercido para além do tempo e do espaço, das práticas e dos costumes.

Presente ou ausente, o pai permanece aquele que tem autoridade e poder. Que seu filho tenha 2 ou 50 anos, até a morte o pai rege o filho, não há necessidade de brutalidade ou do gesto para se fazer obedecer, ele deve mesmo – cúmulo da autoridade reconhecida – não se servir disso. [...] o pai romano não é tirano, ele é onipotente. E essa onipotência é tirada de um poder social e político que é aquele dos “pais”. (HURSTEL, 1999, p. 97).

Assim, o passado esclarece o presente, diz Hurstel (1999) quando se refere às mudanças da paternidade francesa que se caracteriza por “uma mutação”, “uma nova fase” de debates, vivendo sob o signo da ruptura. As Novas Fronteiras da Paternidade (HURSTEL, 1999), mostram que as transformações vivenciadas de pai para filho não são simples, lineares ou de fácil compreensão.

A partir do século XVIII, devido a um conjunto de situações que culminará na década de 60, do século XX, percebe-se uma nova ordem social e familiar. Cabral (2018) disse que a figura do pai, que antes tinha poder soberano, começa a ser posta em causa e a se enfraquecer. Este autor faz uma análise de alguns fatores que podem estar na base dessa crise, e coloca como primeiro fator a sociologia histórica, que,

ao longo do século XVIII, com a introdução da idade da razão adulta, ou seja, do Iluminismo, dona de si e do destino do mundo, procurou-se libertar o homem da dependência do Outro, do pai, para o tornar adulto e emancipado. [...] Paralelamente a esta tendência pela “autolibertação” do indivíduo, foram também surgindo na história acontecimentos que, na sua consequência, corromperam o modo próprio de entender a autêntica função simbólica do pai. (CABRAL, 2018, p. 22).

elege a história de Gaia e Urano como ‘O Mito das Origens Paternas’.

⁷ *Pater familias* era o mais elevado estatuto familiar na Roma Antiga. Ele tinha o poder absoluto de vida e morte sobre os seus filhos, sua esposa e seus escravos.

Por demais fatores que podem estar na origem da instabilidade da paternidade, o autor supracitado continua elencando: uma nova abordagem na psicologia, a partir do “Complexo de Édipo”, elaborada por Freud; a ideologia do gênero e as correntes feministas que, a partir dos anos 60, procuraram libertar a mulher do poder masculino; o desenvolvimento da técnica médica, principalmente, no campo da procriação; a crise da masculinidade madura ou positiva, a partir da revolução do movimento feminista, no final da década de 1960; auto renúncia da própria função paterna, ou seja, a dificuldade que muitos homens sentem em assumir a paternidade e todas as suas consequências (CABRAL, 2018).

Para Lamb (1992) é proveitoso explorar as mudanças históricas sobre as concepções dos papéis e responsabilidades paternas, pois ajuda a compreender melhor as formas como os pais atuam na contemporaneidade. Ao fazer uma revisão integrativa da literatura sobre os pais na história norte-americana, o autor diz que os dados disponíveis são limitados, mas que os historiadores sociais sustentam suas pesquisas através de poucas cartas e escritos literários ou populares de momentos particulares. Assim, ele afirma que:

podemos discernir na verdade quatro fases ou períodos nos dois últimos centenários da história social Norte Americana. Em cada uma delas sobressaiu um motivo dominante diferente, fazendo com que outros aspectos de um papel complexo e multifacetado parecessem comparativamente muito menos importantes. (PLECK, 1984 *apud* LAMB, 1992, p. 20).

Neste sentido, o autor continua especificando as quatro fases dessa história: a primeira fase corresponde ao papel do pai como formador moral. Esta é a fase mais precoce, que se estendeu ao longo dos tempos Puritanos, passando pela era colonial até o início dos tempos Republicanos. O papel do pai era visto como dominador e responsável pela supervisão e ensinamentos morais, assegurando “que os filhos crescessem com um sentido adequado dos valores, adquiridos essencialmente do estudo de material religioso, tal como a Bíblia” (LAMB, 1992, p. 20); o segundo período, correspondente à industrialização centralizada, o conceito dominante do papel do pai era o provedor econômico, perdurando este de meados do século XIX até à Grande Depressão; o terceiro período refere-se ao modelo de tipificação sexual. Embora se mantenha a importância da função do pai como provedor e orientador moral, o foco principal seria o de modelo de tipificação sexual, especialmente para os filhos varões. Isto se deu devido ao rompimento e deslocação provocados pela Segunda Guerra Mundial.

Para Lamb (1992, p.20), “talvez como resultado da Grande Depressão, do “New Deal” e da interrupção e deslocação provocada pela Segunda Guerra Mundial, o fim desta guerra trouxe

uma nova concepção de paternidade”. Segundo o autor, neste período muitos livros e artigos convergiram para a necessidade de modelos fortes de tipificação sexual; por volta de meados da década de 70, deu-se início à quarta fase, o “novo pai envolvente”. “Deu-se pela primeira vez uma identificação difundida do pai como progenitor ativo, envolvente e envolvido nos cuidados. O ser pai ativamente foi definido como o componente central da paternidade e como a unidade de medida pela qual se poderia aferir os “bons pais” (LAMB, 1992, p. 21).

Entender o passado para esclarecer o presente (HURSTEL, 1999) não só foi importante para compreender as mudanças, as rupturas e uma nova fase de debates na sociedade francesa, mas também em todas as sociedades em que o papel do pai foi se movimentando e se encorpando. Para Lamb (1987), os vários papéis que os pais desempenham na família são socialmente definidos e, portanto, variam de maneiras sutis ou substanciais de sociedade para sociedade. Assim, esse autor considera que o estudo de família em geral, e da paternidade em particular, deve dar importância a todas as condutas que são desempenhadas pelos pais, mesmo quando se está estritamente preocupado com os efeitos paternos sobre os filhos pequenos, utilizando abordagens multidisciplinares e multiculturais.

Cervený e Chaves (2010) afirmam que é necessário contextualizar o papel do pai na cultura, na história e socialmente, pois, ao longo do tempo, aconteceram mudanças neste papel. Além disso, estes autores declaram que o pai nasce numa rede de interações que começa na família que se completa no nascimento do/a filho/a e expande-se para o entorno social. “Esse movimento se dá no contexto socioeconômico no qual esta família está inserida, sofrendo toda carga das mudanças provocadas por tais níveis que estão a todo tempo influenciando-se mutuamente” (CERVENY; CHAVES, 2010, p. 44).

Lamb (1987) diz que, embora a maioria das pesquisas sejam conduzidas nos Estados Unidos, o interesse pelos papéis do pai está crescendo em outros países. Após um grande intervalo da publicação do volume que mostra estudos de culturas não americanas sobre paternidade, com ênfase nas variáveis do ambiente cultural de cada país, Shwalb, Shwalb e Lamb (2013) planejaram um outro livro com um conjunto de relatórios desenvolvidos em várias sociedades em torno do mundo, respeitando os estudos multidisciplinares da região de cada colaborador. Os autores disseram que este trabalho visa estimular a realização de pesquisas inovadoras sobre paternidade a partir de perspectivas culturais novas e mais matizadas.

Shwalb, Shwalb e Lamb (2013) afirmam que a paternidade é universal e cultural e que a influência da cultura sobre os pais evoluiu ao longo de gerações, séculos e milênios. Estes autores organizaram uma obra intitulada “Fathers in the Cultural Context” (Pais no contexto Cultural), com estudos feitos em 14 países. Os colaboradores da China e do Japão descreveram

a evolução das influências Confucionistas; a paternidade na Índia sofreu o impacto do hinduísmo e do patriarcado, segundo os pesquisadores indianos; para os sul-africanos, caribenhos e brasileiros, o legado deixado pelo colonialismo influenciou na formação da paternidade. Os estudos feitos pelos contribuintes de cada país levaram em consideração as pesquisas que discutem influências culturais e históricas, variações na paternidade entre e dentro das culturas, fenômenos sociais e econômicos, como divórcio, ilegalidade, imigração e migração que interferem, cada vez mais, nas políticas sociais relacionadas à paternidade, bem como na ação dos pais.

Shwalb, Shwalb e Lamb (2013) consideram que a paternidade mudou. Enfatizam que a palavra “mudança” ou “transição” apareceu com frequência em cada capítulo da obra apresentada. Os autores identificaram cinco temas que, segundo eles, ajudam a organizar e dar coerência estrutural para a literatura internacional sobre paternidade: 1. As origens e mudanças culturais e históricas têm uma grande influência sobre os pais; 2. A pesquisa sobre os pais é de abrangência e qualidade variadas ao redor do mundo, onde se pode ver, também, níveis variados de entusiasmo aumentando; 3. As políticas sociais destinadas aos pais são proeminentes em algumas culturas, mas inexistentes em outras; 4. A variação subcultural na paternidade é universal; 5. As condições econômicas contemporâneas afetam a paternidade. Os autores declararam, ainda, que “cada capítulo aumentou nossa compreensão dos pais numa perspectiva transcultural e da paternidade em geral” (SHWALB; SHWALB; LAMB, 2013, p. 388, tradução nossa).

O termo “nova paternidade” sugere que o pai de hoje é diferente do pai do passado, segundo Lamb (1992). Foi em meados da década de 1970 que, de fato, identificou-se uma disseminação do pai como progenitor ativo. “Hoje, espera-se que os pais estejam mais envolvidos ativamente do que no passado nos cuidados da criança e, de forma modesta, o pai contemporâneo está de fato mais engajado do que o seu antecessor” (SHWALB; SHWALB; LAMB, 2013, p. 19).

Definir o pai na sociedade contemporânea é de uma complexidade sem precedentes, principalmente em uma sociedade tão pluralista como a ocidental. Por isso,

devemos reconhecer que os pais desempenham muitos papéis, que a importância relativa de cada um varia de um contexto para outro e que o ser pai ativamente tem de ser visto no contexto de muitas outras coisas que os pais fazem pelos filhos (por exemplo, sustento econômico, modelo de tipificação sexual, acompanhamento moral, apoio emocional da mãe). (LAMB, 1992, p. 21).

Para Vieira *et al.* (2014), com a ascensão do novo modelo econômico industrial e a consolidação do movimento feminista, a partir da década de 1970,

os questionamentos das desigualdades de gênero, o avanço dos métodos contraceptivos e o incremento massivo das mulheres no mercado de trabalho fazem emergir a exigência de um pai mais envolvido com as crianças. Inseridas no mundo do trabalho, as mulheres deixam de dedicar-se exclusivamente à casa e à família, enquanto os homens passam a ocupar o espaço privado de forma mais efetiva, envolvendo-se no cuidado dos filhos e nas tarefas domésticas. (VIEIRA *et al.*, 2014, p. 37).

Assim, observa-se que a concepção de paternidade tem se modificado ao longo da história das sociedades ocidentais contemporâneas. Examinar essas mudanças é primordial para compreender o papel e a função do pai no decorrer do tempo, bem como entender os diversos comportamentos que, ainda hoje, estão arraigados em diferentes contextos sociais.

2.2 PATERNIDADE NO BRASIL

2.2.1 Patriarcado e declínio

No Brasil, os estudos sobre paternidade tiveram sua base no colonialismo, período em que vigorava o patriarcado. No dicionário de Psicanálise, Roudinesco e Plon (1998, p. 577) definem “patriarcado” como “um sistema político-jurídico em que a autoridade e os direitos sobre os bens e as pessoas obedecem a uma regra de filiação chamada patrilinear, isto é, concentram-se nas mãos do homem que ocupa a posição de pai fundador, sobretudo nas sociedades ocidentais”.

Segundo Filgueiras (2021), os estudos de Gilberto Freyre são de fundamental importância para todas as discussões que considerem o papel do patriarcalismo na formação da identidade familiar brasileira. Therborn (2006 *apud* FILGUEIRAS; PETRINI, 2010, p. 23) contribui para a compreensão do conceito de pai patriarcal ao afirmar que este é “aquele personagem que, nas famílias coloniais, ocupou o lugar central. Seu surgimento é equiparado à formação da civilização ocidental, e sua figuração não conhece rival quanto à importância política e influência cultural nas famílias antigas”.

Samara (1997) afirma que os trabalhos pioneiros de Gilberto Freyre delinearam o perfil da família patriarcal brasileira e tornaram-se clássicos da literatura nacional e internacional, influenciando inúmeros estudos posteriores. “Nos anos 20, 30 e 40, encontram-se as matrizes

ideológicas de um pensamento que iria vigorar por décadas acerca da natureza, estrutura, importância, função e conceito de família brasileira” (SAMARA, 1997, p. 8). Após citar vários autores que contribuíram para a historiografia da família no Brasil, esta autora declara que os anos 50 e 60 foram caracterizados pelo início de um primeiro momento de revisão nas teorias formuladas acerca da família brasileira e reitera que “um repasse pela produção até a década de 60 nos fornece inúmeros e valiosos exemplos sobre o tratamento dispensado à família, o que não significa que não sejam passíveis de revisão crítica” (SAMARA, 1997, p. 8). No entanto, foi nos anos 70 que houve uma retomada decisiva da família como objeto de análise.

No bojo de um processo geral que se estabelecia de revisão de história do Brasil, os estudiosos da família dedicaram-se com afinco às pesquisas em fontes documentais históricas, que os colocaram diante dos velhos problemas com novas questões. Com os rumos tomados pela historiografia brasileira, o processo de redescoberta da família e a sua apropriação como objeto de análise pelos historiadores têm sentidos e significados próprios, claramente expressos em seu perfil. (SAMARA, 1997, p. 9).

Bonfim (2015) também expõe que, nas obras de Freyre, da Casa Grande até o Sobrado, os estudos sobre “patriarcalismos” e “pais patriarcais” estão presentes nas discussões sobre a família no Brasil. “Na visão de Gilberto Freyre, o maior resultado da colonização portuguesa no Brasil, o patriarca manteve sua simbologia atuante tanto na colônia, como também no Brasil independente, dentro de um sistema monárquico, chamado por Freyre de “uma forma autoritária de governo paternal” (BONFIM, 2015, p. 13).

Os pais eram chefes e senhores de suas famílias e se relacionavam com tudo e com todos por meio do controle e da dominação possessiva (BASTOS *et al.*, 2013). Este autor diz que observou

que o português transplantou para o Brasil um modelo patriarcal de família, tendo as famílias paternas como único cidadão; seus escravos, esposas, filhos e agregados (principalmente parentes) faziam parte de sua riqueza. O pai patriarcal detinha poderes distintos (jurídico, político, religioso) e ocupava o vácuo deixado pelos distantes governantes portugueses como o agente socializador central nas terras recém-colonizadas. (HOLLANDA, 2006 *apud* BASTOS *et al.*, 2013, p. 230).

Pesquisando sobre o significado de conceito de Patriarcado Social Brasileiro, Aguiar (2000, p. 303), sob o olhar feminista, observou como “o sistema de dominação é concebido de forma ampla e que incorpora as dimensões da sexualidade, da reprodução e da relação entre

homens e mulheres num contexto de sistema escravista”. A autora constatou que um dos autores que mais se detém na análise do patriarcado no Brasil é Gilberto Freyre.

Independentemente das relações entre a organização do grupo doméstico e a forma de dominação estatal, o autor mostra que o patriarcalismo se estabeleceu no Brasil como uma estratégia da colonização portuguesa. As bases institucionais dessa dominação são o grupo doméstico rural e o regime da escravidão. A estratégia patriarcal consiste em uma política de população de um espaço territorial de grandes dimensões, com carência de povoadores e de mão-de-obra para gerar riquezas. A dominação se exerce com homens utilizando sua sexualidade como recurso para aumentar a população escrava. (AGUIAR, 2000, p. 308).

Filgueiras e Petrini (2010) apresentaram um estudo realizado a partir do pai patriarcal pertencente às famílias aristocráticas brasileiras pesquisadas por Gilberto Freyre: “Essas famílias, apesar de constituírem um dos exemplos mais antigos de arranjo doméstico no Brasil, tiveram sua abrangência específica no ambiente rural, relativo aos núcleos das fazendas” (FILGUEIRAS; PETRINI, 2010, p. 23). A figura central dessa família é associada à dominação masculina, portadora de autoritarismo e poder sobre todos. Para esses autores, o patriarca, centro do universo doméstico, foi, segundo Freyre, “o gerente do núcleo empreendedor da socialização da família colonial” (FILGUEIRAS; PETRINI, 2010, p. 29).

Provedor, dominador, agregador e gerenciador, o pai patriarcal absorvia, com suas funções, os próprios indivíduos que dele dependiam. “A atmosfera dessa casa, governada pela mão forte do patriarca, pendulava entre a segurança e o arbítrio” (FILGUEIRAS; PETRINI, 2010, p. 30). O pai patriarcal tornou-se um símbolo significativo de paternidade na tradição da sociedade brasileira, embora essa representação do papel do pai não deva ser generalizada em outros contextos durante o período colonial ou na atualidade (nativos, escravos ou classe média semiurbana), alerta Bastos *et al.* (2013). Neste sentido, Samara (1997, p. 16) considera que “a problematização da noção monolítica de patriarcalismo deverá passar necessariamente por pesquisas que focalizem aspectos da diversificação de experiências de grupos sociais, etnias e gêneros em diferentes regiões brasileiras”.

Bonfim (2015) relata que muitos historiadores fazem uma releitura crítica do modelo patriarcal alicerçado nas obras de Freyre, buscando diminuir sua efetividade, pois não condiz com a realidade brasileira, especialmente nas regiões Sudeste e Sul. Para este autor, “É bom observar que Freyre analisou, com primazia, os modelos de família no Nordeste, sobretudo em Pernambuco, e que parte significativa da historiografia brasileira buscou, de forma generalizante, reproduzir esse modelo para todo país” (BONFIM, 2015, p. 9).

Bastos *et al.* (2013) afirmam que o declínio do patriarcado teve início no século XIX, com a urbanização e o surgimento de instituições – Igreja Católica, escolas e governo – que assumiram parte da autoridade que outrora era designada aos pais patriarcais.

Filgueiras e Petrini (2010) relatam que o início da decadência da figura do pai patriarcal no Brasil foi analisado por Gilberto Freyre em sua obra *Sobrados e Mucambos*.

Neste estudo, ele procura mostrar como o pai, dominador do regime familiar antigo, com o advento da urbanização perde, no arranjo doméstico moderno, o centro que ocupava. Mas, mesmo após isso, ele foi capaz de legar a conjuntura social brasileira a hierarquia sua marca mais entranhada nas relações sociais.

Nessa obra, Freyre adverte que só a análise dos padrões dos comportamentos domésticos, desenhados a partir do pai patriarcal, possibilita revelar as dimensões do funcionamento social brasileiro, pois ele é, ao mesmo tempo, promotor de convívio entre extremos e engendrador de espaços intermediários que, no âmbito social, reproduzem ambiguidades entre os indivíduos. (FILGUEIRAS; PETRINI, 2010, p. 30).

Em seu estudo sobre o Enfraquecimento do Pai, com viés sociocultural, além de citar vários críticos sobre o tema, partindo da análise do pai patriarcal nas obras de Gilberto Freyre⁸, Filgueiras (2021, p. 98) constatou, “a caracterização do pai como figura obsoleta nos arranjos familiares atuais devido aos valores da sociedade moderna ligados à defesa da liberdade individual e da flutuação dos papéis familiares” e verificou, na dimensão teórica “a relevância da tematização do pai como um dos personagens mais combatidos na cultura atual, por ter sido vinculado à sua figuração patriarcal” (FILGUEIRAS, 2021, p. 98)..

Freyre associa o processo de transmutação da figura forte do pai em figura enfraquecida a três elementos, a saber: a importância crescente do cidadão sobre o padrão rural, o desenvolvimento das cidades e o surgimento de políticas estatais que tomaram das mãos do pai suas atribuições de mando e cuidado. (FILGUEIRAS, 2021, p. 80).

Filgueiras (2021, p. 80) afirma que a figura patriarcal se apresenta, na atualidade, “flutuante e em franco processo de mudança quanto à sua simbólica anterior” (FILGUEIRAS”.

Conforme Muzio (1998), uma revolução social ainda não pode acabar com uma cultura milenar numa sociedade de tradição patriarcal, pois ainda se encontram a resistência de preconceitos, mitos e estereótipos difíceis de vencer. “A cultura patriarcal tem formas sub-reptícias de transmitir-se e imperar, e a ideologia de dominação masculina pode ser transmitida

⁸ Chamada de Trilogia de Gilberto Freyre: Casa Grande e Senzala (1933); Sobrados e Mucambos (1936); Ordem e Progresso (1959).

e reproduzida inconscientemente por aqueles que, inclusive, tenham uma intencionalidade de mudança” (MUZIO, 1998, p. 167).

É importante notar que, apesar de o patriarcado ter se tornado um símbolo significativo na tradição da sociedade brasileira e seus estudos se concentrarem a partir das obras de Gilberto Freyre, não se pode generalizar para todos os contextos, mesmo no período da colonização, se estende até a atualidade, devido à grande variabilidade de povos e culturas que se instauraram no Brasil, bem como sua ampla extensão territorial. “A paternidade no Brasil é complexa e diversa, variando amplamente com a condição socioeconômica e o nível educacional do pai. Portanto, não é possível falar simplesmente sobre um padrão de paternidade brasileira” (BASTOS *et al.*, 2013, p. 229).

2.2.2 Paternidade: estudo no Brasil

Muzio (1998, p. 168), ao citar a reprodução de modelos de paternidade e masculinidade tradicionais nas telenovelas em Cuba, diz que, na literatura científica, o tratamento dado à paternidade não está distante desses ideais, pois “o pesquisador está imerso no filtro ideológico que marca sua própria cultura”. Assim, a autora estabelece três cenários em relação ao tratamento da figura paterna e sua importância, situando-os gradualmente no tempo.

No primeiro cenário (início do século XX até aproximadamente os anos 60), a teoria psicanalítica teve uma influência decisiva na corrente de omissão do pai, principalmente nos primeiros anos de vida, confiando à mãe o papel predominante para o desenvolvimento infantil.

Em um segundo cenário (década de 60 a 80), apesar de se iniciar a valorização da importância do pai, este se vincula aos efeitos nocivos de sua ausência ou desatenção, associados ao perfil do pai tradicional. Neste sentido, o pai serve como autoridade, apoio emocional à mãe, representatividade social, provedor econômico e identidade sexual. Neste cenário, Muzio (1998, p. 168) diz que a carência paterna está “vinculada aos desajustes sociais, inaptações, delinquências, suicídios, problemas de aprendizagem e identificação sexual”.

No terceiro cenário, a literatura científica inicia um novo debate sobre a reorganização dos papéis e funções mãe-pai, e defende, com as mudanças da família moderna, a possibilidade de a criança, desde o seu nascimento, criar vínculos próximos com mais de uma pessoa, que possam dar sustentação e segurança. “Com as mudanças sociais e a profunda modificação dos papéis femininos e masculinos, a maternidade e a paternidade começam a entremesclar-se e confundir-se em seus perfis” (Muzio, 1998, p. 169).

O pai brasileiro era a autoridade moral inquestionável na família tradicional, com bases consistentes no patriarcalismo. Ele conduzia a família da mesma forma que o patrimônio material. Para Bastos *et al.* (2013), o novo ideal de paternidade pode não ser tão diferente da imagem tradicional como parece. “Mas, novos papéis trouxeram novas oportunidades para os homens experimentarem plenamente os ricos aspectos emocionais da paternidade e participarem da vida dos filhos de maneiras que considerem pessoalmente relevantes e gratificantes” (BASTOS *et al.*, 2013, p. 232). Para esses autores, os estudos brasileiros sobre paternidade não dão muita ênfase à realidade emergente do “novo pai”. A literatura concentra-se em um amplo conjunto de temas, sendo que a maioria dos estudos é limitada a um número relativamente pequeno de participantes. Além disso, as pesquisas não consideram a diversidade relacionada à localidade, classe social, etnicidade ou formação educacional.

Bastos *et al.* (2013) citam alguns estudos no Brasil sobre o papel do pai, elencando seus principais temas, a saber: paternidade na adolescência tem sido um grande problema, com consequências sociais significativas; cuidar é outro foco de pesquisa e aparece com uma dimensão maior e visível do comportamento paterno brasileiro contemporâneo; as mudanças na organização familiar, especialmente a crescente participação das mulheres na força de trabalho têm impacto substancial nas relações entre homens e mulheres e nos papéis conjugais e paterno; o contraste do papel tradicional do homem como provedor financeiro e deliberador familiar nas questões morais e econômicas, com as demandas de um papel mais colaborativo no seio familiar e na sociedade; a perspectiva do homem/pai sobre o processo de ser e tornar-se pai no Brasil contemporâneo, dentre outros. Diferentes modelos de paternidade são aparentes em famílias brasileiras de todas as classes sociais. No entanto, os autores afirmam que a maior parte das pesquisas revisadas foram conduzidas nas regiões mais desenvolvidas do Brasil, onde as mudanças ocorrem mais rapidamente e podem ser mais intensas.

Com base em estudos qualitativos, de longa duração, desenvolvidos em diferentes cenários, Bastos e seus colaboradores (2001-2009) consideraram os pais em três contextos no cotidiano familiar: (1) o trabalho como estratégia de socialização pai-filho; (2) a imagem do pai conforme descrito na conversa das mães; (3) pais como tutores da família. A autora estudou sobre o cotidiano de famílias que vivem na pobreza em dois bairros de Salvador - Bahia.

O Grupo de Pesquisa Família e Desenvolvimento Humano, junto ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, dedicou-se em organizar uma sequência de títulos voltados para a análise e a reflexão baseada em estudos empíricos sobre a realidade do Pai no Brasil. Para Bastos (2019), este grupo

é um dos poucos, no Brasil, a dedicar-se sistematicamente à temática da Paternidade – e possivelmente o único a fazê-lo em perspectiva interdisciplinar, aproximando-se, assim, da compreensão ampla que a questão exige. À medida que este grupo cresce, cresce também a sua interação com outros estudiosos, de diferentes centros de produção acadêmica no País – como atesta a participação de vários autores de diversas universidades. (BASTOS, 2019, p. 13).

Este grupo foi responsável para organizar e publicar três importantes títulos com uma variedade significativa de pesquisas teóricas e empíricas sobre a Paternidade no Brasil, numa perspectiva interdisciplinar, com a contribuição de renomados pesquisadores nacionais. O primeiro livro foi organizado por Moreira, Petrini e Barbosa (2010), com o título “O Pai na Sociedade Contemporânea”, para compreender a complexa realidade da família na atualidade. Esta obra foi dividida em duas partes, a saber: a primeira intitulada “Paternidade e Família: rumo a uma reorganização?”; a segunda parte do livro foi intitulada “Paternidade e Família: aspectos problemáticos”. O segundo livro, organizado por Moreira, Rabinovich e Zucoloto (2016), chama-se “Paternidade na Sociedade Contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família”. Essa coletânea aborda vários temas sobre paternidade, buscando compreender como os pais vem se envolvendo com seus filhos na atualidade. O terceiro livro, intitulado “Homem Adulo & Paternidade: olhares interdisciplinares”, foi organizado por Moreira, Carvalho e Petrini (2019). Segundo Bastos (2019, p. 13), este “é um trabalho maduro, abrangente, que revela múltiplas dimensões do ser pai no mundo contemporâneo, situando essa experiência humana como ponto delicado e central na constituição de subjetividades e de realidades socioculturais”. Para esta autora, a paternidade “é uma construção que necessita ser estudada e compreendida, simultaneamente, em sua dinâmica interna e na realidade social mais ampla e mutável na qual se insere” (BASTOS, 2019, p. 13).

O Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, com sua perspectiva interdisciplinar, oportuniza o pesquisador a transitar por todas as áreas do conhecimento para compreender, não só a paternidade, mas também todos os aspectos relacionados à família, sob os diversos olhares. Neste sentido, a abrangência de informações a partir da visão da antropologia, historiografia, psicanálise, psicologia, sociologia, filosofia e do direito permite aos estudiosos a examinar seus dados com maior destreza e solidez, uma vez que seus participantes podem ser observados em sua totalidade.

Uma revisão sistemática de artigos sobre paternidade no Brasil foi desenvolvida por Vieira *et al.*(2014), com o objetivo de caracterizar a produção de artigos empíricos envolvendo

o tema paternidade e sua contribuição para o desenvolvimento infantil e para a família, publicados em revistas brasileiras indexadas nas bases Indexpsi, Scielo e Pepsic. Além disso, o propósito dessa revisão foi mostrar um panorama detalhado e abrangente. Para estes autores, nas últimas décadas, verificou-se um crescimento contínuo do número de famílias em que ambos os pais trabalham fora de casa, acarretando mudanças significativas na dinâmica familiar e, conseqüentemente, na (re)definição dos papéis parentais. Citando Lewis e Dessen (1999), esses pesquisadores apontaram que

a paternidade pode ser analisada a partir de três perspectivas: 1) tradicional, 2) moderna e 3) emergente. No primeiro caso o pai tem o papel de provedor, disciplinador, e o envolvimento com o filho é restrito. No segundo, a função do pai está relacionada com o desenvolvimento moral, acadêmico e emocional do filho. E, finalmente, no modelo de paternidade emergente, o envolvimento do pai com o filho e a família é ativo em várias esferas do cuidado e educação das crianças, além da participação efetiva nas atividades domésticas. (VIEIRA *et al.*, 2014, p. 38).

Mesmo que haja muitos questionamentos acerca de quais modelos de paternidade existem, os autores supracitados alertam que os aspectos de continuidade e de ruptura em relação ao modelo de paternidade tradicional merecem destaque, já que “os resultados de pesquisas indicam ora um envolvimento expressivo do pai com a família, ora sinalizam distância entre o ideal de comportamento paterno e o real, com a figura paterna pouco se envolvendo no cuidado prestado aos filhos e nas tarefas domésticas” (VIEIRA *et al.*, 2014, p. 38). Assim sendo, ainda é um desafio iminente a reinvenção e redefinição do pai no contexto familiar.

Após realizarem uma série de análises em vários artigos, Vieira *et al.* (2014) ressaltam que houve um impacto científico importante nos estudos de revisão de literatura, pois os mesmos ofereceram um cenário amplo sobre determinada temática em algumas áreas de concentração e outras ainda pouco exploradas. No entanto, os resultados foram relevantes, uma vez que permitiram um mapeamento do estado da pesquisa na área da paternidade. Esses investigadores chegaram à conclusão de que o exercício da paternidade passa por uma transição, que há um reconhecimento de que a figura do pai é importante para o desenvolvimento da criança e que a mesma necessita de seus cuidados de forma ativa. Porém, ainda foram encontrados aspectos dos papéis tradicionais, uma vez que o pai é caracterizado como ajudante da mãe, conferindo a ela a maior responsabilidade pela criação dos filhos. Eles, ainda, apontaram a necessidade da “realização de pesquisas longitudinais que se proponham a evidenciar as repercussões do pai no desenvolvimento infantil, principalmente no que se refere

ao comportamento social da criança” (VIEIRA *et al.*, 2014, p. 49). Recomendaram, também, a intensificação de estudos nas diversas configurações familiares, principalmente se o pai está presente fisicamente e/ou emocionalmente, bem como aprofundar a investigação dos fatores que podem exercer influência no envolvimento paterno.

Campeol e Crepaldi (2019) também realizaram um estudo apresentando uma revisão integrativa de pesquisas empíricas e nacionais acerca das relações que envolvem o pai e o filho de 0 a 12 anos, publicados entre 2000 e 2019, nas principais revistas brasileiras.

O interesse em compreender a influência paterna para o desenvolvimento infantil emergiu no contexto científico, na contemporaneidade, fomentado por uma série de transformações sociais. A partir da década de 1970, a ascensão do modelo econômico industrial e dos movimentos feministas, os questionamentos das desigualdades de gênero, o avanço dos métodos contraceptivos e a inserção das mulheres no mercado de trabalho repercutiram em novas expectativas, crenças e atitudes sobre as funções de pai e mãe. (CAMPEOL; CREPALDI, 2019, p. 502).

As autoras relatam que a participação do pai para favorecer o desenvolvimento infantil começou a ser notória a partir da publicação do livro “O Papel do Pai no Desenvolvimento Infantil”, em 1979, pelo americano Michael E. Lamb. Os estudos sobre homens e masculinidades, no Brasil, tiveram seu marco na Conferência Internacional sobre Populações e Desenvolvimentos, das Nações Unidas, em 1994. A partir de então, acentuou-se a necessidade de “incluir os homens na vida familiar e equilibrar as relações de poder entre os gêneros” (CAMPEOL; CREPALDI, p. 503). O crescimento significativo de estudos referentes ao modo como a paternidade vem sendo compreendida no Brasil foi a partir de 2004, conforme Oliveira e Silva (2011 *apud* CAMPEOL; CREPALDI, 2019).

Neste tempo, uma série de conceitos começam a eclodir para discutir a participação do pai no desenvolvimento infantil, dentre as principais nomenclaturas estão: investimento, engajamento e envolvimento paterno. A definição proposta por Lamb e seus colaboradores, em 1985, e a mais difundida é envolvimento paterno, a qual inclui três dimensões: interação, disponibilidade e responsabilidade. A interação está relacionada à experiência do pai em contato direto com a criança em cuidados e atividades compartilhadas. A disponibilidade diz respeito à acessibilidade física e/ou psicológica do pai em relação a criança, o que favorece a ocorrência de interações entre a díade. A responsabilidade corresponde às tarefas ligadas aos cuidados e recursos destinados para a criança, além de preocupações, planejamento e organizações assumidas pelo pai, que não demandam interação direta (LAMB, 2000; LAMB *et al.*, 1985 *apud* CAMPEOL; CREPALDI, 2019).

Neste estudo de revisão integrativa, com 48 artigos analisados, as autoras expuseram as principais categorias temáticas encontradas: Desempenho da paternidade e sua influência em diferentes etapas do desenvolvimento dos filhos (23%); Separação conjugal, monoparentalidade, adoção, reprodução humana assistida, famílias de camadas médias e populares (21%); Participação paterna durante a gestação, parto, amamentação e puerpério (17%); Variáveis que interferem no exercício da paternidade (17%); Concepções sobre paternidade na perspectiva de pais, mães e pessoas sem filhos (12%); Pais de filhos com alguma deficiência e hospitalizados (10%).

Após as análises dos artigos, as autoras entendem que as investigações científicas sobre essa temática e o reconhecimento de sua importância ainda são recentes no Brasil. No entanto, essas evidências podem servir de incentivo para novas pesquisas, já que se pode observar uma relação positiva nos níveis de envolvimento paterno e o desenvolvimento satisfatório das crianças, bem como apresenta relevância social ao atentar para a complexidade dos fatores que envolvem a paternidade e as relações estabelecidas com os seus filhos.

Esses estudos também são elementares para o progresso do conhecimento científico ao revelar perspectivas segundo as quais o fenômeno vem sendo analisado. As autoras recomendam, ainda, que as pesquisas explorem o comportamento paterno em diferentes faixas etárias das crianças, e em especial, com caráter longitudinal, enriquecendo as relações pai-criança ao longo do ciclo evolutivo.

Cerveny e Chaves (2010, p. 47) declaram que “a paternidade é definida na relação pai-mãe-filho primordialmente, porque é na vivência do dia a dia que ela se constitui. Pensá-la neste contexto significa contar com alterações ao longo do desenvolvimento do ciclo vital individual e familiar”. Conforme estes autores, Berthoud (2000), em sua teoria da parentalidade, aponta as funções dos pais nas diferentes fases do desenvolvimento dos filhos: na primeira fase, a função básica é cuidar; na segunda fase, com as crianças maiores, a função básica é educar; na adolescência, fase em que os filhos rejeitam os cuidados de criança, a função básica é orientar; na fase adulta, quando os filhos já estão trabalhando e formando família, a situação é invertida, os filhos passam a cuidar e ajudar os pais. Assim, as funções que prevalecem são de amigo e companheiro. Esses pesquisadores perceberam, na prática clínica, que as funções dos pais de adolescentes estão invertidas. Ao invés de se fixarem na função de orientar, esses pais tentam ser amigos e companheiros dos filhos ou se fixam na função de cuidar e educar como se estes não tivessem crescido. “Com incertezas como essas, que fazem parte da construção deste novo papel sem referências definidas, estes pais buscam novos modelos de interação com os filhos” (CERVENY; CHAVES, 2010, p. 47).

Cervený e Chaves (2010, p. 43) afirmam que “pensar o papel do pai é olhar para uma rede de relações que se superpõem de maneira complexa. Faz-se necessário contextualizá-lo na cultura, na história e socialmente, uma vez que, ao longo do tempo, foram acontecendo mudanças neste papel de acordo com a cultura”. Para estes autores, a paternidade contemporânea não está definida, é incerta e frágil. O modelo tradicional não serve mais como parâmetro, pois a esposa trabalha e tem uma carreira. Os mesmos afirmam que não há um modelo contemporâneo nas relações de parentalidade que predomine nos lares brasileiros.

A família brasileira, que tradicionalmente foi a única instituição responsável pela socialização dos filhos, necessita agora repensar seu papel no futuro, assim como os pais necessitam construir uma nova parentalidade, baseada nas novas tendências e necessidades da sociedade brasileira. (CERVENY; CHAVES, 2010, p. 50).

O maior número de pesquisas e reflexões acerca da temática da paternidade no Brasil concentra-se na área da psicologia. Muitos estudos importantes foram executados por vários pesquisadores renomados, os quais não seriam possíveis elencá-los devido à grande demanda. Apesar disso, vários estudiosos concordam que é necessário desenvolver mais pesquisas com foco nos modelos contemporâneos de paternidade, principalmente nas faixas etárias mais avançadas dos filhos.

2.3 PATERNIDADE: CENÁRIO SOCIAL

O Modernismo caracterizou-se, no Brasil, principalmente pela lógica artística no início do século XX, tendo como base as rupturas e descontinuidades, apoiando-se na negação da tradição e na devoção do novo. Essa mudança causou uma grande revolução desde o final do século XIX como afirmação de uma nova ordem, uma descontinuidade entre o antes e o depois. O modernismo pretende romper com o passado, buscando novas formas estilísticas e temáticas inéditas. O moderno tem aversão ao passado. Há um absoluto desejo de destruir todos os princípios obsoletos da tradição. Nessa lógica, não há mais entusiasmo estético. Qualquer objeto pode ser transformado em obra de arte, sem preocupar-se com a beleza e a simetria.

A lógica moderna não se deteve apenas na arte, muitos estudiosos, de várias áreas do conhecimento, conceituam a “Modernidade” como a era de todas as revoluções e mudanças sociais. São vários caminhos e percursos trilhados. Petrini (2003) afirma que o conceito de “Modernidade” é tão amplo e complexo que não é possível reproduzir um debate das tantas

abordagens possíveis deste período em um estudo. No entanto, pondera que o ponto de partida para compreender a sociedade moderna é a cultura do Iluminismo:

a modernidade firmou-se, no Iluminismo, como saída do homem da menoridade, como autonomia ante as Igrejas e todas aquelas tradições culturais que constituíram, durante mais de um milênio e meio, o ponto de referência para os homens e as mulheres da Europa e dos povos que viveram sob a sua influência religiosa, política e cultural. (PETRINI, 2003, p. 26).

Nasce o homem moderno, detentor da razão e no centro de todo interesse, livre e com seus direitos aparentemente garantidos, convicto em suas críticas e tornando todas as coisas objetos da ciência empírica, confiante na sua ordenação e no seu progresso. Oliveira e Sancho (2015) dizem que a era moderna conquistou o homem e organizou a sociedade com promessas de igualdade, liberdade, progresso, segurança, criando uma nova cultura e novas tradições no ocidente.

Para Lipovetsky (2005, p. 70), o modernismo é revolucionário, democrático “e inseparável das grandes revoluções políticas, do significado imaginário central, próprios das nossas sociedades, do indivíduo livre e autossuficiente”. Para o mesmo autor, o modernismo é também um novo código da sociedade, um novo instrumento de libertação:

O culto das novidades favorece o sentimento de ser uma pessoa independente, livre em suas escolhas, determinando-se não mais em função de uma legitimidade coletiva anterior, mas em função dos movimentos de seu coração e de sua razão. Com o individualismo, o Novo encontra sua plena consagração: por ocasião de cada moda, há um sentimento, ainda que tênue, de libertação subjetiva, de alforria em relação aos hábitos passados. A cada novidade, uma inércia e sacudida, passa um sopro no ar, fonte de descoberta, de posicionamento e de disponibilidade subjetiva. Compreende-se por que uma sociedade de indivíduos destinados à autonomia privada, o atrativo do novo é tão vivo: ele é sentido como instrumento de “libertação” pessoal, como experiência a ser tentada e vivida, pequena aventura do eu. A sagração do Novo e do individualismo moderno caminham de comum acordo. (LIPOVETSKY, 1989, p. 183).

Contudo, as promessas modernas propiciaram a realização de atrocidade em nome da ciência e até mesmo do holocausto. Ferry (2008) nomeou o século XX como “um século de desconstrução”, afirmando que “no decorrer dessas revoluções permanentes, as ideias metafísicas, éticas, religiosas e, enfim, políticas foram, sucessivamente, desarticuladas”. (FERRY, 2008, p. 25).

As estruturas da modernidade desabam numa grande ilusão da razão: liberdades convertidas em subjetivismos, a substituição do homem pelas máquinas, a natureza como objeto de exploração, democracia sem a participação do povo.

As grandes visões, elaboradas a partir do iluminismo e carregadas de otimismo quase messiânico, que vislumbravam o advento de sociedades governadas pela racionalidade, encaminhadas para um estágio cada vez mais avançado de progresso científico e técnico, de desenvolvimento social e político, esvaziaram-se e perderam definitivamente a credibilidade. (PETRINI, 2003, p. 30).

Após a segunda metade do século XX, há uma notória crítica ao racionalismo moderno e alguns autores lançam sementes afirmando que a crise do século XX é uma nova era, chamando-a de pós-modernidade. Este termo se tornou comum em 1979 pelo pensador francês François Lyotard (1924-1998). Para Lyotard (2009), este é um tempo em que todas as grandes narrativas (visões de mundo) entram em crise e os indivíduos estão livres para criar tudo de novo, decorrendo, assim, na perda das crenças nas visões totalizantes da história que estabeleciam regras de conduta política e ética para a humanidade.

Para Bauman (2001, p. 08), o presente estágio da era moderna é um estado de “fluidez”. A realidade social não é vista com totalidade, mas é fragmentada, fluida, oscilante, gera insegurança, incerteza. Bauman (2004) ainda acrescenta que a modernidade líquida é um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível. A transitoriedade das relações é uma das principais marcas deste tempo, dissolvendo as ideias de coletividade, que são substituídas pelo individualismo. Esta sociedade também reduz os cidadãos a “atores”, que desempenham “papéis”, ou seja, são apenas uma parte da sociedade: “A pessoa vê-se fragmentada em uma multiplicidade de papéis, sem a possibilidade de encontrar um nexos entre eles, capaz de reconstruir sua consciência subjetiva unitária” (DEBORD, 1997 *apud* PETRINI, 2003, p. 36).

Lipovetsky (2004) constrói seu pensamento sobre as transformações da sociedade contemporânea através da ideia de hipermodernidade. Para este autor, a pós-modernidade não significa o fim da modernidade, mas uma exacerbação de suas características, tais como o desenvolvimento técnico e a valorização do individualismo, determinando a cultura do excesso, marcada pelo efêmero em que o sujeito busca, freneticamente, a satisfação de seus desejos. Na hipermodernidade, as convicções modernas na contemporaneidade são readaptadas para “uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente

como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer” (LIPOVETSKY, 2004, p. 24).

Na hipermodernidade, o sujeito perde suas referências, não tem mais identidade fixa, seus princípios morais e valores sociais não encontram mais lugar onde se fixar (LIPOVETSKY, 2005). Para este autor, o sujeito livre não apresenta contornos definidos. Há uma acelerada busca de emoções e prazeres, o cálculo utilitarista, a superficialidade dos vínculos parece ter contaminado o conjunto do corpo social, sem que nem mesmo a espiritualidade escape disso (LIPOVESTSKY, 2004). Aparece, então, a figura do indivíduo hipermoderno que transmite um paradoxo: são, “ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 27). Assim, a experiência humana parece ser definida, além da individualidade, por uma carência de referências, de perspectivas. Há um esvaziamento de significados existenciais, ausência de experiências elementares que dão sentido à vida. Em entrevista concedida à Revista Com Ciência, Lipovetsky disse que “Hoje, o vazio, se eu tivesse de defini-lo, é antes uma desorientação, um vazio de referências estruturantes que não vem ao fato de não existirem, mas de simplesmente terem se tornado flutuantes e muito numerosas”.

Com tantas mudanças em um ritmo tão frenético e impetuoso, há de se pensar o que está acontecendo nas relações intrafamiliares, como essas relações estão acontecendo diante de uma estrutura social em que tudo é transitório, utilitário, fluido; como a família está lidando com essa sociedade desorientada e individualista, sobretudo em referência à figura paterna que sofreu inúmeros desgastes neste período.

Conforme Petrini (2016, p. 24), “nas últimas décadas, a figura do pai passou a ser concebida como contrária ao ideal de emancipação, como portadora de uma influência negativa que limita as possibilidades expressivas e de desenvolvimento autônomo dos filhos, mantendo-os na dependência”. Ainda segundo esse autor, autores como Horkheimer e Adorno contribuíram para descrever a perda da autoridade paterna, atribuindo ao pai a responsabilidade do autoritarismo e dos regimes totalitários do século passado. Petrini (2019, p. 44) afirma ainda que “Horkheimer (1992) desenvolveu cinco estudos sobre autoridade e família, chegando a identificar o pai como ponto de transmissão de ‘super-eu severo, sentimento de culpa, amor submisso à autoridade paterna, vontade de dominação sobre os mais fracos”.

Segundo Adorno e Horkheimer (1981), a autoridade familiar tem se transformado em um elemento irracional de dominação e supressão do sujeito. Esses autores declararam que dentro da instituição família foram identificadas as normas ditadas pela lógica do mercado, em

que a submissão à lei do pai é expandida de forma irracional a outras leis do capital. Neste sentido, o êxito do capital na família pode significar a própria derrota desta instituição, visto que a lei do mercado se fortalece destruindo os vínculos humanos.

A crise da família assume também um aspecto de acerto de contas, não apenas em face da grosseira opressão que a mulher, mais fraca, e depois de modo completo os filhos sofreram por parte do chefe da família até os inícios da época que agora começa, mas também diante da injustiça econômica que nela se praticava, da exploração do trabalho doméstico numa sociedade que, no restante, obedecia às leis do mercado. (ADORNO; HORKHEIMER, 1981, p. 218).

A sociedade capitalista fomenta os modos de sociabilidade e subjetivação dos indivíduos, ditando a sua “formação”, seu comportamento diante dos valores e da lógica social, tirando da família o poder formativo ao desenvolvimento, socialização e subjetivação dos seus membros.

Em pesquisa longitudinal entre 2006 e 2011, Almeida e Roure (2011) chamam a atenção de como a lógica do mercado interfere decisivamente na formação da subjetividade.

Em uma sociedade em que as mercadorias são postas como a grande possibilidade de felicidade, é importante a compreensão de que esses objetos são colocados no lugar das autoridades. Dessa forma a subjetividade formada é uma subjetividade contornada por mercadorias, identificada com as mesmas: a subjetividade retificada. (ALMEIDA; ROURE, 2011, p. 6).

Assim, a família não consegue mais fornecer a segurança e a sustentação na qual se apoiava a sua formação. Classificada pela complexidade, a contemporaneidade é marcada pela diversidade das relações interpessoais, em que os papéis sociais estão cada vez mais indefinidos. Para Bauman (2004), o conceito de “liquidez humana” decorre da transformação do ser humano singular, em objeto de consumo, descartável, mesmo nas relações interpessoais que fazem parte do cotidiano. Petrini (2003) observa que o paradigma iluminista não dá mais conta de resolver todos os fatores da sociedade para responder às exigências humanas. Por conseguinte, esse processo causa graves problemas sociais, que emergem como sintomas e consequências, principalmente nas relações entre os indivíduos.

Morandé (2017) se propôs a descrever o contexto cultural da chamada “pós-modernidade” em relação à figura do pai e seu progressivo descrédito e desvalorização na sociedade, mostrando a insuficiência das teorias que justificaram a modernidade, especialmente aquelas nascidas do iluminismo racional. Este autor coloca à vista os principais sintomas sobre a paternidade decorrentes do pensamento pós-moderno:

perda de autoridade parental em relação aos filhos; descrédito na imagem patriarcal como fonte de opressão; descrédito na imagem patriarcal através da crítica ao “paternalismo” do Estado e de outras instituições dedicadas à proteção dos mais fracos; imputação à figura paterna como origem do autoritarismo; imputação à imagem do pai, psicologicamente introduzida em cada pessoa desde a primeira infância, dando origem ao sentimento de culpa, do “moralismo”, da inibição da busca do prazer e da alegria de viver, promovendo depressão e tendências autodestrutivas; enfim, descrédito na imagem paterna de Deus como fundamento religioso e todas as discriminações e opressões humanas, seja na vida privada ou na vida pública da família. (MORANDÉ, 2017, p. 265).

Segundo esse autor, a sociedade repressiva e patriarcal se tornou uma sociedade plural e igualitária, sem falsos “paternalismos” e com a real possibilidade de escolhas individuais de acordo às próprias preferências. No entanto, ele adverte que o triunfo da modernidade começa, gradualmente, a tomar consciência dos seus próprios paradoxos. A forma de expressão das culturas mudou, no entanto, não deu conta de resolver todos os problemas. Ao contrário, aumentou a exigência pela criação de novos métodos que possibilitam encontrar a felicidade conforme a demanda do mercado capitalista. As mudanças na sociedade abriram, também, caminhos para várias crises intrapessoal e interpessoal que geraram os conflitos que envolvem as relações familiares.

2.4 CRISE DE PATERNIDADE E/OU DE MASCULINIDADE?

Desde a Antiguidade Clássica, as narrações mitológicas já recorriam à própria família para ilustrar os seus conflitos. Não foram poucas as situações que envolviam a relação pai e filho. Ao longo da história da humanidade essa relação sempre foi cheia de contendas e disputas que deixaram marcas que se arrastam até os dias atuais. Em cada período histórico uma situação pendente, mal resolvida.

Petrini (2016), utilizando uma linguagem de imagens e símbolos, cita alguns mitos antigos para refletir sobre o drama na relação pai-filho ao longo dos tempos. Não apenas dá exemplos da mitologia grega: embates entre Uranos e Cronos, Rei Laio e Édipo, Ulisses e Telêmaco, mas também mostra que na tradição judaico-cristã encontravam-se várias situações de conflitos entre pai e filho: Abraão que se dispõe a sacrificar seu filho em nome da fé, o filho de Davi, Absalão, move uma guerra contra o pai, o filho pródigo pede sua herança ao pai e sai de casa em busca de aventuras e, até mesmo, Jesus Cristo, no alto da cruz, questiona Deus por que o abandonou. Não só os mitos da Antiguidade Clássica apontavam a relação, muitas vezes

mal resolvida, entre pai filho, a história da Bíblia⁹ também ilustra alguns questionamentos nesta relação.

Dentre todos os escritos da literatura mundial sobre o ‘Pai’, o mito da Antiguidade Clássica “Édipo Rei”, tragédia escrita por Sófocles, foi o que mais ocasionou debates polêmicos, dentre defesas e contestações. O fato é que, a partir da análise freudiana acerca do Édipo, não só a psicanálise, mas também outras áreas do conhecimento se apropriaram desse mito para explorar o entendimento humano. Roudinesco (2003), sob um olhar histórico e psicanalítico, diz que a família edipiana teve um grande impacto sobre a família do século XIX.

[...] sobre a apreensão das relações inerentes à família contemporânea, que é indispensável captar por que estranho caminho Freud conseguiu assim revalorizar as antigas dinastias heroicas a fim de projetá-las na psiquê de um sujeito culpado de seus desejos [...] Herdeira dos mitos fundadores da civilização ocidental [...] remetia aos homens do final do séc. XIX a um mal-estar estrutural que lhe parecia correlato da degradação da fundação monárquica do pai. (ROUDINESCO, 2003, p. 25-26).

A autora percebe que a família passa a se identificar ao que vemos atualmente, a partir de meados do século XVIII, e que a família do século XIX, certamente, foi abalada e reestruturada a partir da invenção freudiana do complexo de Édipo. A partir de então, estudos mostram ora o pai como vítima, ora como o transgressor. Petrini (2016, p. 24) afirma que “O mundo moderno encontra em Freud uma elaboração desta relação dramática segundo o qual o filho deve matar simbolicamente o próprio pai para conseguir emancipar-se de seu poder opressor”.

Conforme Hurstel (1999), Lacan propõe que a aparição da psicanálise está ligada a uma “crise psicológica”, atrelada ao declínio da imagem paterna:

ele foi o primeiro a colocar a questão do pai, referindo-se ao que seria desenvolvido posteriormente por vários autores sob a denominação de “carência paterna”: enfraquecimento do poder familiar e da autoridade do pai no seio da família, desvalorização da imagem social que acompanha a denominação de pai. (HURSTEL, 1999, p. 35).

O fato é que, entre mitos e dramas, a convivência paterna, ao longo da história da humanidade, é cheia de entraves na relação entre pai e filho até os dias atuais, sejam nos aspectos sociais ou psíquicos. Vários estudos, especialmente os psicológicos, revelam uma paternidade constituída de particularidades complexas.

⁹ Apenas para exemplificar o quão é antigo e vasto o drama na relação pai e filho.

Além de as mudanças sociais abalaram as estruturas do homem como pai, também tem se discutido acerca de uma crise de masculinidade:

O “novo homem” estaria em crise porque não encontraria modelos identitários hegemônicos para descrever sua nova condição masculina. Os reflexos dessa crise se devem à maior participação das mulheres no campo do trabalho, do avanço da tecnologia no campo da sexualidade, na pluralidade de papéis e identidades sexuais, na redefinição do papel do pai, na maior preocupação com o corpo e com a estética e a tentativa de manter e sustentar um modelo hegemônico único no papel masculino. (SILVA, 2006, p. 119).

As novas exigências aplicadas ao homem contemporâneo desafiam a figura do homem tradicional à qual tinha uma definição hegemônica¹⁰ do ser masculino, gerando assim, não só uma crise de paternidade, como também de masculinidade.

2.4.1 Crise de masculinidade

Moura (2019) afirma que o conceito de masculinidade, ou masculinidades, está em constante evolução. Há várias formas de masculinidade, definidas socialmente através de contextos históricos e culturais, assim como às diferenças de poder existentes entre versões divergentes de masculinidade. Para esta autora, as consequências da definição de masculinidade – historicamente rígida e hegemônica – levaram ao surgimento de novas abordagens e propostas de redefinição. “Ao longo do tempo, as associações e as expectativas dominantes referentes à masculinidade consistiram na força física, potência sexual, agressividade e ausência de demonstração de afetos/emoções” (MOURA, 2019, p. 1).

Os estudos acadêmicos sobre homens e masculinidades eclodiram entre as décadas de 1960 e 1970, a partir de estudos feministas que analisavam a condição de subordinação das mulheres na família e na sociedade. Porém, esses estudos foram consolidados e acelerados a partir dos trabalhos da socióloga australiana Raewyn Connell e sua primeira conceituação sobre masculinidade hegemônica em 1985. Desde então, a diversificação de pesquisas sobre homens

¹⁰ O conceito de masculinidade hegemônica tem influenciado os estudos de gênero em vários campos acadêmicos, mas ao mesmo tempo tem atraído um sério criticismo. Os autores traçam a origem do conceito a uma convergência de ideias no início dos anos 1980 e mapeiam as formas através das quais o conceito foi aplicado quando os estudos sobre homens e masculinidades se expandiram. [...] As fontes básicas foram as teorias feministas do patriarcado e os debates sobre o papel dos homens na transformação do patriarcado. (CONNELL; MESSERSCHIDT, 2013, p. 241).

Este estudo não pretende aprofundar as reflexões sobre masculinidade(s). Este tópico é, apenas, um adendo para mostrar a relação do homem/pai patriarcal e a redefinição da condição masculina que, por ora, era absoluta sobre a família, levando em consideração que esta transformação do homem/masculino influencia, também, na relação pai e filho, objeto deste trabalho.

e masculinidades, tomando como base referenciais teóricos de estudos feministas, da psicanálise e da sociologia, não pararam de crescer.

Silva (2000) afirma que a própria história mostra uma pluralidade das descrições do homem vitoriano e que o mesmo não poderia ser diferente para o homem contemporâneo. O autor declara que “as nossas identidades [...] estão constantemente sofrendo mudanças, e a cada década, podemos perceber que cada vez mais a cultura, os modos de vida, de se comportar, de ser e de estar, vão se alterando, adequando-se às exigências do próprio tempo (SILVA, 2000, p. 13). Ainda para este autor, o debate em torno da identidade masculina, nos últimos anos, tem indicado uma verdadeira crise da masculinidade do homem contemporâneo. “O homem estaria sendo colocado em ‘xeque’ porque estaria perdendo a noção de sua própria identidade, passando a buscar uma melhor descrição de si. Este fato, conjuraria um certo mal-estar semelhante àquele provocado pelo estado de decadência masculina no final do século passado” (SILVA, 2000, p. 8).

Para Silva (2006), a crise da masculinidade se estabelece a partir de um conflito identitário vivido pelo homem. O autor afirma que estes conflitos se constituem a partir de dois movimentos distintos: a tentativa de se manter uma identidade ora pautada em modelos tradicionais, ora em modelos modernos de masculinidade. Depois, a impossibilidade de sustentar a hegemonia no que se refere às subjetividades da maioria dos homens. Assim,

O conceito de masculinidade hegemônica está calcado nos modelos tradicionais e nos predicativos da personalidade do homem, qual seja, “machista, viril e heterossexual”, do mesmo modo em que este deve apresentar distanciamento emocional, agressividade e comportamento de risco no seu dia a dia, ou seja, um homem bem mais próximo dos modelos do cavaleiro medieval, do guerreiro oitocentista e dos grandes soldados, ao passo que os novos modelos de masculinidade têm colocado em evidência uma preocupação quanto a redefinição do papel de pai, marido, amante, trabalhador e cidadão. (SILVA, 2006, p. 121).

Conforme Jablonski (1999), os movimentos de emancipação feminina contribuíram para uma nova postura dos homens, tanto em relação à convivência com as mulheres quanto à necessidade de reavaliarem seus papéis em relação às atividades domésticas. Neste caso, segundo o autor, essa nova postura tem afetado o comportamento masculino levantando questões, até mesmo, acerca da identidade masculina, sendo este um problema que vem sendo estudado com maior veemência desde o início da década de 80.

No Brasil, Sócrates Nolasco (1993), foi um dos pioneiros a debater a questão do masculino a partir de recortes multidisciplinares. Para este autor, a crise de identidade

masculina passa pela ideia da desconstrução do masculino, à qual está fortemente relacionada a pós-modernidade. Assim, há uma grande necessidade de entender, nesse novo contexto, a questão do novo tipo de homem, ou seja, o homem contemporâneo. Portanto, num tempo em que tudo é passageiro, fluido, líquido, flutuante, frouxo, transitório, inseguro, incerto e tantos outros adjetivos colocados por estudiosos pós-modernistas, os dilemas de identidade e de pertencimento aparecem como sintomas das transformações do comportamento humano.

Em entrevista cedida a Benedetto Vecchi, Bauman (2005) apresenta uma abordagem sobre identidade a partir de diversas perspectivas: históricas, políticas, socioculturais, psicossociais. O autor vai assinalando o desenvolvimento desta noção desde a sua apresentação sólida, na era pré-moderna, até o seu formato líquido-moderno atual, e enfatiza:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17).

Estas discussões entrelaçadas com os argumentos contemporâneos em que tudo está ligado ao utilitarismo, liquidez, fluidez, entre as crises mais antigas e atuais, está a formação da identidade do menino que, no futuro, será o novo pai.

Os estudos sobre “masculinidades” são fecundos e com diversidade de concepções. Além das discussões de gênero, o debate sobre este tema toma fôlego em algumas correntes da psicologia. No entanto, o presente estudo não visa aprofundar o tema em questão, mas mostrar, em linhas gerais, que além das instabilidades e tensões que afetam as famílias atualmente, em suas relações, a crise masculina contemporânea é, também, um fator que implica as dinâmicas relacionais estabelecidas na convivência entre pai e filho.

2.4.2 Paternidade em crise

A paternidade contemporânea ainda passa por um processo de transição. Apesar da evolução de estudos acerca desse tema, percebe-se o quanto é problemática essa discussão, principalmente quando se refere à relação entre pai e filho.

Para Roudinesco (2003), apesar de a família ainda permanecer a instituição humana mais sólida da sociedade, na época moderna, ela foi sendo cada vez mais desacreditada, retraída

pelas debilidades de um sujeito em sofrimento, deixando de ser conceituada a partir do valor divino ou de Estado.

À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX. (ROUDINESCO, 2003, p. 13).

Roudinesco (2003), trilhando por figuras paternas da mitologia grega e figuras de autoridade, mostra a depreciação que o lugar paterno foi sofrendo até o seu visível enfraquecimento, conferindo a deterioração da figura paterna ao declínio da monarquia, com a decapitação do Rei Luiz XVI: “ao cortar a cabeça do rei, dirá Balzac, derrubou todas as cabeças dos pais de família” (ROUDINESCO, 2003, p. 23). Era o poder divino incorporado ao poder monárquico que sustentava o pátrio poder.

Os heróis imaginados por Sófocles, Shakespeare ou Dostoiévski, depois de transferido por Freud para o psiquismo individual, esclarecem um dos aspectos mais sutis da invenção psicanalítica: a correlação que ela estabelece, no final do século XIX, entre o sentimento do declínio da função paterna e a vontade de inscrever a família no cerne de uma nova ordem simbólica, encarnada não mais por um pai despojado de sua potência divina, depois reinvestido no ideal econômico e privado do *pater familias*, mas por um filho que se tornou pai porque teria recebido como herança a grande figura destruída de um patriarca mutilado. (ROUDINESCO, 2003, p. 68).

O tipo de família gerido com base na hierarquia, regido pelo rigor dos princípios é substituído por formas diferenciadas de organização, sem deixar espaço para o autoritarismo do antigo pai provedor, que exercia todo o poder sobre o grupo. Por outro lado, a natureza dura, insensível e violenta da figura paterna de outrora foi se constituindo em uma imagem negativa e, ao longo do tempo, degradou-se, seja por sua autoridade excessiva ou pelos dilemas na construção de sua identidade masculina (OSHERSON, 1986). Para este autor, muitos dos conflitos entre homens e mulheres são baseados em lutas ocultas permanentes que os filhos homens têm com seus pais e nas várias maneiras pelas quais, como adultos, tentam completar esse relacionamento em suas carreiras e casamentos.

No modelo de família estudado por Freyre (1994), os pais eram considerados os “todo-poderosos”, governavam e tinham poder de autoridade sobre todos os membros que constituíam a família, bem como controlavam todas as propriedades, incluindo terras, esposas e filhos.

O pátrio poder era, portanto, a pedra angular da família e emanava do matrimônio. No Brasil, assim como na sociedade portuguesa até o século XIX, o gênero também exercia influência nas relações jurídicas e a autoridade do chefe da família aparece como legítima na literatura e nos documentos da época, o que não significa que esses papéis, necessariamente, devessem existir dentro da rigidez com que estavam estabelecidos. Sabemos, no entanto, que apesar das variações nos modelos familiares, o dominante era o de famílias extensas baseadas nas relações patriarcais. (SAMARA, 2002, p. 33).

Além disso, enquanto os eventos feministas cresciam e davam à mulher um novo espaço de poder, a figura masculina era criticamente subestimada por pensamentos pós-modernos.

O relatório do Instituto Promundo-Brasil (2016), intitulado “Situação da Paternidade no Brasil”, lembra que o tema sobre paternidade voltou ao debate público centrado na discussão “não-paternidade”, ou seja, na ausência dos pais, um fenômeno que possui raízes profundas na história, muito marcada pelo patriarcado, pelo machismo e pela divisão sexual do trabalho. Ainda assim, o retorno que envolve esse tema foi demarcado por vias judiciais que obrigavam os pais ausentes a se manifestarem perante a lei para solucionar conflitos, principalmente de pensão alimentícia.

Em determinadas épocas, o papel do pai era distante da vida no interior da casa. Nesta, cumpria-se apenas a obrigação de provedor e fiscalizador da família. O pai tinha um papel bem definido. Em certos sistemas do patriarcado, sua relação com os filhos era apenas para corrigi-los, castigá-los. Era uma relação recortada e limitada. Assim, por muito tempo, esse modelo foi passando de geração em geração, haja vista que o pai era o exemplo, o esboço a ser seguido.

Muitas marcas negativas foram deixadas e transformaram-se em violência, em razão de as mulheres e os filhos já não mais consentirem tal forma de agir do “chefe da família”. Ferrer (2020) afirma que a transição da função patriarcal às novas exigências sociais de relacionamento tem sido árdua para muitos pais que não sabiam como se relacionar com os filhos, não sabiam como educá-los, como dar afeto, como dialogar.

Em face de o homem estar em busca de nova identidade masculina, há uma preocupação da literatura com a definição do papel homem-pai, haja vista este tenha se moldado à nova conjuntura política, social e econômica do mundo atual. Silva (2006) relata que na busca por esta (re)definição, estudos sobre paternidade aparecem em um campo particular de ações e investigações. “A participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado com as crianças, aparece sobre a égide da expressão “Nova Paternidade” (ARTILHA; RIDENTE; MEDRADO, 1998, p. 20 *apud* SILVA, 2006, p. 126).

Ferrer (2020) declara, ainda, que entender o pai é entender o homem. Para isto, ele mostrou um percurso de vida do homem com alguns questionamentos que devem ser considerados:

Homem - Filho/Menino	Como viveu a infância? Como era o vínculo com o pai? Como se entendia com outros homens? Como se relacionou com a mãe?
Homem - Adolescente	Como começou a se vincular com o pai na adolescência? Como começou a se desvincular da mãe para ir em busca de uma identidade própria enquanto homem?
Homem - Esposo	Como se enfrenta diante de uma nova mulher ao se separar de outra mulher (mãe) na adolescência para se constituir homem?
Homem - Pai	Como pode ser esse homem como pai que, diretamente, pode estar relacionado à forma como foi filho? Será que continuará com o mesmo modelo do pai ou rompe porque não concordava com o modo de agir do “próprio pai”?

Fonte: Palestra: El Padre Olvidado: Heridas em lo Masculino (2020)

Compreender estas etapas de vida do homem ajuda a entender em que momento as feridas foram estabelecidas, pois as feridas do masculino afetam, diretamente, o papel da paternidade (FERRER, 2020). As demandas solicitadas aos homens/pais mudaram e os comportamentos esperados estão ainda imbricados entre o modelo do pai tradicional e hierárquico e o que se espera do pai contemporâneo, aumentando, assim, a incerteza e a insegurança nos relacionamentos.

Com as mudanças socioculturais, tanto a paternidade quanto o conceito de masculinidade tornaram os homens mais vulneráveis em seus comportamentos e padrões atitudinais, deixando estes temas mais relevantes na atualidade, pois, a partir dessas atuações comportamentais surgem os relacionamentos que vão formando os novos homens.

2.4.3 Relação pai e filho: uma construção

Segundo Osherson (1986), o menino, desde os 3 anos, busca um modelo masculino para construir um sentido de si mesmo. “As investigações mostram que entre os 3 e 5 anos, os meninos começam a afastar-se de sua mãe e sua feminilidade, passando a ter um pensamento bastante estereotipado e dicotomizado sobre o que significa ser ‘como o pai’ ou ser ‘como a mãe’.” (OSHERSON, 1986, p. 6, tradução nossa). O autor continua sua reflexão dizendo que a pressão, nesta idade, para se identificar com o pai cria um problema crucial para os filhos. Eles devem renunciar a mãe pelo pai. Mas quem é o pai? É uma figura difícil de entender, pois, raras vezes, eles associam ao pai afeto e ternura, por ser, geralmente, a mãe ou outra mulher a cuidadora principal. Pelas análises do autor, percebe-se que, já nesta fase, começa o dilema da masculinidade, estendendo-se até a adolescência, fase em que o menino se afasta da mãe em busca de sua própria identidade. Começam, já nesta etapa da vida, os problemas desencadeados nas relações entre pais e filhos que culminam no homem adulto, em que o autor chama de “Negócios Inacabados dos Homens” (OSHERSON, 1986). Corneau (2015, p. 03) afirma que “Todos os homens vivem mais ou menos um silêncio hereditário que se transmite de uma geração à outra e que nega o desejo de cada adolescente de ser reconhecido ou até confirmado pelo pai”.

Samuel Osherson (1986), psicólogo de Harvard, em pesquisa longitudinal, mostra como os “negócios inacabados” de um homem com seu próprio pai afetam seus relacionamentos com sua esposa, filhos, amigos e chefes, levando-o a um profundo sentimento de solidão, vulnerabilidade e raiva: “os relacionamentos iniciais e contínuos dos homens com seus pais moldam os dilemas de intimidade e de trabalho que os homens que crescem hoje enfrentam”. (OSHERSON, 1986, p. 4, tradução nossa).

Para Corneau (2015), o pai tem três papéis a desempenhar com os filhos: primeiro, tem o papel de “separar” a criança da mãe e vice-versa, rompendo a simbiose estabelecida na vida dos dois; o segundo papel é o de ajudar a confirmar a identidade de seu filho ou filha, e o terceiro papel seria o de transmitir “a capacidade de receber e de interiorizar os afetos, de carregá-los consigo” (CORNEAU, 2015, p. 51). A ausência desses papéis tem por consequência o fato de o filho não se identificar com o pai para estabelecer sua própria identidade masculina; ele não se sente seguro e firme da presença do pai para passar à fase adulta (CORNEAU, 2015). Assim sendo, a falta de suporte dada aos filhos causa a fragilidade na construção da identidade masculina à qual se reflete e se propaga para o homem/pai.

Neste sentido, OSHERSON (1986) chama essa fragilidade de “pai ferido”. O pai ferido, segundo este autor, é o senso interno de masculinidade que os homens carregam dentro de si.

“É uma imagem interior do pai que experimentamos como crítica e entediada ou, dependendo do nosso relacionamento com o pai, como carente e vulnerável”. (OSHERSON, 1986, p. 27, tradução nossa). O autor acrescenta ainda que existem três aspectos do pai ferido que estão ligados, mas separáveis: o filho pode se lembrar do pai como um amargurado, com uma profunda tristeza, incompetência ou raiva do pai que domina sua imagem de homem; ele pode se lembrar como um ferimento, evocando os sentimentos de perda e carência que o filho experimentou por ter sido rejeitado ou desapontado pelo pai; por último, o filho pode introjetar e internalizar imagens e memórias distorcidas e idealizadas do pai enquanto ele luta para sintetizar sua identidade enquanto homem. (OSHERSON, 1986).

Corneau (2015) afirma que, apesar de muitos estudos mostrarem a importância do papel pai só a partir do terceiro ou quarto ano de idade da criança, outros estudos, nos Estados Unidos e na Noruega, conduzidos com garotos que apresentavam problemas, chegaram a conclusões equivalentes, desestabilizando várias crenças: “é ao longo dos dois primeiros anos de sua existência que os meninos têm absolutamente necessidade do pai” (CORNEAU, 2015, p. 14). Henry Biller, conforme Corneau, realizou vários desses estudos, enfatizando que

muitos desses estudos demonstraram que uma relação calorosa e afetuosa entre pai e filho vai reforçar o desenvolvimento da identidade masculina deste último. Ele adiciona ainda que os limites e a disciplina impostos pelo pai só serão eficazes no contexto de tal relação, e que de outro modo eles correm o risco de impedir o filho de imitar o pai. (CORNEAU, 2015, p. 15).

Muitos estudos na área da psicologia mostram a necessidade da presença do pai no desenvolvimento dos seus filhos e as consequências que a ausência, física ou psicológica, causam na vida de muitos homens, os quais não sabem lidar com tal situação.

Apesar de a maior parte dos estudos sobre as relações entre pai e filho estarem concentrados no campo da psicologia, não se deve perder de vista que é na família que se dá a construção dessa relação. Conforme Donati (2011, p. 94),

para além dos paradigmas individualistas e holistas, é necessário orientar-se rumo a um paradigma autenticamente relacional, segundo o qual as mudanças sociais da família consistem na emergência de realidades sociais praticadas por sujeitos que estão em relação entre si num determinado modo (a forma familiar).

Para este autor, depois de cada interação, a relação que lhe dá suporte e que atualiza não é mais a mesma: fortalece-se ou enfraquece-se, mudando, de qualquer forma, as suas

qualidades. É no interior desta família que se encontram pai e filho que se relacionam e influenciam-se entre si, mantendo um sobre o outro um efeito de reciprocidade.

Apesar de muitos estudos convergirem para as crises de masculinidade e paternidade, há outros horizontes mostrando que a construção da relação entre pai e filho pode se manifestar de forma mais dinâmica e positiva. O Promundo-Brasil (2021), com 24 anos de existência, é uma Organização não Governamental que nasceu na década de 90, momento em que exigia uma participação mais ativa da sociedade civil organizada por ser um período de latente democracia na sociedade brasileira. “O Promundo nasce com a missão de ressignificar as masculinidades para transformar os meninos e homens em aliados para a equidade de gênero, e assim, criar um mundo livre de violências baseadas em gênero.” (PROMUNDO-BRASIL, 2021). O relatório do Promundo-Brasil (2016) mostra que

o papel do homem como cuidador tem o potencial de desconstruir um modelo dominante de masculinidade – patriarcal e machista - que reforça a desigualdade de gênero abrindo caminho para a construção de outros modelos que não sejam violentos, mas baseados no afeto e no cuidado. (PROMUNDO-BRASIL, 2016, p. 16).

Este relatório, atualizado em 2019, mostra que há uma evolução das pesquisas acadêmicas sobre o tema da paternidade, bem como apresenta uma tabela com as principais iniciativas no campo da paternidade e cuidado no Brasil na última década. “O presente relatório volta a sua atenção para o que efetivamente precisa ser feito para que cada vez mais homens, pais e instituições se engajem na discussão sobre a prática da construção de paternidades saudáveis” (PROMUNDO-BRASIL, 2019, p. 3).

Campeol e Crepaldi (2019) afirmam que as investigações científicas e o reconhecimento da importância sobre essa temática ainda são recentes, mas as evidências podem servir de incentivo para novas pesquisas, já que se observa uma relação positiva entre o envolvimento paterno e o desenvolvimento satisfatório das crianças.

Há um movimento importante que pode sinalizar a transição da paternidade em que o homem vem assumindo uma nova postura parental. “O homem-pai está se distanciando da função unicamente de provedor da família e aproximando-se de uma figura afetiva e de cuidado (CAMPEOL; CREPALDI, 2019, p. 503).

Neste sentido, percebe-se que, atualmente, as preocupações sociais e acadêmicas não se destacam apenas no campo da crise e das mazelas proporcionadas pelo homem, mas também na relevância que o pai tem na construção de relações saudáveis na família e na sociedade.

2.5 PATERNIDADE E FILHO ADOLESCENTE

2.5.1 A adolescência

O estudo sobre adolescência se estabelece, conforme Moreira, Rabinovich e Fornasier (2020) diante de inúmeros e atuais desafios de uma fase que pode ser caracterizada entre a infância e a adultez. Ariès (1986) confessa que para nomear as idades da vida houve uma grande dificuldade quando estas foram transplantadas do latim para o francês. Contudo afirma que “como juventude significava força da idade – idade média – não havia lugar para a adolescência. Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância” (ARIÈS, 1986, p. 41). Para Larson *et al.* (2002 *apud* MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2020, p. 24), “a adolescência é uma invenção ocidental do final do século XIX e começo do século XX devido à urbanização, ao desenvolvimento da educação secundária e ao desejo de retirar a juventude do mercado de trabalho”.

Observa-se a complexidade dessa fase desde o seu surgimento e definição. Calligaris (2000) diz que os adolescentes lidam com as dificuldades de crescer no cenário complicado da família moderna. Além de muitas outras adversidades apontadas pelo autor, ele adverte que os adolescentes “precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial” (CALLIGARIS, 2000, p. 9). Esse autor afirma, ainda, que “o adolescente vive um paradoxo: ele é frustrado pela moratória imposta, e, ao mesmo tempo, a idealização social da adolescência lhe ordena que seja feliz” (CALLIGARIS, 2000, p. 18). No entanto, começa a definir o adolescente como

um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. Aprende que, por volta de mais dez anos, ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar [...]. Uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência. (CALLIGARIS, 2000, p. 15).

Para Mattos e Roncancio-Moreno (2020, p. 125), “O período da adolescência é um dos momentos mais críticos do curso da vida, quando várias mudanças e transformações psicossociais permeiam simultaneamente a pessoa e o contexto em que ela se insere”. Para as

autoras, as investigações sobre adolescência vêm sofrendo mudanças paradigmáticas nas últimas décadas. Uma referência destas mudanças, “na maioria das sociedades, é um alongamento do período transicional adolescente, em que se está considerando os 30 anos iniciais de uma pessoa como fazendo parte deste período, em algumas sociedades ocidentais.” (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018, p. 24). Estes autores, citando Larson *et al.* (2002), destacam, ainda, que uma questão essencial é saber “se essas mudanças criarão trajetórias que melhor prepararão os adolescentes a se tornarem adultos saudáveis e produtivos, ou se os caminhos aumentarão os riscos para os adolescentes e para as suas sociedades, quando essa juventude entrar na fase adulta”. (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018, p. 24).

No Brasil, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, atualizado em 2021, o Artigo 2º,

Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo Único: Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. (BRASIL, 2019).

Já a Organização Mundial de Saúde delimita a adolescência à segunda década da vida (10 a 19 anos) e considera que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos. No entanto, há uma subdivisão nestes conceitos os quais são identificados como adolescentes jovens (15 a 19 anos) e adultos jovens (20 a 24 anos). Assim sendo, percebe-se uma divergência entre o conceito estabelecido pela lei brasileira que determina a adolescência entre 12 e 18 anos, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Organização Mundial da Saúde, a qual é adotada pelo Ministério da Saúde.

O Marco Legal: saúde um direito de adolescentes, elaborado pelo Ministério da Saúde em 2005, define adolescência como “a etapa da vida compreendida entre a infância e a fase adulta marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial”¹¹ (BRASIL, Ministério da Saúde, 2005), destacando a relevância que os critérios biológicos, psicológicos e sociais têm na abordagem conceitual da adolescência e da juventude.

Para Pratta e Santos (2007), o conceito de adolescência, como é conhecido atualmente, é uma construção recente do ponto de vista sócio-histórico. Apesar de ser considerada por

¹¹ Perspectiva Biopsicossocial (mente-corpo) é um ponto de vista segundo o qual a saúde e outros comportamentos são determinados pela interação entre mecanismos biológicos, processos psicológicos e influências sociais. (STRAUB, 2014).

muitos um fenômeno universal, o início e a duração dessa fase da vida apresentam características específicas, dependendo do ambiente sociocultural e econômico no qual o indivíduo está inserido.

Diante do cenário contemporâneo, há uma preocupação na formação dos adolescentes brasileiros, haja vista que nesta conjuntura, as oportunidades não são iguais para famílias que têm mais recursos para assumir um prolongamento dessa fase e preparar melhor seus adolescentes para uma adultez mais desafiadora, e de famílias pobres que, muitas vezes, o adolescente precisa entrar no mundo do trabalho para ajudar nas despesas da casa.

Além disso, Gomes (2018) elaborou um estudo que teve como principal objeto a adolescência brasileira em meio às modificações socioculturais contemporâneas, advertindo que

seria impossível abranger em um único estudo toda a complexidade do processo adolescente no Brasil, tendo em vista que este assume características específicas diante de múltiplos fatores, tais como: classe social, grupo étnico, gênero, contexto histórico e regional. (GROPPO, 2000 *apud* GOMES, 2018, p. 9).

Bock (2007) examinou alguns livros, revistas e publicações que foram destinadas a pais e educadores para um saber mais técnico sobre a adolescência. O interesse desse estudo deu-se exatamente na concepção de adolescência difundida nestas publicações, apresentando uma análise crítica e indicando as consequências de concepções naturalizantes, tanto na prática educativa quanto na fragilidade das políticas públicas neste setor. Com base numa perspectiva sócio-histórica em psicologia, a referida autora disse que sua pretensão era contribuir para a divulgação e desenvolvimento de uma concepção de adolescência como produção social, “indicando possibilidades de novas práticas e subsídios para a construção de políticas públicas para a juventude, levando-se em consideração a adolescência a partir de sua natureza histórica” (BOCK, 2007, p. 63).

Buscando compreender a concepção de adolescência presente na sociedade, Bock (2007) enfatizou a concepção naturalizante como limitada, que restringe as práticas dos psicólogos em quadros “patologicamente normais” ou “naturalmente patológicos”.

Os psicólogos estão, a nosso ver, perdendo a possibilidade de contribuir na construção de políticas públicas para a juventude que, entendendo a adolescência como um período do desenvolvimento com suas características constituídas nas relações sociais e nas formas de produção da sobrevivência, possam contribuir para a ressignificação, pelo adulto, deste período e sugerir novas formas de relacionamento que tenha no jovem um parceiro social. [...]

o que os nossos jovens estão fazendo, como estão se comportando deve ser compreendido como fruto das relações sociais, das condições de vida, dos valores sociais presentes na cultura, portanto, como responsabilidade de todos que fazem parte de um conjunto social. (BOCK, 2007, p. 75).

Para Fonseca e Ozella (2010, p. 413),

A adolescência é compreendida como um momento de um processo e, como tal, em construção, que pode ser diferente do que está sendo para o próprio adolescente e para uma sociedade. É entendido como não natural e universal, mas produto de sua história de vida, enquanto sujeito pertencente a um grupo social, a uma cultura, da qual recebe influência e sobre a qual age dialeticamente; não desenvolvimentista, pois cada sujeito o vivenciará de uma maneira, dependendo de suas interações sociais, do desenvolvimento de seus interesses, de suas necessidades e da significação que as mudanças biológicas têm ou tiveram. [...] cada um seja sujeito de sua própria história, capaz de fazer suas escolhas dentro de suas possibilidades objetivas e subjetivas, desenvolvendo uma autoconsciência e autonomia diante do contexto.

Neste sentido, os autores supracitados compreendem que esta concepção, além de não negar as mudanças biológicas, entende os significados históricos e sociais imbricados nesta fase.

Knobel (1981) assinala que se deve considerar, em parte, a adolescência como um fenômeno específico dentro da história do desenvolvimento do ser humano e que, sob outra perspectiva, deve-se estudar a sua expressão circunstancial de caráter geográfico e temporal histórico-social.

Sob o ponto de vista psicanalítico e seguindo as ideias de Aberastury e Knobel (1981) diz que o adolescente realiza três lutos primordiais: 1. O luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência; 2. O luto pelo papel e identidade infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece; 3. O luto pelos pais da infância, os quais tentam reter sua personalidade. Neste entendimento, o adolescente encontra-se em um estado de vulnerabilidade especial para apropriar-se dos impactos que são delineados pelos pais, irmãos, amigos e toda a sociedade, ou seja, ele é um receptáculo propício para assumir os conflitos dos outros, sem dar conta dos seus. “As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo” (ABERASTURY, 1981, p. 13). Segundo a autora, isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância.

Apesar da breve ilustração sobre as concepções de adolescência, percebe-se a complexidade desta fase da vida e os vários caminhos percorridos pelos estudiosos com abordagens diferenciadas.

Em 17 de novembro de 2021, a World Health Organization (OMS) publicou em seu site um artigo intitulado “Saúde Mental do Adolescente”, afirmando que

a adolescência é um período crucial para o desenvolvimento de hábitos sociais e emocionais importantes para o bem-estar mental. Estes incluem: a adoção de padrões de sono saudáveis; exercícios regulares; desenvolvimento de enfrentamento, resolução de problemas e habilidades interpessoais; aprender a administrar emoções. Ambientes de apoio na família, na escola e na comunidade em geral também são importantes. (OPAS/OMS, 2021).

A UNICEF Brasil (2021, p. 21) afirma que “a adolescência é uma fase de muitas transformações e oportunidades e direitos e por isso pode gerar diversas inseguranças e dúvidas. Por ser difícil de comunicar o que quer, o que sente e o que precisa. [...] Os sonhos mudam, os desejos, o corpo, as relações”. Pensando no bem-estar do adolescente, a UNICEF organizou um *e-book* denominado “Saúde Mental de Adolescentes e Jovens (2021)”, direcionado ao adolescente que enfrenta muitos desafios e descobertas, principalmente no contexto da pandemia e depois dele.

A problemática acima descrita é complexa desde o consenso sobre a definição da etapa da adolescência a alguns estudos com abordagens diversificadas. Mostra a multiplicidade de elementos impossíveis de serem esclarecidos utilizando apenas um enfoque ou um único campo de estudo.

Para Aberastury (1981), a adolescência foi motivo de muitos estudos que progrediram desde o início do século XX, considerando os problemas surgidos com o despertar da genitalidade até o estudo das estruturas do pensamento que localiza o jovem no mundo de valores adultos. Para esta autora, a psicanálise, a psicologia e a psiquiatria tentaram descrever e entender o significado da crise do crescimento, a qual é acompanhada de sofrimento, contradição e confusão. Já a sociologia e a psicologia social se debruçaram sobre o problema e propiciaram a solução de algumas de suas questões específicas.

2.5.2 Adolescência e relação familiar

A adolescência é um evento previsível que apresenta grande impacto na vida familiar e é considerada uma crise importante neste contexto, segundo Pratta e Santos (2007). Os autores

consideram que a adolescência apresenta tarefas particulares que envolvem todos os membros da família.

A família corresponde a uma instituição que exerce uma influência significativa durante todo o processo de desenvolvimento do indivíduo, sendo encarada, geralmente, como um grupo que apresenta uma organização complexa e que está inserido em um contexto social mais amplo, mantendo, com este, constante interação. [...] Os adultos têm um papel central nesse processo, pois oferecem a base inicial aos mais jovens, a bagagem de regras e normas essenciais para o social, bem como atuam como modelos introjetados, geralmente como ideais, cujas atitudes e comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem. (PRATTA; SANTOS, 2007, p. 248-252).

Conforme os autores supracitados, as práticas de educação e socialização das crianças iniciam-se na família, estabelecendo-se formas e limites para as relações que são mantidas entre as gerações mais novas e mais velhas.

Além disso, Pratta e Santos (2007) dizem que é no interior da família que o indivíduo nutre seus primeiros relacionamentos interpessoais, com pessoas significativas. É no interior da família que se estabelecem as trocas emocionais que funcionam como um suporte afetivo valoroso quando as pessoas atingem a fase adulta. “Estas trocas emocionais estabelecidas ao longo da vida são essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos e para a aquisição de condições físicas e mentais centrais para cada etapa do desenvolvimento psicológico” (PRATTA; SANTOS, 2007, p. 250).

No que se refere à função social da família, os autores afirmam que a essência está na transmissão da cultura de uma dada sociedade, assim como a preparação desses indivíduos para o exercício da cidadania. Para estes, é a partir do processo de socialização que o indivíduo elabora sua identidade,

adquirindo, no interior da família, os valores, as normas, as crenças, as ideias, os modelos e os padrões comportamentais necessários para sua atuação social. [...] A família apresenta, também, um papel relevante em relação à conservação e mudanças de hábitos, costumes e comportamentos entre os membros que a compõem e entre as gerações. (PRATTA; SANTOS, 2007, p. 250).

Silva *et al.* (2012, p. 121) afirmam que “a família se caracteriza como instituição social dinâmica, complexa e capaz de interagir com a multidimensionalidade que a circunda e de adaptar-se aos fenômenos intervenientes, por vezes desfavoráveis, com vistas ao equilíbrio necessário para o seu desenvolvimento saudável”. Assim, segundo os autores, a família tem a

importante função de satisfazer as necessidades básicas para a formação do ser humano, constituindo-se como uma unidade indispensável à proteção integral de seus membros. “Este grupo social está intimamente relacionado à transmissão e apreensão do conhecimento aos seus membros, condição capaz de modificar suas formas de funcionamento e as relações intrafamiliares” (SILVA *et al.*, 2012, p. 121).

Transformações importantes vêm acontecendo no interior da família contemporânea, sendo mais visíveis na adolescência dos filhos, segundo Stengel (2011). “Um ponto de impacto dessas mudanças localiza-se no relacionamento paterno-filial. Nesse cenário, o exercício da autoridade tem sido percebido como cada vez mais complexo, com os desafios, impasses e dificuldades que se apresentam” (STENGEL, 2011, p. 502). Para a autora, a família tradicional e a pós-moderna oferecem modelos identitários diferenciados a cada um dos membros. Enquanto a família tradicional pauta-se em valores e padrões de comportamento relativamente estáveis, passados de geração em geração, na família contemporânea não há modelos fixos, há inconstância e indefinição em seus papéis. “Há a coexistência de valores e padrões de comportamentos tradicionais e novos, portanto, muitas vezes, contraditórios” (STENGEL, 2011, p. 507).

Citando Rocha e Coutinho (2006), a autora declara que as desconstruções dos modelos fixos do passado que alteraram os papéis e as posições de todos os membros, também alteraram as formas de relação entre as diferentes gerações na família, ou seja, “cada família pode definir a forma como suas relações serão vividas, as bases em que se pautarão e, inclusive, o exercício da autoridade em seu interior” (STENGEL, 2011, p. 507).

Em cada fase da vida dos filhos, os pais precisam fazer adaptações no exercício parental, pois novos desafios e exigências são colocados a todo momento. Stengel (2011), em uma pesquisa qualitativa com entrevistas profundas, com pais e mães de adolescentes, diz que, entre os entrevistados, não houve consenso se a infância ou adolescência é melhor para o exercício parental, mas foram unânimes em afirmar que a relação entre eles e os filhos modificou-se quando estes entraram na adolescência e afirma que “muitas dessas modificações afetam direta ou indiretamente o exercício da autoridade nas famílias” (STENGEL, 2011, p. 511).

Ainda para essa autora, a adolescência é uma fase de ruptura com a atitude infantil de ser uma posse dos pais. “Nessa mudança, a relação entre o adolescente e seus pais passa a ser pautada por uma ignorância, a dos pais, por não compreenderem seu filho, e deste, por não entender seus pais” (STENGEL, 2011, p. 505). Esse processo de mudança requer adaptações de regras, dentre as quais o adolescente deve renunciar aos papéis infantis e os pais precisam buscar formas de manter a autoridade em um contexto familiar mais igualitário. Neste sentido,

conforme Pratta e Santos (2007), nesta etapa do desenvolvimento, o diálogo assume um papel imprescindível, ainda que os adolescentes, muitas vezes, se fechem em seu próprio ‘mundo’.

Devido a uma tendência à reclusão e a busca de refúgio na fantasia e no devaneio, o diálogo com os membros da família, nessa etapa da vida, é essencial, pois é justamente nesse período que eles mais necessitam da orientação e da compreensão dos pais, sendo que todo legado que a família transmitiu aos mesmos desde a infância continua sendo relevante. A falta de diálogo no ambiente familiar pode, portanto, acarretar ou, em certos casos, acentuar algumas dificuldades, principalmente em termos de relacionamento, podendo afetar, até mesmo, o bem-estar e a saúde psíquica do adolescente. (PRATTA; SANTOS, 2007, p. 253).

Para além da psicologia e da psicanálise, Petrini e Moreira (2020) afirmam que a antropologia dramática é observada em qualquer relacionamento, principalmente naqueles que são decisivos para a formação da identidade pessoal:

As relações familiares, em geral, aparecem como as mais dramáticas porque o que está em jogo não é apenas o sucesso ou o insucesso como pode acontecer na atividade profissional. O que está em jogo é a própria identidade das pessoas, a percepção de si e do destino da direção que dá significado a cada passo dado. (PETRINI; MOREIRA, 2020, p. 35).

Para estes autores, a realização humana depende quase sempre do comportamento do outro e a pessoa não tem nenhuma garantia de que o comportamento do outro seja conforme o desejado. “Sua felicidade depende de algo que está fora de sua capacidade de garantir. Portanto, só pode viver numa postura de espera e de pedido” (PETRINI; MOREIRA, 2020, p. 35). Nota-se, neste contexto, a importância da família para a formação da identidade do adolescente, já que este, conforme diversos conceitos, passa por um processo de construção.

Moreira, Rabinovich e Fornasier (2020) organizaram uma pesquisa, tendo como objetivo principal descrever, segundo a ótica dos adolescentes, como estes vivenciam este estágio da vida, focalizando os aspectos agradáveis/confortáveis e desagradáveis/desconfortáveis dessa mesma trajetória. Um dado significativo nesta pesquisa é que, em praticamente 100% das respostas, os participantes descreveram a família como positiva, associada a uma compreensão de que a família lhes fornece sua base e os apoia, lembrando que os participantes deste estudo pertenciam à classe média da Região Metropolitana de Salvador, o que faz jus à preocupação anteriormente citada pelos pesquisadores em relação à diferença de classe, chegando, assim, à conclusão da necessidade de se realizar estudos com adolescentes de camadas pauperizadas.

Neste sentido, Pratta e Santos (2007) sugerem, diante das dificuldades de os pais se adequarem a determinadas particularidades do relacionamento com os filhos adolescentes, a necessidade de um investimento em programas de orientação para os genitores, auxiliando-os com orientações mais precisas que sirvam de referência para esses jovens frente a situações que necessitem de reflexão e tomada de decisões. “Assim, os pais podem reduzir suas angústias frente à adolescência dos filhos e estes, por sua vez, podem ver os pais como um suporte emocional singular ao qual podem recorrer diante das dificuldades de ajustamento que enfrentam” (PRATTA; SANTOS, 2007, p. 255).

Petrini e Moreira (2020) também sugerem políticas públicas que tenham a finalidade de ajudar a sustentar as relações familiares quando estas estão fragilizadas ou em situação de risco.

É interessante lançar um olhar sobre as políticas dirigidas às famílias, a fim de verificar em que medidas elas colaboram, ou não, para o fortalecimento das relações familiares. [...] Um critério sintético para delinear uma política social como ‘familiar’ não é tanto o objeto de sua atenção à família, mas o fato de estar orientada a sustentar as relações familiares, fortalecendo-as e tornando as famílias mais capazes de agir com responsabilidade diante das próprias circunstâncias de vida. (PETRINI; MOREIRA, 2020, p. 43).

A literatura descreve, nos diversos campos do conhecimento, a influência que a família exerce na formação de um indivíduo, a qual é potencializada na fase da adolescência. Diante das controvérsias descritas nessa fase, conforme problemática já apresentada, percebe-se a pluralidade e complexidade de situações que emergem quando se expõe a temática da relação entre pais e filhos adolescentes. Inúmeros trabalhos mostram as mudanças na dinâmica familiar nos tempos da pós-modernidade, principalmente nas relações intrafamiliares. No passado, as relações eram mais estáveis, havia uma dinâmica mais previsível nas interações. Atualmente, segundo Petrini e Moreira (2020), as relações são produzidas, consumidas, modificadas dia a dia, elas aparecem mais fluidas (Lipovetsky, 1989), ou líquidas (Bauman, 2004), ou como prefere Donati (2011) são mais flutuantes. Isso gera incerteza e insegurança nos relacionamentos entre as pessoas, afetando diretamente a estrutura familiar, tornando um desafio no contexto atual. Todavia,

Isso cria uma complexidade inédita que precisa ser investigada. Para tanto, como o mundo se torna relacional, é necessária uma visão relacional para compreender a família em sua complexidade. [...] a perspectiva relacional é um modo de conhecer e um modo de intervir sobre a família que abre uma nova perspectiva de estudo, pois constitui uma abordagem teórica, uma nova maneira de conhecer a família, ou melhor, reconhecê-la nas suas

características, nos seus fatores constitutivos. (PETRINI; MOREIRA, 2007, p. 30-36).

Neste sentido, a abordagem relacional é uma possibilidade relevante de lidar com as relações familiares em uma sociedade cheia de incertezas, inseguranças, polêmicas e, sobretudo, individualista. É uma forma de possibilitar à família uma abertura para uma relação de qualidade, especialmente entre pais e filhos adolescentes, os quais esperam respostas satisfatórias às suas dúvidas diante das adversidades.

2.5.3 Ausência paterna

Diante de características exploradas por várias linhas de pensamento e diversas concepções interdisciplinares sobre adolescência, observa-se a complexidade desta fase, especialmente perante suas relações interpessoais, sobretudo a familiar. Para um adolescer saudável, conforme Araújo *et al.* (2010), é imprescindível que essas relações sejam favoráveis, “já que vivemos no estado de interdependência, precisamos dos outros para confirmar nossa existência. No entanto, viver um adolescer saudável, pode variar de uma circunstância para outra, tanto em relação às condições sociais, como às individuais” (ARAÚJO *et al.*, 2010, p. 136).

Para Spanzerla e Levandowski (2010) muitas pesquisas se empenharam para compreender a relação pai e filho, reconhecendo a importância do papel que os pais desempenham junto aos filhos, considerando as particularidades históricas e culturais. Para essas autoras,

independentemente da organização da família, os pais têm hoje reconhecida a sua importância peculiar ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos. É essa presença que facilitará a estes a passagem do mundo da família para o mundo social e que propiciará o acesso à agressividade, à afirmação de si, à capacidade de se defender e de explorar o ambiente, entre outras. (SPANZERLA; LEVANDOWSKI, 2010, p. 298).

As autoras acima citadas apontam diversos estudos que mostram a importância de a criança conviver com ambos os genitores, pois cada um coopera positivamente para algum aspecto do seu desenvolvimento. Por outro lado, os estudos mostram, também, que a ausência do genitor ou a inexistência de uma relação harmoniosa entre pai e filho, especialmente na adolescência, pode ser considerada fator de risco para o desenvolvimento psicológico, cognitivo e até mesmo social. Por isso, segundo as autoras, é relevante estudar a ausência paterna e suas

repercussões para o indivíduo na fase da adolescência (SPANZERLA; LEVANDOWSKI, 2010).

Para tanto, elas admitem que o conceito de ausência paterna tem se mostrado de difícil definição, sendo usado, muitas vezes, para fazer referência a fenômenos diferentes. Primeiro, o conceito de ausência paterna se reporta a uma perspectiva mais tradicional da paternidade, em que o pai não se envolve diretamente com os cuidados do filho. Mesmo sendo provedor e oferecendo suporte emocional à mãe, bem como exercendo poder de autoridade perante os filhos, este encontra-se ausente afetivamente, ou seja, “a ausência paterna seria decorrente da distância emocional/falta de afeto, que pode acontecer mesmo naquelas situações em que o pai está fisicamente presente” (SPANZERLA; LEVANDOWSKI, 2010, p. 299).

Outros estudos consideram a ausência paterna como a falta de convivência física, em virtude de separação conjugal/divórcio, morte ou trabalho.

Nesse caso, a ausência paterna caracteriza-se pela não presença do genitor. Não se pode desconsiderar ainda aquelas situações que englobam essas duas formas de ausência da figura paterna, uma vez que a distância física pode predispor ao afastamento emocional da dupla pai-filho, por exemplo. (SPANZERLA; LEVANDOWSKI, 2010, p. 299).

Para Trapp e Andrade (2017), a falta do pai no ambiente familiar, por separação conjugal ou abandono, pode acarretar ou acentuar algumas dificuldades em termos de relacionamento, podendo afetar o bem-estar e a saúde psíquica da criança e do adolescente. Estes autores asseguram que

As experiências vivenciadas pela criança ou adolescente, tanto no contexto familiar quanto nos outros ambientes nos quais ele está inserido, contribuem diretamente para sua formação enquanto adulto, sendo que, no âmbito familiar, o indivíduo vai passar por uma série de experiências genuínas em termos de afeto, dor, medo, raiva e inúmeras outras emoções, que possibilitarão um aprendizado essencial para sua atuação futura. (TRAPP; ANDRADE, 2017, p. 49).

Neste sentido, os autores acima citados afirmam que a ausência ou o abandono do pai na infância tende a criar um desequilíbrio e gerar vários problemas na formação da personalidade dos filhos, pois ele é um agente socializador que influencia na formação e desenvolvimento de seus descendentes. “Sabemos que a carência de amor e de afeto compromete o desenvolvimento da criança e do adolescente. E quando as interações entre pai

e filho são mal adaptativas ou desajustadas, os resultados poderão levar a formas de comportamento antissocial” (TRAPP; ANDRADE, 2017, p. 49).

Benczik (2011, p. 68) afirma que “o distanciamento entre o homem e os demais membros do núcleo familiar denuncia-se na fragilidade do vínculo estabelecido entre pai e filho, principalmente quando se trata de crianças do sexo masculino”. A autora continua afirmando que a ausência paterna tem a capacidade de gerar conflitos no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, assim como influenciar a evolução de distúrbios de comportamento agressivo.

Citando Lima (1997), autor de orientação junguiana, Pucci (2012) declara que, enquanto a mãe tem uma qualidade mais pessoal e relacional, o pai tem uma característica coletiva. “O pai, com suas orientações, insere o filho no mundo e na sociedade, instrumentando-o para o convívio com o outro, propicia um senso de enraizamento na coletividade, zela pelo processo adaptativo” (PUCCI, 2012, p. 39). Contudo, para esta autora, apesar da presença física, há comportamentos inaceitáveis de paternidade que causam instabilidade afetiva, mantendo os filhos inseguros, desencadeando falta de confiança em si mesmo, timidez excessiva e dificuldade de adaptação.

Além dos aspectos acima citados, Risé (2007), a partir de uma reflexão psicanalítica profunda, mostra que a mudança dos papéis dos homens produziu uma lacuna paterna com reflexos na criança e também na sociedade. A origem desse processo tem consequências negativas sobre o indivíduo e sua coletividade, tornando-se incapazes de lidar com dores e feridas, pois, “a marca do pai é a marca da ferida. A dor, o golpe, produto da perda” (RISÉ, 2007, p. 11). Para este autor, as experiências mais profundas começam pelo amor, que tem origem e forma na perda. Por isso, “o pai ensina, testemunha que a vida não é apenas satisfação, confirmação, garantia, mas é também perda, falta, cansaço” (RISÉ, 2007, p. 11). Assim, a primeira função psicológica e simbólica do pai

é organizar, dar um objetivo à matéria na qual o filho ficou imerso durante a relação primária com a mãe, e que por si só tenderia simplesmente à continuação da existência. Por isso, o pai inflige a primeira ferida, afetiva e psicológica, interrompendo a simbiose com a mãe (na qual a criança permanece até o momento em que a intervenção paterna se torna de vital importância) e propondo, a partir daquele momento, uma direção, um *télos*, uma perspectiva ao desenvolvimento da criança. [...] numa primeira fase, a intervenção do pai limita a vida do jovem. Ele o “fere” para torná-lo mais forte. (RISÉ, 2007, p. 12).

Para este autor, é difícil para cada ser dar-se conta do mundo novo sem a relação com o pai, sendo este o condutor, o movimento, a transformação da consciência da qual ele é promotor. Assim, o estrago causado pela ausência paterna é muito grave, principalmente para os adolescentes. Uma sondagem do Conselho Nacional de Pesquisa Italiano sobre adolescentes confirma que lhes falta autoestima necessária para enfrentar a vida. A psicóloga Patrizia Vermigli, que coordenou a pesquisa, destaca a relação entre baixa autoestima e esmorecimento à figura paterna.

Nesse último estudo, salientamos que é o pai a figura mais importante para os adolescentes. É ele, o genitor, que dá sustento quando se trata de socializar ou de “lançar-se” nas situações novas, que ajuda o jovem a separar-se do ninho e a ser mais autônomo, confiando em suas próprias forças. A mãe, ao contrário, quer mantê-lo perto de si, tem mais dificuldade para deixá-lo ir embora. Esse é um comportamento que refreia o amadurecimento do adolescente e pode provocar também uma baixa autoestima e a dificuldade de se socializar com as pessoas da mesma idade. (VERMIGLI, 2001 *apud* RISÉ, 2007 p. 79).

Neste sentido, a figura do pai é favorável para o bom desenvolvimento psicológico e afetivo. Quando o pai é removido, física ou simbolicamente, como acontece na pós-modernidade ocidental, “o desenvolvimento completo da personalidade só se atinge com esforço e episodicamente, e o indivíduo jamais consegue se desapegar das situações psicológicas anteriores, experimentadas na infância” (RISÉ, 2007, p. 84).

Damiani e Colossi (2015) fizeram um estudo sobre a ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. As autoras afirmam que trabalhar este tema não foi tarefa fácil devido à escassez na literatura que associa os efeitos da ausência paterna nos filhos nesta fase da vida. No entanto, concluíram que o estudo confirmou o ressentimento dos filhos em relação à ausência do pai e à carência afetiva que este distanciamento lhes causara.

O impacto desse distanciamento, seja físico e/ou afetivo, reflete em sentimento de desvalorização, abandono, solidão, insegurança, baixa autoestima e dificuldades de relacionamento que começam a ser percebidos na infância e continuam interferindo na trajetória de desenvolvimento na fase adulta. (DAMIANI; COLOSSI, 2015, p. 98).

As autoras entenderam que foram diversas as razões desta ausência e que foram percebidas de formas distintas pelos filhos, bem como os diferenciados impactos no desenvolvimento destes. Ademais, destacaram, ainda, a importância de estudos longitudinais para além da adolescência a fim de melhor compreender como a condição da ausência paterna interfere na trajetória de desenvolvimento na fase adulta.

Para Osherson (1986), a falta de um repertório emocional mais completo entre pai e filho significa que, à medida que os filhos ficam mais velhos, eles carecem de modelos masculinos de acessibilidade sentimental. “Os filhos adultos não apenas lutam com a sensação de não saber como se comportar como homens completos na família, mas também há uma sombra emocional sobre a família – é um lugar onde os homens se tornam meninos fracos e necessitados” (OSHERSON, 1986, p. 39). Assim, continua declarando este autor, à medida que se estuda mais sobre o ciclo de vida adulto, descobre-se que as pessoas revivem as questões de separação e individuação dos pais.

Curar o pai ferido interior é um processo psicológico e social que se desdobra ao longo do tempo e envolve explorar a própria história, testar e explorar um novo sentido de identidade e compreender as complexas correntes cruzadas dentro de nossas famílias que nos afetaram à medida que crescemos. (OSHERSON, 1986, p. 16).

Segundo Benczik (2011, p. 73), “os filhos necessitam de apoio e segurança e de valores que naturalmente cabe ao pai transmitir. Os jovens procuram no seu pai o modelo com o qual possa se identificar. Se o pai está ausente, outros modelos virão ocupar este vazio”. A partir da exposição abordada, as evidências são de que a presença/participação do pai na vida de um filho promove segurança, autoestima, independência e estabilidade emocional.

3 BENS RELACIONAIS: CONCEITO POR PIERPAOLO DONATI

Donati (2011) esclarece que o conceito de Bem Relacional surgiu de forma específica durante a década de oitenta e sofreu uma variabilidade crescente de significados e, também, provocou alguma confusão, pois foi utilizado e interpretado com diferentes interesses e marcos conceituais, em particular, pela ciência política, economia, sociologia, psicologia social e, até mesmo, pela filosofia. O autor ainda afirma que todas as formas de compreender o Bem Relacional do ponto de vista eminentemente prático, pela utilidade que pode ter nos processos econômicos, bem como na governança e regulação da sociedade, são enganosas.

Após descrever a complexidade das abordagens sobre bens relacionais que abrangem as várias áreas do conhecimento, Donati (2011) assume o caráter sociológico desse conceito e afirma que a confusão das concepções está ligada à polissemia dos dois termos que compõem o conceito: as palavras bens e relacionais. Assim, ele define a palavra “bem” do ponto de vista sociológico, dizendo que

Definimos o bem não do ponto de vista de uma ética normativa de natureza dedutiva, mas como uma realidade que satisfaz as necessidades estritamente humanas, e é “bem” na medida em que realiza essa satisfação. O caráter ético inerente à noção de bem não está obviamente excluído, mas sim incluído, porém não é posto a priori, mas deriva da natureza, do sentido e da função social das relações que humanizam a pessoa humana. (DONATI, 2011, p. 8, tradução nossa).

O autor explica, ainda, que o conceito de “bem” equivalente ao conceito anglo-saxão se refere a uma entidade concreta “que se troca e circula entre pessoas e grupos sociais. Mas não pode ser traduzido com o termo ‘mercadoria’, porque os bens relacionais não têm equivalentes monetários e não estão sujeitos às leis do mercado” (DONATI, 2011, p. 8, tradução nossa).

O termo “relacional” também apresenta grandes problemas de definição, segundo Donati, devido às várias formas de entender e abordar o conceito de relação. Contudo, esse autor adota a perspectiva da sociologia relacional¹² que viabiliza a “teoria até então mais desenvolvida da relação social como uma realidade que “faz a sociedade e constitui os fatos

¹² Teoria sociológica elaborada por Pierpaolo Donati de tipo relacional para a observação, análise, estudo e descrição da complexidade social com chave relacional. Essa teoria entende que a realidade não pode ser explicada apenas através da observação e identificação de fatos e eventos sociais físicos que ocorrem no espaço-tempo, mas como uma configuração de realidades relacionais que se articulam e emergem de maneiras muito diferentes, que se reproduzem, mudam e desaparecem com o tempo. Daí uma mudança social sempre envolve uma mudança na forma como as relações sociais se configuram e se estabelecem entre os diferentes atores, sejam eles individuais ou coletivos, influenciando seu modo de pensar e agir e que podem, portanto, dar origem às transformações sociais. (SANDOVAL-ESTUPIÑÁN, L. Y., 2012, p. 251, tradução nossa).

sociais” (DONATI, 2011, p. 8, tradução nossa). Portanto, para este autor, “essa teoria permite definir bens relacionais como aqueles bens intangíveis que consistem nas relações sociais que emergem de agentes/atores orientados reflexivamente para produzir e desfrutar juntos de um bem que não poderiam obter de outra forma” (DONATI, 2011, p. 8, tradução nossa).

Guareschi (2007), através de exemplos do cotidiano e de forma simples, diz que, segundo os filósofos, relação é uma ordenação intrínseca de uma coisa à outra, ou seja,

uma coisa que não pode existir ou ser sem que haja uma outra coisa para completá-la; [...] uma ordenação, um direcionamento intrínseco (necessário) de uma coisa, em direção à outra. Mas essa “coisa” continua “uma”. Nesse sentido, relação é um e é três ao mesmo tempo, embora não sob o mesmo aspecto. Então, comunicação, união, diálogo etc. são relações, mas relação é muito mais: é um conceito que se aplica a uma realidade que não pode ser ela mesma, sem que haja uma outra coisa. [...] Relação existe sempre que uma coisa não pode, sozinha, dar conta de sua existência, do seu ser. O conflito, a exclusão, são relações, pois ninguém pode brigar sozinho, e se há exclusão, há alguém que exclui e alguém que é excluído. A percepção da relação é, pois, uma percepção dialética, percepção de que algumas coisas “necessitam” de outras para serem elas mesmas. (GUARESCHI, 2007, p. 82-83).

Após uma breve análise, esse autor continua sua percepção de “relação” entre pessoas, dizendo que “há os que veem os demais e se consideram a si próprios como “pessoa = relação”, isto é, seres que em si mesmo já implicam outros; seres que ao se definirem já incluem, necessariamente, outras pessoas”. (GUARESCHI, 2007, p. 84). São seres únicos e singulares que não se explicam nem se definem, como pai, mãe, irmão que estabelecem ao longo de suas vidas um universo de relações, mas que continuam sendo únicos.

Donati (2014) afirma que as Ciências Sociais, já há alguns anos, vêm destacando uma existência de tipos de bens que não são coisas materiais, nem ideias, nem desempenhos funcionais, em vez disso, consistem em relações sociais que ele os chama de “bens relacionais”. Mas o que é um bem relacional? Para o autor, em primeiro lugar, é importante enfatizar que, desde o início, o tipo de bem a que se refere como relacional não pode ser investigado a partir das formas tradicionais ou pré-modernas da organização social, pois exigem condições que só a modernidade criou, tornando os indivíduos mais livres, com garantias máximas de mobilidade social.

Estudos empíricos mostram o quão difundidos eles são. Estes bens, que são invisíveis a olho nu (são bens intangíveis) e são continuamente procurados por pessoas, mas eles só passam a existir sob particulares condições. Como exemplos, podemos pensar em bens como os seguintes: confiança entre pessoas ou famílias em dificuldades que desejam ajudar uns aos outros; um

clima colaborativo e sereno em uma empresa; sentimento de segurança entre os moradores de um bairro; um serviço social ou de saúde capaz de melhorar a qualidade de relações entre pais e filhos; [...] e assim por diante. Nossa vida é uma busca contínua por bens relacionais [...]. (DONATI, 2014, p. 20, tradução nossa).

Para ajudar a entender melhor a ideia de bem relacional, Petrini e Moreira (2020, p. 36) afirmam que “a análise relacional não é centrada nos indivíduos, nos mecanismos, nas instituições, nas estruturas, considerados como objetos, como ‘coisas’, mas nas relações sociais que se estabelecem entre sujeitos humanos ao interagirem nas diversas circunstâncias da vida social”. Subjacente ao paradigma relacional está a ideia de uma sociedade em contínua mudança que, em grande parte, se dá devido às relações recíprocas em que seus cidadãos mantêm a partir de sua autonomia e compromisso social.

Em essência, os bens relacionais têm as seguintes propriedades:

eles não são ‘coisas’, mas consistem em relações sociais que têm uma realidade *sui generis*; eles são produzidos e desfrutados juntos por aqueles que deles participam. O bem que eles trazem é um efeito emergente, que resulta em benefício dos participantes, sem que nenhum deles seja capaz de se apropriar disso por conta própria. (DONATI, 2014, p. 21).

A teoria dos bens relacionais como um valor humano desencadeou, conforme Donati (2014), a descoberta de outros bens que conferem elementos à democracia em todas as suas dimensões: sociais, culturais, econômicas e políticas. O autor diz que para um bem relacional existir requer: uma identidade pessoal e social dos participantes; uma motivação não instrumental de cada sujeito em seu envolvimento com o outro; deve ter como regra a reciprocidade; compartilhamento total; requer uma elaboração ao longo do tempo e não apenas interações momentâneas; requer uma reflexividade que opera na relação. Além desses requisitos, os bens relacionais têm qualidades e propriedades: é um efeito emergente que não pode ser adquirido de outra forma, é uma forma que satisfaz as necessidades primárias; só pode ser produzido e beneficiado por meio das relações que o tornam bom e não podem ser trocados ou substituído por nada; é um bem na medida em que corresponde às necessidades primárias que têm a ver com a sociabilidade, fundamentais da pessoa humana e grupos sociais. (DONATI, 2014, p. 30-31).

Para Donati (2011), estar na presença de um bem relacional é quando são os mesmos indivíduos participantes que o produzem e utilizam juntos, diz respeito, principalmente, às pessoas e seus relacionamentos.

Aqui caberia uma extensa e complexa explanação do que são bens relacionais na concepção de Donati. No entanto, o essencial, neste trabalho, é entender que “É a relação que orienta as percepções e dá forma aos nossos sentimentos, que naturalmente são elaborados dentro de nós mesmos” (DONATI, 2016, p. 152). Assim, conforme este autor, um grupo familiar encontra sua identidade na relação de pertencimento recíproco. O sentimento vem desse relacionamento que faz parte da existência humana, não apenas corpórea, mas também, e sobretudo, psicológico, cultural e espiritual.

3.1 FAMÍLIA E BENS RELACIONAIS

Pierpaolo Donati, ao abordar o tema da família, mostra uma visão ampla a partir de sua sociologia relacional e diz que grande parte do público tem dificuldade em compreender as funções que a família exerce para a sociedade. O autor argumenta que

A partir de pesquisas empíricas nacionais e internacionais, sabemos que a resposta predominante é que a família é um bem comum, pois está no topo dos valores compartilhados como lugar de afeto, amor, solidariedade entre pessoas íntimas. Nesse sentido, a família é um bem comum simplesmente porque a maioria da população compartilha um apego a um bem privado, principalmente de natureza emocional. (DONATI, 2018, p. 40, tradução nossa).

Compreender as dinâmicas familiares a partir da abordagem relacional é essencial, haja vista todas as suas características se dão na relação, tanto para o bem como para o mal. Assim, a família é a principal produtora de bens da sociedade.

Não se pode compreender uma dinâmica familiar se não a intencionar como um efeito emergente dos mesmos relacionamentos bons ou ruins que ela produz. A família não é um grupo de indivíduos agregados, é uma relação social que emerge de seu próprio genoma constitutivo. Não aparece se não for gerada como tal. O genoma social da família é uma estrutura circunflexa entre quatro elementos: a motivação da doação gratuita, a regra da reciprocidade, a sexualidade do casal e a procriação. (DONATI 2013 *apud* DONATI, 2016, p. 156).

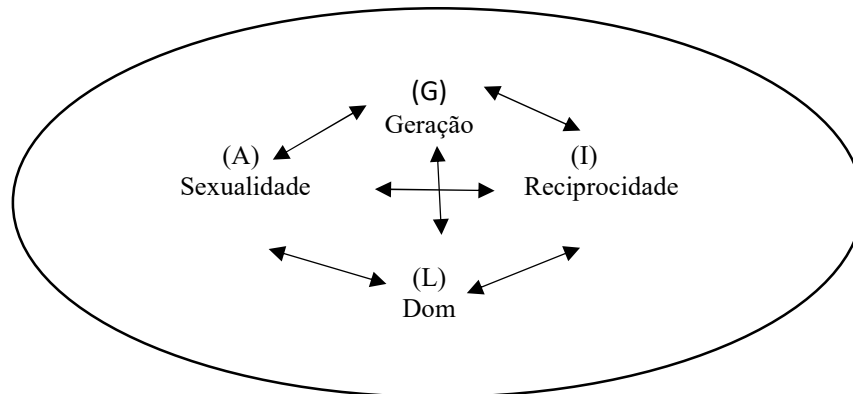
Ao questionar quando existe e quando se realiza a família, quando há uma relação plenamente familiar e como a mesma se exprime, o próprio autor afirma que

A estrutura latente ou genoma que confere identidade social à família, isto é, que faz emergir aquela relação social específica, *sui generis*, a qual chamamos

relação familiar em sentido próprio, consiste no entrelaçamento combinado de quatro elementos ou componentes ligados entre si: *o dom, a reciprocidade, a generatividade e a sexualidade* como amor conjugal. (DONATI, 2011, p. 78).

Para este autor, trata-se de uma configuração relacional que pode ser entendida com base no esquema AGIL¹³ revisado em chave relacional.

Figura 1: A identidade da família (“genoma”) como especifica a relação social



Fonte: DONATI, 2011, p. 78-81.

O autor explica que para formar a família são necessários dons, reciprocidade, sexualidade, generatividade combinados *em um certo modo*.

A forma familiar da relação coincide com uma escolha interpessoal de amor conjugal que se abre a um projeto arriscado de vida comum, o qual procura a sua plenitude em regenerar continuamente um vínculo que significa viver para o outro. O dom é feito neste circuito de reciprocidade: a relação sexual é desejada com alguém que possui um caráter especial, tendo em vista a eventual geração de um ser (aquele filho e não um outro) que será expressão daquela relação de amor, e não outra. (DONATI, 2011, p. 80).

Na 63ª edição da Conferência Anual da Comissão Internacional para Relações de Casal e da Família em Trento, em 2016, Donati disse que “a família é fonte de bens - é a ordem relacional da realidade, composta de indivíduos, mas, especialmente, de relacionamentos. E neste sentido a família pode ser considerada a luz das relações entre os indivíduos e não da mera soma de diferentes indivíduos” (DONATI, 2016). Sendo assim, a família é considerada um bem relacional e produtora desses bens. Cada indivíduo tem o seu papel na teia familiar que, juntos, conectam-se e florescem, tornando-se sujeitos relacionais.

¹³ Para melhor compreender esse esquema ver DONATI, P. Família no Século XXI: abordagem relacional. Tradução: João Carlos Petrini. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 78-81. Para aprofundar o entendimento do esquema AGIL, ver: FORNASIER, 2021, p. 12-36.

Para Donati (2011), é preciso sair das abordagens que tentam definir a família como uma “coisa”, pois esta é uma definição equivocada. O autor adota uma visão propriamente relacional da família, definindo-a como: lugar-espaco (a casa); célula da sociedade (por analogia orgânica com o organismo biológico); modelo (padrão simbólico); relação social (como ação recíproca que implica intersubjetividade e conexões estruturais entre sujeitos). Este autor adverte que muitos teóricos utilizam uma dessas abordagens ou fazem uma mescla delas para definir família. No entanto, “à medida que que a sociedade se articula torna-se complexa e se diferencia, devendo afastar-se das analogias espaciais e biológicas para assumir um ponto de vista relacional” (DONATI, 2011, p. 49).

Petrini (2011) afirma que a maioria das teorias não consegue compreender como a família permanece uma experiência vital. Embora ela seja considerada a mais importante e reconhecida como constitutiva da própria identidade primária, as pessoas não conseguem reconhecer o seu significado real, adequado à experiência vivida. Neste sentido,

Esta distância entre o fato de que a família tem um grande sentido na experiência pessoal e o de que não se consegue representá-la de modo adequado à importância que tem, configura um vazio que a teoria relacional procura preencher. Ela explica porque a família é tão importante na vida dos indivíduos e porque é tão desvalorizada na sociedade mais ampla e na esfera política. (PETRINI, 2011, p. 30).

Assim, para o autor supracitado, a teoria relacional propõe uma forma de observar a família, de avaliar a situação e intervir segundo o método relacional. Dessa forma, essa abordagem, não só favorece à pesquisa científica, mas também é importante para operadores sociais. A partir desse ponto de vista, Petrini e Moreira (2020, p. 39) sinalizam que a observação deve focalizar as relações,

pois os problemas da família nascem nas relações, não nos indivíduos. Os problemas implicam comportamentos e reações individuais, mas se situam no espaço das relações. Quando se toma os indivíduos como ponto de partida, não se chega às relações. Pelo contrário, partindo das relações, encontram-se os indivíduos.

Além disso, Donati (2011) afirma que a família é um grupo social humano primário, mas não um grupo qualquer. É o reconhecimento da existência da reciprocidade nas relações entre os sexos, com suas consequências sobre as gerações que transforma o simples grupo numa instituição social. “Onde esse reconhecimento não existir, as relações permanecem no estágio da simples convivência (sem vínculos de reciprocidade)” (DONATI, 2011, p. 51). Para este

autor, “a família é “aquele sistema social vivente” que preside a reprodução primária da sociedade” (DONATI, 2011, p. 51).

Donati (2011) declara que nem todos estudiosos que abordam sobre as relações sociais são propriamente relacionais. “Muitos sociólogos dizem tratar a família como relação social, mas na realidade a reificam (em modo positivista) ou fazem desaparecer (em modo pós-moderno)” (DONATI, 2011, p. 93). Assim, segundo este autor, grande parte da sociologia observa a família “tendo como critério a distinção individual/coletivo, entendida como uma antítese dialética ou como uma oposição binária, isto é, com base em esquemas para os quais cada coisa deve necessariamente deve recair ou de um lado ou de outro” (DONATI, 2011, p. 94). Sendo assim, fecha-se “um círculo hermenêutico para o qual não há saída: a família torna-se um incompreensível entrelaçamento de individual e sistêmico” (DONATI, 2011, p. 94).

Somente recentemente foi inaugurada uma teoria apropriada e propícia capaz de resolver “o *tipo de realidade* que está no social familiar (recorremos à expressão “realidade *sui generis*” para dizer que existe algo invisível, mas que é real, não uma fantasia ou um engano antropomórfico)” (DONATI, 2011, p. 94). Segundo Donati, o paradigma relacional vai além dos paradigmas individualistas e holistas, afirmando que “as mudanças sociais da família consistem na emergência de realidades sociais praticadas por sujeitos que estão em relação entre si num determinado modo (*a forma familiar*)” (DONATI, 2011, p. 94). Assim,

Deste ponto de vista, podemos dizer que *a relação familiar é aquela referência simbólica e intencional que conecta as pessoas enquanto gera e atualiza um vínculo entre elas como genitores (casal) e gerados (filhos)*. A relação familiar fundamenta-se na influência que os termos da relação têm um sobre o outro e no efeito de reciprocidade que emerge entre eles. (DONATI, 2011, p. 94).

As relações familiares geram “bens relacionais” fundamentais para a construção de capital social¹⁴ relevante e vantajoso para a convivência em sociedade. Petrini e Moreira (2020) e Donati (2003) destacam como bens relacionais significativos para a convivência social: confiança, reciprocidade, amor, proteção, os quais são constituídos por meio da família.

¹⁴ Conforme Dias e Petrini (2020, p. 102), em geral os autores consideram o capital social como o conjunto das redes associativas, dos valores e do nível de confiança que permitem o bom funcionamento de uma sociedade. Porém, estas teorias não concebem de modo adequado a relação familiar como capital social. Neste sentido, é interessante compreender a redefinição no conceito de capital social operada pelo paradigma relacional. Segundo Donati (2007, p. 17, tradução nossa), “a novidade introduzida pela abordagem relacional estar em assumir o ponto de vista segundo o qual o CS [capital social] é uma qualidade das relações sociais, e não um atributo dos indivíduos ou das estruturas sociais ou uma mistura de ambos”. Segundo ele, uma relação é capital social se é caracterizada pela confiança como dom e por aquilo que deriva dela em termos de disponibilidade à cooperação e à reciprocidade (DIAS; PETRINI 2020, p. 102).

3.2 SER PAI A PARTIR DOS BENS RELACIONAIS

A família é um patrimônio para as novas gerações, por isso deve reconstituir-se continuamente. Para tanto, é necessário que haja uma transmissão. Conforme Fornasier (2018),

Um ambiente familiar virtuoso significa ativação da capacidade de agir em função da experiência fundamental do bem, que, para retomar as categorias de P. Donati, se torna geradora (não somente porque é chamada a transmitir a vida, mas porque é chamada a transmitir também o modo de agir conforme a dignidade dessa vida humana e familiar) de capital humano e capital social sem igual. (FORNASIER, 2018, p. 109).

Neste sentido, o pai, como membro da família, tem um papel fundamental. Sua atribuição é muito importante para a condução das relações intrafamiliares e transmissão da vida. Por muito tempo, a figura do pai foi vista como um turbilhão de conflitos, desde o autoritarismo, a frieza e a rigidez do pai patriarcal às inconstantes relações propostas pela sociedade pós-moderna.

Para Carvalho, Moreira e Rabinovich (2015), o modelo patriarcal era entendido como modelo familiar, centrado na figura masculina até a multifacetada sociedade pós-moderna, quando surgem novas formas de família. São nessas novas representações de família que a figura paterna entra em crise.

Em um Ciclo de Palestras cujo tema foi Paternidade em Crise (2020), o professor Dr. Rafael Fornasier instiga uma reflexão muito pertinente sobre o assunto, “Paternidade: Crise ou Oportunidade?”. Ele disse que a crise não deve ser vista apenas de forma negativa, mas pode ser uma oportunidade de transformação, de mudança. “A crise seria como um momento oportuno de reflexão e indagação para compreender as relações familiares”. (FORNASIER, 2020).

Na vivência da família contemporânea, há uma diversidade de experiências de paternidade: presente, ausente, provedor, condições socioeconômicas diferentes, afetuoso, machista, dentre outras. Neste sentido, Bastos (2019) declara que há múltiplas dimensões do ser pai no mundo contemporâneo e que essa temática requer abordagens teóricas e metodológicas que conjugue diferentes níveis de análise. Não se pode falar de um único modelo de paternidade. Às vezes, a forma de ser pai está relacionada à mesma forma do próprio pai, ainda que houvesse discordância. Ainda para Bastos (2019, p. 13), há

Uma necessidade de redimensionar a figura paterna, tratando adequadamente a questão do autoritarismo associado ao patriarcado *versus* a importância da

figura paterna na constituição da subjetividade, pois sua negação e fragilização têm impactos graves sobre as dinâmicas sociais nos diversos níveis”.

Percebe-se, então, um conflito/ambivalência no jeito de ser pai atualmente. De um lado, está o antigo pai: autoritário, impertinente e machista. Do outro, um pai que quer dialogar, afetuoso e presente na vida dos filhos.

Fornasier (2020) destaca que “o machismo distancia o homem das relações afetivas com os filhos”, por isso é importante resignificar a masculinidade da linha do patriarcado. Para isto, é necessário que emergja um novo pai. Um pai que saiba se relacionar com os filhos através do diálogo e dos afetos.

Acerca disso, Petrini e Alcântara (2015, p. 218) mencionam que “o desafio de educar hoje consiste em manter aspectos emotivos e afetivos em sua justa medida, e ao lado destes, aspectos éticos e morais juntamente com a elaboração de projetos de vida que tornam o filho uma pessoa diferenciada dos pais, pertencente a uma nova geração”.

Dessa forma, o pai é uma realidade em mudança. Sua capacidade de mudar é inerente ao seu desejo de ser diferente de seu próprio pai enquanto relação. “Existe um novo pai, não mais reduzido exclusivamente às funções de provedor e disciplinador, mas um pai presente, envolvido nos cuidados dos filhos” (BASTOS, 2019, p. 14), o que corrobora a visão de Petrini (2010, p. 19) ao afirmar que “a paternidade é feita de qualidades relacionais, mais que de qualidades individuais”.

Citando Donati (2011, p. 24) declara que toda relação implica uma troca, e que não é apenas do tipo econômico, uma vez que “na relação tem origem uma ação recíproca entre sujeitos sociais, que geram ou atualizam um vínculo, que pode ser percebido e experimentado como recurso ou como amarra”. Neste sentido,

A família, independentemente de sua configuração no contexto atual, é feita de vínculos que ligam as pessoas em relações de cooperação recíprocas, por outro lado, a criação e consolidação de alianças constituem as características mais relevantes da dádiva, então a família é o lugar onde mais provavelmente podem ser encontradas relações constituídas de acordo com a dinâmica da dádiva. (PETRINI; CAVALCANTI, 2020, p. 72).

Sob essa ótica, Godbout (1992, p. 14), diz que “a dádiva serve, antes de mais nada, para estabelecer relações, e uma relação sem esperança de retorno (por parte daquele a quem damos ou de outra pessoa que o venha a substituir), uma relação de sentido único e gratuita”. Assim sendo, quando Petrini e Cavalcanti (2020) afirmam que a família é o lugar onde as relações são

constituídas a partir da dinâmica da dádiva, entende-se que a relação entre um pai e o seu filho deva gerar bens espontâneos e gratuitos; quando essa relação implica uma troca, não apenas de tipo econômico, mas uma relação que tem origem na ação recíproca, gera ou atualiza os vínculos.

A presença, segundo Petrini e Cavalcanti (2020, p. 73), é uma forma de dádiva muito significativa, pois “a presença do pai junto ao seu filho, desde os primeiros momentos de sua existência até a idade adulta, reveste-se de motivações infinitamente mais profundas do que o cumprimento da legislação que combate o abandono paterno”. Neste sentido,

A presença pode destinar-se a uma pluralidade ilimitada de ações. Todas podem ser motivos de satisfação e contentamento tanto para o pai como para o filho, não tanto pelas ações desenvolvidas, mas pela afirmação do recíproco pertencimento, pela consolidação dos vínculos parentais, da paternidade e da filiação. São os momentos de presença que ajudam o pai e o filho a compreender, com níveis diferentes de consciência, as ausências por causa do trabalho, como extensão da mesma presença, segundo dinâmicas diferentes, mas também abre a possibilidade de recuperar momentos de chateação ou de raiva no horizonte do vínculo. (PETRINI; CAVALCANTI, 2020, p. 73).

Outra dádiva de grande valor, segundo os autores supracitados, é o tempo. Todos aprenderam que o tempo é dinheiro e, nos dias atuais, é um bem escasso que não pode ser estocado ou repostado quando usado. Dessa maneira, entende-se que o tempo e a presença são fundamentais na construção da relação entre um pai e seu filho, visto que estas dádivas geram

uma pluralidade de ações e de interações que entrelaçam afetos e projetos de vida, emoções e cuidados com a saúde, interesses e brincadeiras, conhecimentos compartilhados e sentimentos, consciência de pertença e sacrifícios, reciprocidade de atenções e assimetrias de responsabilidade. (PETRINI; CAVALCANTI, 2020, p. 73).

Fornasier (2018) cita três bens relacionais ou virtudes que, de acordo com Donati, são como o fundamento de tantos outros: cooperação, reciprocidade e confiança, compreendendo-os da seguinte forma:

Confiança. A família é chamada “instituição de confiança” da sociedade não só porque a comunidade lhe confia a tarefa única e insubstituível do cuidado e da educação dos filhos, mas porque a família é o lugar primário no qual se forma a confiança interpessoal, comunitária e generalizada.

Cooperação. A família habitua à cooperação porque ninguém em família pode subtrair-se à necessidade do outro. Se o faz, deve se justificar. E isso já é um apelo à virtude de saber responder.

Reciprocidade. A família exige um contínuo esforço em saber responder ao dom com uma retribuição, isto é, educa a viver a norma social da reciprocidade, da qual dependem tantas virtudes, como a lealdade, a fidelidade, o positivo sentimento de culpa que nos faz pedir perdão quando erramos ou fizemos um mal; na família se aprende a conectar o dom e o intercâmbio entre si: a partir do dom, essa educa a contracambiar, leva ao justo intercâmbio, mesmo quando o intercâmbio é feito por interesse e utilidade, como conduz ao perdão. (DONATI, 2013, p. 189 *apud* FORNASIER, 2018, p. 108).

Para este autor, os bens relacionais são virtudes sociais baseadas ou fundadas nos bens conjugais e geracionais, no amor conjugal e no amor entre pais e filhos. “A família é sem cessar uma palavra que se diz, uma mensagem, uma Boa-nova que se anuncia à humanidade sobre si mesma e que é transmitida de geração em geração pela própria família” (FORNASIER, 2018, p. 106). Nesta perspectiva, a relação entre o pai e seu filho deve ser orientada de forma que os seus vínculos sejam fecundos, a fim de que a família gere bens para cada um de seus membros, bem como para a sociedade.

Donati (2001, p. 32 *apud* FORNASIER, 2018, p. 106) declara que a família é “o lugar no qual o interesse à totalidade da pessoa representa o ultrapassar e a combinação dos papéis individuais, com a construção de uma ‘história relacional’ que compromete no tempo, fornece identidade e antecipa o futuro”. Assim, a teoria dos bens relacionais permite definir esses bens “como aqueles bens intangíveis que consistem nas relações sociais que emergem de agentes/atores orientados reflexivamente¹⁵ para produzir e desfrutar juntos de um bem que não poderiam obter de outra forma” (DONATI, 2011, p. 8, tradução nossa).

¹⁵ A reflexividade humana é o diálogo ou conversação interior dos quais as pessoas e as famílias sempre têm mais necessidade para aprender e viver as virtudes que tornam felizes a vida pessoal e social (DONATI, 2013, p. 191, tradução nossa *apud* FORNASIER, 2021, p. 27).

4 MÉTODO

4.1 DELINEAMENTO

O presente estudo, de caráter qualitativo, foi desenvolvido através de uma pesquisa de tipo exploratório, visando detectar quais posturas delineiam, na atualidade, as dinâmicas relacionais entre pais e seus filhos adolescentes, na cidade de Ipirá, região do semiárido da Bahia, a partir de algumas entrevistas com os participantes de pesquisa. Isto por considerar que “uma investigação social não é uma sucessão de métodos e técnicas estereotipadas, que bastaria aplicar tal e qual se apresentam, numa ordem imutável” (QUIVY, 1992, p. 16). Conforme esse autor, a escolha, a organização e a elaboração dos procedimentos, adotados em um trabalho, variam em cada investigação específica. Foi neste sentido que esta pesquisa se propôs em seu desenvolvimento, sem postura fixa, sofrendo alterações em seu processo, de acordo com as necessidades estabelecidas.

Apesar de estes estudos não se deterem numa postura fixa, eles percorreram a abordagem qualitativa com foco na definição de Creswell (2014, p. 49).

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social humano. Para estudar este problema, os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa da investigação, a coleta de dados em um contexto natural sensível às pessoas e aos lugares em estudo e a análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas. O relatório final ou a apresentação incluem as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e interpretação do problema e a sua contribuição para a literatura ou um chamado de mudança.

Minayo (2007) considera que a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que permitem ser aplicadas “ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões”, produzidas a partir da percepção que os humanos fazem a respeito de si mesmos e da realidade em que estão inseridos. Assim, este estudo foi constituído a partir das concepções de pesquisa qualitativa enquanto meio de compreensão dos processos históricos, sociais e subjetivos.

A conjuntura da presente pesquisa buscou na literatura de décadas anteriores as críticas que provocaram um debate sobre o papel do pai e as dinâmicas relacionais entre estes e seus filhos ao longo da história, transportando para a contemporaneidade formulações significativas

sobre a relação entre os investigados, com o propósito de expandir, no mundo acadêmico, uma revisão saudável para se viver a masculinidade/paternidade.

No interior da abordagem qualitativa, atribuiu-se a Abordagem Relacional para compreender quais são as dinâmicas relacionais entre pais e seus filhos adolescentes na atualidade e por entender que esta constitui uma realidade *sui generis*, que pode e deve ser estudada em si e por si, para explicar e compreender os fenômenos sociais como relacionais (DONATI; COLOZZI, 2006 *apud* PETRINI, 2011). Neste sentido, essa abordagem visou apresentar e/ou ampliar, ao mundo acadêmico, novas relações.

4.2 CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de Ipirá, situada na região do semiárido baiano, com população municipal estimada em 59.281 pessoas, em 2021, conforme fonte do IBGE cidades¹⁶. Segundo Censo Demográfico 2010, 49% da população vive em área urbana. O nome da cidade tem origem Tupi e significa “cabeça de peixe”, fazendo relação com o rio que banha partes das terras locais, denominado Rio do Peixe. Os dados mostram que, em 2019, o salário médio dos trabalhadores formais era de 1,7 salários mínimos, com apenas 6.623 pessoas ocupadas oficialmente, o que significa 11,1 % da população local. O censo de 2010 mostra que o percentual de 50,2% da população tem rendimento nominal per capita de até ½ (meio) salário mínimo.

A taxa de escolarização, segundo censo de 2010, era de 95,9% de crianças e adolescentes na faixa etária de 6 a 14 anos de idade. A nota do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) para os anos iniciais do ensino fundamental, em 2019, na rede pública de ensino foi estimada em 4,4. Já os anos finais do ensino fundamental a nota baixou para 3,3. Em 2020, a estimativa de crianças e adolescentes matriculados nas escolas do município foi de 8.378 no ensino fundamental e 2.065 no ensino médio, distribuídos em 56 escolas do ensino fundamental e 6 escolas do ensino médio. O ensino fundamental contou, neste período com 388 docentes do ensino fundamental e 136 docentes do ensino médio.

A intenção de mostrar os dados supracitados foi situar o cenário onde a pesquisa foi desenvolvida e a cidade onde a pesquisadora reside e atuou como professora do ensino médio, na rede pública estadual de educação, por 29 anos, sendo este escolhido, principalmente, por ser o seu local de residência.

¹⁶ IBGE. Ipirá. Página fotos. **IBGE Cidades**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ipira/historico>. Acesso em: 26 de abr. de 2021.

4.3 PARTICIPANTES

Para dar forma ao objeto de pesquisa, foram escolhidos pais e seus respectivos filhos na idade da adolescência que residam na cidade de Ipirá, interior da Bahia. Neste sentido, foram tomados como critério o conceito de adolescência proposto pelo Marco Legal: Saúde, um direito de adolescentes, do Ministério da Saúde (2005, p. 7), em que “a adolescência é a etapa da vida compreendida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial”, bem como foi considerada a lei brasileira que circunscreve a faixa etária de 12 a 18 anos, fixada pelo Estatuto da Criança e do adolescente. Para os pais, o requisito foi que os filhos entrevistados estivessem na fase da adolescência circunscrita acima.

Para a coleta dos dados, a pesquisadora entrou em contato com uma primeira díade, solicitando, em seguida, sugestões/informações dos respectivos entrevistados para o contato de outros pares, até obter o número necessário de 10 pais e seus respectivos filhos adolescentes, totalizando 20 participantes.

Nesta perspectiva, a técnica metodológica utilizada para o recrutamento dos sujeitos da pesquisa foi chamada de ‘Snowball’, ou ‘Bola de Neve’, “utilizada nas pesquisas sociais em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto” (BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B., 2011, p. 332).

As entrevistas foram concedidas em local indicado pela pesquisadora. Foram respeitadas as decisões dos sujeitos, para que os entrevistados pudessem se sentir confortáveis e confiantes para responderem as perguntas. Vale ressaltar que os informantes não se opuseram em se deslocar para o espaço indicado.

A tabela a seguir traz alguns dados sobre os participantes, com nomes fictícios para que eles não sejam identificados. A Tabela 2 corresponde aos respectivos filhos dos pais da Tabela 1, seguindo a numeração correspondente.

Tabela 1: Pai - Dados sobre os participantes - Ipirá-Bahia, 2022

Número	Nome fictício	Idade	Escolaridade	Profissão/ ocupação	C. H. de trabalho semanal	Estado Civil
1.	Jonas	39	Ensino Médio Completo	Serviços Gerais	44	Casado
2.	Zebedeu	50	Ensino Médio Completo	Agente de Saúde	40	Casado
3.	Alfeu	57	Ensino Fundamental Incompleto	Comerciante	40	Casado
4.	Josué	38	Ensino Médio	Supervisor de linha de produção	44	União Estável
5.	João	51	Ensino Médio	Pecuarista	Livre	Casado
6.	José	49	Ensino Médio	Representante Comercial	44	Casado
7.	Simão	52	Ensino Médio	PRF	48 (alternado)	Casado
8.	Jacó	34	Ensino Médio	Design (autônomo)	Mais de 48	Casado
9.	Abraão	42	Ensino Superior	Supervisor de vendas	40	Casado
10.	Davi	47	Ensino Médio	Marceneiro	44	Casado

Elaborada pela autora

Tabela 2: Filho adolescente - Dados sobre os participantes - Ipirá-Bahia, 2022

Número	Nome fictício	Idade	Série
1.	André	14	8º ano
2.	Tiago	16	2ª Série Ensino Médio
3.	Matias	14	9º ano
4.	Bartolomeu	13	7º ano
5.	Tomé	15	1ª Série Ensino Médio
6.	Felipe	17	3ª Série Ensino Médio
7.	Pedro	17	3ª Série do Ensino Médio
8.	Levi	14	9º ano
9.	Isaac	13	8º ano
10	Salomão	14	1ª Série Ensino Médio

Elaborada pela autora

4.4. INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a partir de entrevistas semiestruturadas, com perguntas pré-definidas para ouvir as vozes dos pais e dos seus filhos, pois estes fazem parte do aporte familiar que contribuíram para entender como suas relações se dão no interior da família, levando em consideração que “as entrevistas desempenham um papel central na coleta de dados em um estudo de teoria fundamentada”. (CRESWELL, 2014, p. 134).

Para Minayo (2000, p. 109-110),

o que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas.

Assim, a entrevista semiestruturada, segundo Lima (2014), caracteriza-se, principalmente, pela flexibilidade e ampliação dos questionamentos à medida que vão surgindo na interação com o entrevistado. Para tanto, foi construído um roteiro de entrevista com variáveis de interesse do tema abordado.

Os dois questionários, um especificamente para os pais e outro para os seus filhos adolescentes, foram elaborados pela pesquisadora e revisados pelo orientador, sendo composto por perguntas abertas sobre o tema das dinâmicas relacionais entre os pais e seus filhos.

4.5. PROCEDIMENTOS

Inicialmente foi feita uma revisão da literatura sobre como era concebida a figura do pai e sua vivência com os filhos, a partir de contextos históricos diferenciados, para perceber a transformação dessa relação na sociedade ao longo do tempo. Para identificar as modalidades de relacionamento entre o pai e seu filho foram mapeadas categorias que constituem os bens relacionais por meio da interação (DONATI, 2011), como amabilidade, confiança, cooperação e reciprocidade.

Quanto aos aspectos éticos, esse estudo seguiu as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, conforme resolução CNS 510/2016. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCSAL (CAAE 44420221.5.0000.5628) mediante parecer nº 4.597.333 (Anexo A).

Os participantes foram recrutados conforme a técnica metodológica chamada “Snowball” ou “Bola de Neve”. Após a aprovação do CEP, a pesquisadora entrou em contato com um pai falando sobre a pesquisa, o qual aceitou uma visita em sua residência com a presença do filho adolescente, com dia e horário marcados. A explicação dos objetivos do estudo foi exposta na presença de toda família, inclusive da esposa/mãe. Após a explanação, a pesquisadora perguntou se pai e filho tinham interesse em participar desse estudo. Em caso afirmativo, os avistados já liam e assinavam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (pai aceitando e autorizando a participação do filho menor de idade) e Termo de Assentimento (pelo adolescente). Neste mesmo momento, o local, dia e horário das entrevistas já ficavam agendados. As famílias indicavam outros pares que poderiam participar, até alcançar o total de participantes. A pesquisadora fez o mesmo processo em todas as visitas.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, audiogravadas mediante autorização dos participantes e de acordo com a disponibilidade destes. Além disso, foram concedidas todas no mesmo espaço, em uma sala, situada no centro da cidade, cedida por terceiros. A pesquisadora sugeriu este ambiente por ser um lugar em que os entrevistados teriam maior privacidade e descontração para responder as questões e os envolvidos concordaram.

O momento das entrevistas foi de descontração e desenvoltura por parte dos participantes. Muitos pais, ao final da entrevista, sentiram-se lisonjeados pela participação nesta pesquisa e agradeceram pela oportunidade. Das díades contatadas, um adolescente desistiu de participar da entrevista, sem revelar o motivo. Assim, o pai também não a concedeu, pois o critério era que o pai e seu filho participassem. Não houve intercorrências graves.

Diante dos dados obtidos pela literatura revisada, comparados aos dados coletados pelas entrevistas, pretende-se compreender se, hodiernamente, as dinâmicas relacionais entre o pai e seu filho continuam com os resquícios do passado ou existe algo de novo nessas relações. Se sobressaem os bens relacionais propostos pela abordagem relacional da família, construídos na interação ou ainda prevalecem os males relacionais entre pai e filhos como a autoridade, a frieza, a agressividade.

4.6 ANÁLISE DE DADOS

Para Quivy (1992, p. 220), “a maior parte dos métodos de análise das informações depende de uma de duas grandes categorias: a análise estatística dos dados e a análise de conteúdo”. Tendo em vista os aspectos abordados no presente estudo, optou-se pela análise do conteúdo, pois a mesma “oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e

testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade, como por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco directivas” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1992, p. 224).

Para Bardin (1997), a análise de conteúdo na categoria qualitativa apresenta certas características particulares, em que a “inferência” – sempre que é realizada – é fundada na presença do índice, ou seja, um tema, uma palavra, um personagem etc, e não na frequência de sua aparição.

Segundo Bauer (2002, p. 191),

a validade da AC deve ser julgada não contra uma “leitura verdadeira” do texto, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador, e à luz de seu objetivo de pesquisa. Um corpus de texto oferece diferentes leituras, dependendo dos vieses que ele contém. A AC não é exceção: contudo, ela traça um meio caminho entre a leitura singular verídica e o “vale tudo”, e é, em última análise, uma categoria de procedimentos de análise textual para fins de pesquisa social. Ela não pode nem avaliar a beleza, nem explorar as sutilezas de um texto particular.

Para tanto, a Análise do Conteúdo foi adotada neste estudo por possibilitar apreender os significados que envolvem a relação entre o pai e seu filho adolescente a partir da codificação do conteúdo das falas dos entrevistados.

Para dar forma à análise e interpretação dos dados, propomo-nos iniciar através da categorização dos dados a partir das respostas obtidas nas entrevistas, uma vez que, segundo Bardin (1997, p. 117), “a maioria dos procedimentos de análise organiza-se, no entanto, em redor de um processo de categorização”.

Quivy (1992) propõe que para um trabalho empírico perfeitamente conduzido, este deve ser inspirado por uma reflexão teórica adequada para revelar elementos de compreensão que se afastam das evidências comuns. “O trabalho empírico só pode ter valor se a reflexão teórica que o funda também o tiver” (QUIVY, 1992, p. 231). Neste trabalho, para dar consistência às categorias selecionadas, foram legitimados os conceitos discutidos na revisão da literatura, sobretudo, o conceito de “Bens Relacionais” proposto por Donati.

Após a transcrição do material obtido pelas gravações das entrevistas, a análise dos conteúdos foi processada com base em procedimentos de inclusão por categorização que, segundo Bardin (1997, p. 117), “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (por analogia), com os critérios previamente definidos”.

Pela necessidade de se resguardar a identidade e manter o sigilo dos participantes das entrevistas, os nomes são fictícios. Para tanto, escolheu-se nomes bíblicos para representá-los, levando em consideração que, em sua maioria, formam a díade pai e filho na história da Bíblia.

No primeiro momento, as entrevistas foram analisadas individualmente, sendo identificados pontos preliminares correspondentes às categorias definidas, a partir de classes temáticas. Por conseguinte, foram selecionados alguns trechos das entrevistas que corresponderam às categorias pré-estabelecidas, bem como algum assunto considerado relevante para este estudo. No segundo momento, os trechos de todas as entrevistas foram agrupados levando em consideração a mesma categoria, mesclando as falas dos pais e dos filhos, sem, necessariamente, serem díades correspondentes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão apresentados os resultados e as discussões dos dados obtidos através das entrevistas com roteiros semiestruturados, seguindo a proposta anteriormente especificada.

O tema central abordado neste estudo versou sobre a paternidade na contemporaneidade, com vistas na relação entre pai e filho adolescente. Pretendeu-se, assim, compreender sobre as dinâmicas relacionais entre os pais e seus filhos adolescentes. No entanto, para chegar a esse entendimento, foi feito um caminho interdisciplinar, visto que abordagens específicas não são suficientes para constatar a abrangência e a complexidade desse assunto. Apesar de, no Brasil, os estudos terem avançado do ponto de vista do cuidado com os filhos pequenos, as investigações são raras quando se referem à relação do pai e seu filho adolescente. Para Fiterman (2012), há uma grande quantidade de estudos em relação à parentalidade do ponto de vista da mãe, mas, são poucas as investigações que exploram a fala do pai.

Conforme o Dicionário on-line Houaiss¹⁷, a primeira definição de ‘dinâmica’, como substantivo feminino, é “parte da mecânica que estuda o comportamento dos corpos em movimento e a ação das forças que produzem ou modificam seus movimentos”. Na segunda opção, no sentido metafórico, este dicionário apresenta o seguinte significado: “movimento interno responsável pelo estímulo e pela evolução de algo ‘a d. das relações humanas’”. Percebe-se que a palavra ‘movimento’ se repete nas duas opções. Diante disso, sugere-se que as dinâmicas relacionais, ou seja, os movimentos, as ações, as forças internas que se deslocam em busca de algo, são peculiares na convivência familiar. No caso deste estudo, a relação entre o pai e o filho adolescente.

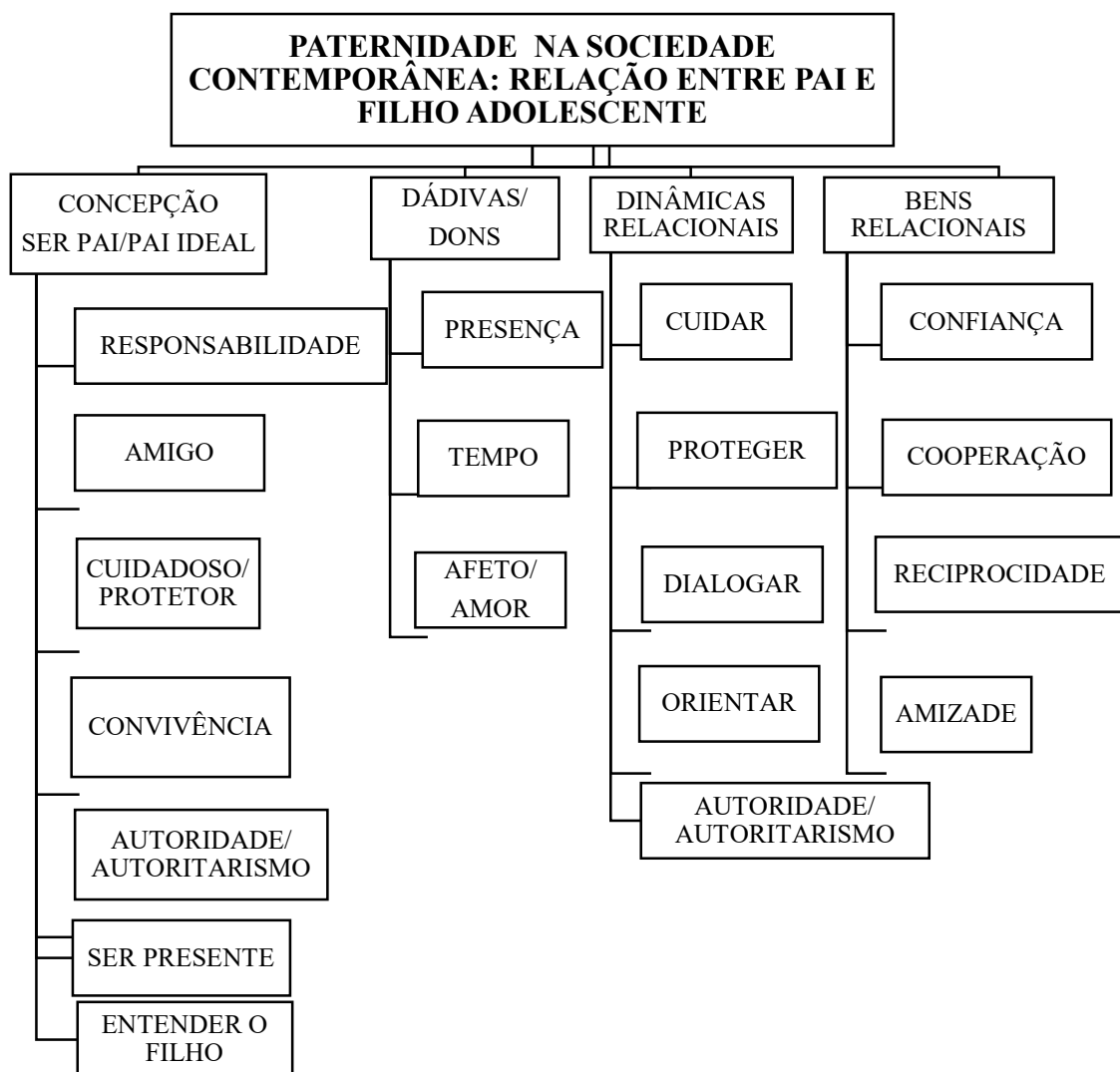
Compreender essa dinâmica/movimento nas relações não é tarefa fácil, pois, foi necessário percorrer o caminho interdisciplinar, buscando na literatura a colaboração das abordagens da antropologia, da sociologia, da psicologia, da história e da educação. Para estudar esse tema, percebeu-se a impossibilidade de reportar-se a apenas uma única área do conhecimento. Assim, para ajudar a chegar a um resultado satisfatório, optou-se pela metodologia da Análise de Conteúdo que, segundo Fiterman (2012, p. 55), “possui um discurso elaborado sobre qualidade e se preocupa com a fidedignidade, a validade, a coerência e a transparência de sua prática”.

¹⁷ DICIONÁRIO ON-LINE HOUAISS. Disponível para acesso em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1. Acesso em: 28 mar. 2022.

Neste sentido, será valorizada, não só a fala dos pais, mas também a fala dos filhos adolescentes que expõem seus pensamentos e dão informações sobre sua relação com seus pais. Assim, não será apresentado apenas o parecer dos pais. O posicionamento dos filhos também terá legitimidade. No entanto, vale ressaltar que as falas dos pais e dos seus respectivos filhos não foram confrontadas. Quanto à análise, esta se deteve nas categorias, bem como foram selecionados os trechos das entrevistas considerados mais relevantes sobre cada abordagem, evitando, assim, repetições.

As categorias temáticas foram criadas a partir da literatura revisada e das falas dos participantes, respaldando-se no tema central 'Paternidade na Sociedade Contemporânea', com foco na relação entre o pai e seu filho adolescente. A partir de então, foram elencadas quatro categorias que se desdobraram em subcategorias, conforme figura abaixo.

Figura 2: Categorias e subcategorias



5.1 CONCEPÇÃO DE ‘SER PAI’ / ‘PAI IDEAL’

Em relação à concepção de ser pai, percebeu-se uma diversidade de entendimentos. Conforme Lamb (2010 *apud* CARVALHO; MOREIRA; RABINOVICH, 2015), os pais efetuam papéis diferenciados conforme as subculturas, contextos e os diversos grupos que estão inseridos. Dessa forma, o que significa ser pai para um determinado grupo diferencia-se para outro.

O autor exemplifica com a noção de que o provedor pode ser de grande importância em certos contextos (quando a criança foi concebida em um relacionamento não duradouro), enquanto como orientação moral pode ter uma menor importância relativa. Para outras comunidades, o suporte financeiro pode ter menor relevância, sendo cruciais os cuidados diretos, supervisão e suporte emocional. (CARVALHO; MOREIRA; RABINOVICH, 2015, p. 425).

Para estas autoras, o conceito de pai ideal sofreu uma evolução, conforme as mudanças históricas foram ocorrendo. Segundo estas, Cabrera *et al.* (2000) constataram que o conceito de pai ideal percorreu algumas fases, tais como: pai colonial, provedor, moderno envolvido e, atualmente, colaborador e parceiro.

Para analisar os dados da categoria ‘ser pai’ / ‘pai ideal’, no presente estudo, deve-se levar em consideração que as respostas foram dadas por pais de filhos adolescentes e que estes também participaram das entrevistas. A fim de compreender a concepção de ‘ser pai’/ ‘pai ideal’, as falas foram examinadas conforme as subcategorias relacionadas a seguir:

Cabe ressaltar que, nesta seção, são trazidos trechos das falas ora analisadas, salientando, desde já, que o objetivo não foi seguir regras linguísticas de transcrição, mas possibilitar um acesso à coleta das informações. Por essa razão, foram fielmente digitados, conforme apresentados nas entrevistas, a fim de manter a autenticidade das informações presentes no *corpus*.

5.1.1 Responsabilidade

Segundo os participantes, o principal atributo para ser pai é a responsabilidade. Inicialmente será utilizada as definições no sentido literal propostas pelo dicionário do termo responsabilidade para indicar o pensamento dos participantes. O termo ‘responsabilidade’,

segundo o Dicionário on-line Houaiss¹⁸, dentre várias definições, significa “obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros”; “encargo, obrigação, tarefa que cabe a alguém”; “caráter ou estado do que é responsável”; “procedimento reto, sério”.

Jonas e Abraão falaram que ser pai é uma responsabilidade que deve ser exemplo, dar direcionamento. Levando em consideração a definição de responsabilidade no sentido literal, pode-se inferir que para eles ser pai é um ‘encargo, obrigação, uma tarefa que cabe a alguém’. Jonas ainda diz que se deve olhar para os filhos de forma positiva, passando o que é correto, inserindo-se, assim, na definição de um ‘procedimento reto, sério’.

Ser pai nos dias de hoje é uma responsabilidade que todos nós que somos pais devemos olhar pros nossos filhos assim de uma forma positiva, né? Tentar passar, procurar passar a convivência correta pros filhos e dar exemplos, o que eu mais faço é isso - dar exemplo. (Jonas, pai, 39 anos)

Ser pai, em primeiro lugar, é uma bênção de Deus. Você ser pai, você ter uma responsabilidade com os filhos pra dar direcionamento. (Abraão, pai, 42 anos)

João diz que, além da responsabilidade, ser pai é um compromisso que se tem como pessoa, ser humano, encaixando-se na definição de ‘caráter ou estado do que é responsável’. Já Jacó afirma que ser pai é muito difícil, mas foi uma das melhores coisas que lhe aconteceu e que aprendeu o que é responsabilidade depois que se tornou pai. Assim, observa-se que este pai, apesar de achar que a paternidade é uma tarefa difícil, valoriza essa situação.

Ser pai é..., ser pai, além da grande responsabilidade que nós temos, o compromisso que nós temos como pessoa, ser humano. (João, pai, 51 anos).

Eu acho uma tarefa bem difícil, mas pra mim foi uma das melhores coisas que me aconteceu, porque aí depois de eu ser pai eu praticamente aprendi o que é responsabilidade. (Jacó, pai, 34 anos)

Não só os pais definiram o que é ser pai como uma responsabilidade. Os filhos também tiveram esta compreensão. Matias dá uma pausa para pensar um pouco e depois dispara com outras características, não é só ter muita responsabilidade, mas também amor e paixão, deixando entender que há uma essência, traços de sentimento:

(Silêncio de 0,54 seg.), pra eu, ser pai é algo muito importante pro filho, tem muita responsabilidade, amor, paixão, acho que é isso. (Matias, filho, 14 anos)

¹⁸ DICIONÁRIO ON-LINE HOUAISS. Disponível para acesso em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1. Acesso em: 05 abr. 2022.

Bartolomeu diz que para se ter um filho, tem que ter responsabilidade e trabalhar muito. Este participante observa o pai como trabalhador, aquele que sustenta a família, remetendo aqui o conceito do pai provedor. Cabe aqui o entendimento de responsabilidade como ‘encargo, obrigação, tarefa que cabe a alguém’:

Eu acho que ser pai tem que ter uma responsabilidade grande pra você poder ter um filho, e trabalhar muito pra sustentar. E só. (Bartolomeu, filho, 13 anos)

Isaac não formula a ideia de um pai que, apenas, deve ter muita responsabilidade, mas o vê como sentimento diferente, uma fase nova, de mudança na vida do homem. Aquele que tem “caráter ou estado do que é responsável”, consciente do seu novo estado.

É um sentimento diferente. É uma coisa diferente, uma fase nova, e tudo na sua vida muda, então eu acho bem..., cê tem que ter muita responsabilidade. É bom, acho que é bom! (Isaac, filho, 13 anos)

Normando (2012, p. 249) afirma que, “em sentido comum, responsabilidade diz respeito à condição ou qualidade de alguém em ser responsável. É pressuposto que esse ser responsável tenha capacidade de consciência quanto aos atos que pratica voluntariamente”. Neste sentido, percebe-se, na fala dos participantes, tanto pais quanto filhos, que há uma consciência, uma compreensão e uma convicção da responsabilidade de ser pai, quando estes exprimiram sentenças como *olhar para nossos filhos, melhor coisa que me aconteceu, amor, paixão, sentimento diferente*.

Já Lamb *et al.* (1985) propõem o envolvimento do pai em três dimensões: interação, disponibilidade e responsabilidade. Para estes autores, “a responsabilidade corresponde às tarefas ligadas aos cuidados e recursos destinados para a criança, além de preocupações, planejamento e organizações assumidas pelo pai, que não demandam interação direta” (LAMB, 2000, LAMB *et al.*, 1985 *apud* CAMPEOL; CREPALDI, 2019).

A partir dos estudos de Lamb e colaboradores, apesar de terem sido realizados com pais de crianças sobre o envolvimento paterno, entende-se que esse mesmo conceito pode ser aplicado às concepções sobre responsabilidade quando os pais e os filhos adolescentes exprimiram em suas falas palavras como *dar exemplo, direcionamento, compromisso, sustento*.

Com foco na filosofia, Normando (2012) define responsabilidade como ‘condição ou qualidade’, enquanto Lamb *et al.* (1985), na perspectiva da psicologia, se referem à responsabilidade como tarefas, preocupações, planejamento, organizações. Esses conceitos também dialogam com as definições atestadas no Dicionário on-line Houaiss. Depreende-se,

assim, que tanto uma concepção quanto a outra estão concatenadas entre si nas vozes dos entrevistados.

5.1.2 Amigo

Outro enfoque dado à concepção de ser pai é ser amigo. Para analisar esta categoria, optou-se pelo conceito de amizade nas reflexões de Aristóteles. Conforme Santos (2016), Aristóteles inicia suas reflexões a respeito da amizade dizendo que ela “é do que mais necessário há para a vida. Pois ninguém há de querer viver sem amigos, mesmo tendo todos os restantes dos bens” (EN, VIII, 1, 1155 A 3-5 *apud* SANTOS, 2016, p. 246). Assim, observa-se na fala de Zebedeu que ser pai vai além, deixando entender que, além de todas as características, ser pai é ser amigo, acompanhando o filho em todas as circunstâncias da vida. Corroborando, assim, a reflexão de Aristóteles quando diz que, mesmo tendo todos os bens, ninguém quer viver sem amigos.

Amigo. Eu acho que hoje a palavra-chave de ser pai é mais além, é ser amigo, é acompanhar o filho nos momentos difíceis e nos momentos bons da vida. (Zebedeu, pai, 50 anos)

José pensa que ser pai é ser muito amigo dos filhos. Neste sentido, este participante diz que tem que ser companheiro, participativo nas atividades dos filhos, principalmente pelo momento que se vive no mundo contemporâneo, deixando aqui a inferência de que, atualmente, o mundo é perigoso, através da palavra *hoje* e da sentença *pelo momento que a gente vive neste mundo*.

Companheiro, tem que ser companheiro dos filhos. Acredito que o pai hoje tem que ser muito amigo do filho, muito! Até pelo momento que a gente vive nesse mundo. Então a gente tem que ser muito participativo nas atividades deles. (José, pai, 49 anos)

A opinião de Felipe também caracteriza o pai como amigo e aponta mais três atributos que determinam o sentido de ser pai: *irmão, ter maturidade e saber entender o filho*.

Hum, ser pai na minha opinião é ser amigo, ser irmão, em geral, ser pai é ter a maturidade de saber entender seu filho, é isso. (Felipe, filho, 17 anos)

Neste sentido, Lara (2009 *apud* SANTOS, 2016) afirma que a palavra portuguesa amizade, que traduz o termo grego *philia*, é muito limitada para designar o que Aristóteles quis dizer. “Ela possui diversos significados, não existindo apenas uma forma de amizade. De maneira geral, a amizade ((φιλία) é a comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por afeto e atitudes concordantes voltadas para o bem” (LARA, 2009 *apud* SANTOS, 2016, p. 244). Esta autora diz que Aristóteles tem uma visão mais ampla e extensa sobre a amizade, definindo-a como virtude e hábito, como disposição de caráter, disposição ativa de empenho da pessoa ao bem.

Santos (2016) amplia o sentido de amizade dizendo que a vida sem amigos não é desejável, estando esta ligada, diretamente, ao convívio social e à felicidade. Assim, *ter maturidade para entender seu filho* está relacionado ao convívio, neste caso, entre o pai e o seu filho. A subcategoria *amigo* também foi encontrada quando se perguntou a respeito do pai ideal.

Do pai ideal? Vamos dizer assim: brincar enquanto é criança, acompanhar o crescimento junto com a mãe. Não deixar só a responsabilidade da educação para a mãe. Dividir, dividir as alegrias e as tristezas do filho, estar junto e assim dar aquele alicerce, aquele suporte pra que o filho quando olhe pro pai diga assim: eu tenho um amigo ali, porque às vezes se ele não acha o amigo em casa, ele vai pra rua. Na rua os amigos são muito diferentes. (Zebedeu, pai, 50 anos)

O pai ideal é ser amigo do filho, conversar sobre tudo, tudo! Pai hoje tem que conversar muito com o filho. A gente vive no meio de tanta gente que não sabe o que fazem e aí a gente tenta tá conversando com eles sobre a vida. (José, pai, 49 anos)

Observa-se que há uma preocupação dos pais em serem amigos dos filhos por conta das amizades externas, do perigo que eles correm se não tiverem uma boa relação com pais e uma boa orientação, através da conversa. Percebe-se uma espécie de acolhimento e cuidado. Neste sentido, corrobora-se o conceito de pai ideal segundo Cabrera *et al.* (2000 *apud* CARVALHO; MOREIRA; RABINOVICH 2015) ao constatarem a atual fase do pai: colaborador e parceiro. Além de ser amigo, Zebedeu acredita que se deve acompanhar o crescimento do filho junto com a mãe, colocando-se como apoio à genitora. Carvalho, Moreira e Rabinovich (2015) afirmam que o pai se coloca como apoio à mãe por se sentir incapaz de cuidar ou tratar das questões inerentes ao filho sozinho.

5.1.3 Cuidadoso/ Protetor

Cuidadoso e protetor também foram categorias que definiram o que é ser pai na visão dos pais e dos filhos entrevistados. Para Boff (2005, p. 29), “cuidar significa, então, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. [...] cuidado implica um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude”. Sob essa perspectiva, pode-se observar na fala de Simão que ser pai é se centrar no outro, no filho, com dedicação e zelo.

Ser pai é você se dedicar, dividir, acompanhar, ser presente e acima de tudo, dar muito amor. (Simão, pai, 52 anos)

Nesta categoria, as falas que mais apareceram foram as dos filhos.

Ser pai é para ensinar e proteger os filhos e acredito que a função do pai é essa: proteger a família, ensinando ali..., uma mesma função de uma mãe. (Tiago, filho, 16 anos)

A concepção de Tiago é que ser pai é ensinar e proteger, não só o filho, mas toda família. Além disso, ele compara a função do pai com a função da mãe. Nesta linha, observa-se que o conceito de envolvimento paterno no cuidado com o filho está evidente. Pelo fato de se tratar de um adolescente, este jovem acrescenta o termo *ensinar*, pois, nesta fase, a função do pai, aqui o participante utiliza esse termo mesmo, função, é ensinar, orientar. Apesar de não aparecer o termo *cuidar*, mas sim *proteger*, evidencia-se que os dois estão associados quando se tem como referência a afirmação de Boff (2005) sobre esta questão.

Cuidado, pois, por sua própria natureza, inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira designa a atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o outro. A segunda nasce desta primeira: a preocupação e a inquietação pelo outro, porque nos sentimos envolvidos e afetivamente ligados ao outro. (BOFF, 2005, p. 29).

A fala de Pedro mostra, com a utilização do termo *total cuidado*, a confirmação do conceito acima citado.

Ser pai? Dá o total cuidado possível ao filho. (Pedro, filho, 17 anos)

Salomão afirma que ser pai é um privilégio, pois, ele acredita que *cuidar de uma outra vida* é um grande privilégio, corroborando o conceito de Boff (2005, p. 29) no sentido de cuidar:

“a preocupação e a inquietação pelo outro, porque nos sentimos envolvidos e afetivamente ligados ao outro”.

Ser pai é um trabalho, não é um trabalho, é um privilégio, seria, acho que eu seria um privilégio porque cuidar de uma outra vida, tipo assim, seria um privilégio pra mim. (Salomão, filho, 14 anos).

Para Boff (2005), os dois significados básicos que foram expostos sobre o cuidado confirmam a ideia de que ele é mais que um ato singular, é um modo de ser, uma forma de ser no mundo e de relacionar-se com o outro. Portanto, deduz-se que o pai que cuida, também protege e ampara os seus filhos.

As afirmações de Simão e Tomé confirmam o pressuposto de que o pai que cuida, também protege e ampara os seus filhos, quando eles definem as características do pai ideal.

As características de um pai ideal é um pai que não veja só as coisas certas, que procure visualizar o que tem de errado também pra corrigir. Esse é que o eu acho que é um pai ideal - um pai que não só dê o sim. (Simão, pai, 52 anos)

É confiança, é preparação, é amor, cuidado, é amor, e aquela pessoa que tá do seu lado pra qualquer coisa. (Tomé, filho, 15 anos)

5.1.4 Convivência

Esta categoria pouco apareceu nas falas dos entrevistados, na concepção de ser pai. Mais uma vez se recorre à definição do Dicionário on-line Houaiss¹⁹ para compreender uma categoria. Dentre vários sentidos, acata-se a ‘convivência’ como “vida em comum; contato diário ou frequente”; “intimidade, familiaridade”; “coexistência harmoniosa”.

Alfeu não define a paternidade apenas como um provedor, enfatiza a convivência com os filhos para educá-los. Assim, infere-se que a convivência é um contato diário, é uma vida em comum.

Pai não é pra controlar alimento, botar dentro de casa e encher a barriga e acabou parar por aqui; pai é pra convivência dos filhos, se comunicar. Pai é pra isso mesmo, pra educar. (Alfeu, pai, 57 anos)

¹⁹ DICIONÁRIO ON-LINE HOUAISS. Disponível para acesso em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1. Acesso em: 06 abr. 2022.

Davi assume que ser pai é difícil na atualidade, e ao mesmo tempo fácil quando a convivência é boa. Observa-se que a definição que melhor corresponde a esta declaração é ‘coexistência harmoniosa’. No entanto, não ficou claro se há dificuldades na relação entre ele e seu filho.

Olhe, ser pai na atualidade, é um pouco difícil e ao mesmo tempo fácil. Quando você tem uma boa convivência com seu filho, porque os filhos de hoje estão, como é que diz, complicado, às vezes de você conviver. (Davi, pai, 47 anos).

Para Moreira e Petrini (2020), a realização humana depende quase sempre do comportamento do outro e a pessoa não tem nenhuma garantia de que o comportamento do outro seja conforme o desejado. “Sua felicidade depende de algo que está fora de sua capacidade de garantir” (MOREIRA; PETRINI, 2020, p. 35), confirmando, assim, a afirmação de Davi quando diz que ser pai é difícil ou fácil, dependendo da convivência. Não há garantias do que pode acontecer.

Já Alfeu não só define ser pai como uma convivência que os filhos aceitem, mas se considera um pai ideal pelo jeito de conviver com os filhos. Este pai dá garantias da boa convivência com os filhos, desconstruindo o conceito de que “Sua felicidade depende de algo que está fora de sua capacidade de garantir” (MOREIRA; PETRINI, 2020, p. 35).

Pai ideal hoje chama-se não conviver com os filhos da maneira que eles aceitem. Ser um pai hoje é tão difícil explicar - pra mim é mais fácil porque eu tenho dois filhos que são exemplos de filho, mas pai mesmo assim ideal ... eu acredito que eu seja um pai ideal para eles na maneira de conviver com eles.

- Meu pai, vai ter um jogo, vamos assistir?!

- Meu pai, vamos ali. (Alfeu, pai, 57 anos)

Nas subcategorias definidas acima foram encontradas concepções equivalentes entre *ser pai* e *pai ideal*. No entanto, foram achadas outras marcas que só apareceram na concepção de *pai ideal*, tais como: rígido/rigoroso, que foram subcategorizadas como autoritário/autoritarismo; ser presente; entender o filho.

5.1.5 Autoridade/ Autoritarismo

A concepção de pai ideal também apareceu como rígido/ rigoroso no pensamento de alguns participantes. No entanto, o entendimento que se teve, aqui, foi de autoridade/ autoritarismo. Sendo esta análise feita a partir de tais conceitos.

Dentre várias definições atribuídas ao termo *autoridade* pelo Dicionário on-line Houaiss, optou-se, para esta proposta de análise, duas delas: a da primeira posição, “direito ou poder de ordenar, de decidir, de atuar, se fazer obedecer” e a da quinta posição, “força de personalidade de um indivíduo, ou grupo, que lhe permite exercer influência sobre pessoas, pensamentos e opiniões; ascendência”. Na mesma fonte de pesquisa, buscou-se a definição de *autoritarismo*, às quais se destacaram: “qualidade de quem ou do que é autoritário” e “conjunto de princípios ou procedimentos autoritários”.

Ao analisar a concepção do pai ideal a partir deste pensamento, observou-se que, ainda, na sociedade contemporânea, há considerações que respaldam a vigência do pai autoritário, aquele que utiliza a sua autoridade de pai para exercer a força e o poder para se fazer obedecer pelos filhos, conforme o ponto de vista de Josué e Jacó.

Tipo assim, ele tem que acompanhar bastante seu filho, ser exigente em questão de estudo. **Exigir obediência** e nunca oprimir, amedrontar seu filho ao ponto que ele tenha vergonha de falar o que ele pensa. (Josué, pai, 38 anos, grifo nosso)

Você às vezes tem que pegar mais firme, você tem que reclamar, você tem de dar castigo. Então pai é tudo isso, não é só: ah, eu sou bonzinho, eu só faço isso, não! Se tiver que pegar no pé, pega! Se tiver de dar uns tapas, dá! Se for pra ficar de castigo, fica! Então eu acho que isso é ser o pai ideal. (Jacó, pai, 34 anos)

Apesar de Josué afirmar que tem que acompanhar bastante o filho e nunca o oprimir e amedrontá-lo, o termo *exigir obediência* deixa evidente a sua concepção de pai autoritário, que *impõe obediência*. Esta evidência se confirma na fala do seu próprio filho, quando foi perguntado como eles resolvem conflitos:

Ele resolve me deixando de castigo. Aí se ele fizer alguma coisa que eu não goste, tem que deixar, posso fazer nada. (Bartolomeu, filho, 13 anos)

Neste sentido, Petrini (2016, p. 21) afirma que “a autoridade paterna, amplamente questionada nas décadas recentes, gera reticências nos pais quanto à oportunidade de exercitá-la e dúvidas nos filhos quanto à conveniência de confiar-se a ela”. Nesta perspectiva, há uma

consciência entre os entrevistados sobre a importância da presença do pai tanto para o bom desenvolvimento do filho quanto para a proteção e orientação em direção à vida em sociedade.

5.1.6 Ser presente

Para alguns entrevistados, o pai ideal é aquele que está presente na vida do filho.

Ser um pai presente na educação dos filhos, acompanhar o crescimento deles, que ainda hoje a gente vê muitos pais que, alguns por necessidade, deixa a sua família pra ir procurar seu sustento lá fora. E, por outro lado, também existem pais sem responsabilidades, que as crianças nascem e abandonam, pais separados. Então, é isso que é uma coisa..., o pai ideal é o pai que esteja presente no crescimento e na educação do filho, principalmente na educação. (Jonas, pai, 39 anos)

Jonas define que o pai ideal é aquele que está presente na educação, acompanha o crescimento do filho. Este pai faz uma observação sobre aqueles pais que não podem participar da vida dos filhos porque precisam buscar o sustento do lar – neste caso, o pai provedor – em lugares mais distantes. Além disso, ele declara que existem pais que abandonam o filho. Acerca desse ponto, o tema do abandono não foi uma proposta deste estudo, por isso não será aprofundado.

Já Abraão considera-se um pai ideal por ser presente, está ao lado dos filhos em todos os momentos.

Um bom pai, que eu me classifico às vezes como um bom pai também, eu sempre falo isso - que eu sempre fui um pai presente, eu sempre fui um pai que tive ao lado dos meus filhos, tanto na hora boa como na hora ruim. (Abraão, pai, 42 anos)

André e Tiago também responderam que o pai ideal é aquele que está presente na vida dos filhos, que interage e protege.

O pai ideal é aquele que ajuda o filho, que dá exemplo, auxilia em alguma coisa que precisa, que interage com o filho, brinque com ele, fique mais tempo com ele e que também proteja seu filho de males, de coisas ruins e também nunca deixe seu filho pra traz, porque eu vejo muitos pais fazendo isso e eu acho que isso não está certo, que o pai sempre tem que tá com o filho o tempo todo. (André, filho, 14 anos)

Acredito que é o que eu falei sobre meu pai - é o que ele faz: é um pai presente, estando sempre ali do lado do filho, dizendo, alertando os perigos da vida, os

obstáculos que irão vir, estar ali nas alegrias também, é proteger a família, é ensinar o dom de Deus, a oração, que é o momento épico. E é isso! (Tiago, filho, 16 anos)

Neste sentido, Spanzerla e Levandowski (2010, p. 298) afirmam que

Os pais têm hoje reconhecida a sua importância peculiar ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos. É essa presença que facilitará a estes a passagem do mundo da família para o mundo social e que propiciará o acesso à agressividade, à afirmação de si, à capacidade de se defender e de explorar o ambiente, entre outras.

Nesta perspectiva, há uma consciência entre os entrevistados sobre a importância da presença do pai tanto para o bom desenvolvimento do filho quanto para a proteção e orientação em direção à vida em sociedade.

5.1.7 Entender o filho

Entender o filho como percepção de pai ideal apareceu nas respostas de dois filhos adolescentes. Cervený e Moreira (2016, p. 131) dizem que “a adolescência é um alinhamento de crises evolutivas com transformações pessoais de todos os membros da família. O reajuste e a reconfiguração das relações são necessários, devido ao questionamento de crenças, regras e valores até então aceitos”, exigindo, assim, uma adaptação do sistema familiar, com novas fronteiras de limites. Essa consideração fica visível na fala de Felipe quando este fala que *às vezes rola um choque da idade*.

As características de um pai ideal é, na minha opinião, ele tem que ser, entender mais o filho porque como eu falei pra Sra., ele, às vezes rola um choque da idade, da geração dele, da minha, mas eu creio que nas próximas gerações já vai tá mais, já vai ser mais tranquila essa relação. (Felipe, filho, 17 anos)

É entender como o filho tá pensando, não ser radical demais, é isso. Considero o meu pai ideal, me ajuda pra o que precisar, sempre tá lá, a gente fala sobre muitas coisas, tem uma relação muito boa. (Pedro, filho, 17 anos)

Pratta e Santos (2007) esclarecem que, em termos de sentimentos, o adolescente pode considerar que não é compreendido por seus pais, professores e demais pessoas que fazem parte de suas vidas, sendo típica a ocorrência de conflitos e problemas de relacionamento.

Diante de todas as considerações elencadas e concepções analisadas na categoria *ser pai/ pai ideal*, corrobora-se o pensamento de Bastos *et al.* (2013) quando diz que o novo ideal

de paternidade pode não ser tão diferente da imagem tradicional como parece, “mas, novos papéis trouxeram novas oportunidades para os homens experimentarem plenamente os ricos aspectos emocionais da paternidade e participarem da vida dos filhos de maneiras que considerem pessoalmente relevantes e gratificantes” (BASTOS *et al.*, 2013, p. 232).

Assim, as concepções de *ser pai* e *pai ideal* estão em sintonia na fala dos participantes quando os entrevistados confirmam como pensam e como agem. Para eles, *ser pai* e *pai ideal* significa: ter responsabilidade, ser amigo, ser cuidadoso e protetor, saber conviver, estar presente, entender o filho, bem como ser rígido/rigoroso. Esta concepção mostra que, apesar dos avanços, o pai ainda está em mudança, confirmando pesquisas já realizadas no Brasil: pai democrático/ pai autoritário (PETRINI; ALCÂNTARA, 2015); pai tradicional *versus* pai novo (CARVALHO; MOREIRA; RABINOVICH, 2015).

5.2 DÁDIVAS/ DONS

Para Godbout (1992, p.44), “a família é o lugar de base do dom em toda a sociedade, o lugar onde ele é vivido com mais intensidade, o lugar onde ele se aprende”. Neste sentido, apreende-se que a relação pai e filho é um espaço de troca que fortalece os vínculos. Petrini e Cavalcanti (2020) dão exemplos de três formas de dádivas/dons que foram encontradas nas falas dos participantes deste estudo: presença, tempo, afeto.

5.2.1. Presença

A presença, segundo Petrini e Cavalcanti (2020, p. 73), é uma forma de dádiva muito significativa “a presença do pai junto ao seu filho, desde os primeiros momentos de sua existência até a idade adulta, reveste-se de motivações infinitamente mais profundas do que o cumprimento da legislação que combate o abandono paterno”.

Abraão classifica-se como um bom pai por estar presente na vida do filho, não só nos momentos bons, mas também nas horas ruins.

Um bom pai, que eu me classifico às vezes como um bom pai também, eu sempre falo isso - que eu sempre fui um pai presente, eu sempre fui um pai que tive ao lado dos meus filhos, tanto na hora boa como na hora ruim.
(Abraão, pai, 42 anos)

José compara o pai de antigamente com o pai atual. Diz que hoje o pai está mais presente na vida dos filhos e cita alguns exemplos.

O pai tá hoje mais presente com o filho - antigamente não tinha isso, o pai hoje viaja com o filho, o pai hoje joga futebol com o filho, o pai hoje conversa particularidades com seus filhos, coisa que tinha na minha época, o meu pai nunca me perguntou se eu tava namorando - hoje a gente pergunta: e aí, tá namorando? Tá com uma namoradinha? Senta aqui, vamos conversar... Hoje tem essa aproximação que não tinha no passado, cê tá entendendo? (José, pai, 49 anos)

Neste sentido, observa-se que o pai é uma realidade em mudanças. Há uma afirmação que mostra uma aproximação, uma vontade de ser diferente de seu próprio pai. Bastos (2019, p. 14) afirma que “existe um novo pai, não mais reduzido exclusivamente às funções de provedor e disciplinador, mas um pai presente, envolvido nos cuidados dos filhos”.

Tiago confirma a importância da presença, não só do pai, mas dos pais, conforme sua declaração. Pai e mãe são relevantes para a sua formação.

Ah, uma pessoa maravilhosa, sempre presente, que eu acredito que um pai verdadeiro tem que ser isso - sempre presente nas decisões da família. Fazemos as atividades de lazer juntos, passamos a maior parte do tempo juntos, só eu e ele. Ser um pai presente já diz muita coisa. (Tiago, filho, 16 anos)

Eu sempre digo lá em casa: eu sem meus pais, no caso, sem eles, não sei o que seria de mim. Até pra me formar uma mente totalmente formada eu preciso deles, entendeu? Então, eles presente na minha vida eu tenho um futuro com eles ao meu lado pra me ajudar a crescer mais a cada dia. (Tiago, filho, 16 anos)

Para Petrini (2010, p. 19), “[...] a paternidade é feita de qualidades relacionais, mais que de qualidades individuais”. Essa qualidade necessita de presença, pois a “presença qualifica uma relação que tende a abarcar a totalidade das pessoas envolvidas” (PETRINI; CAVALCANTI, 2020, p. 73). Embora a presença seja uma forma de dádiva muito significativa na relação entre o pai e seus filhos, foi encontrado outro estilo de paternidade que pode influenciar negativamente essa relação, é a ausência paterna.

Apesar de ter sido mais raro nas entrevistas, apareceu um pai que, ele mesmo, deixa entender que a ausência é um fator agravante.

É essa questão que eu tô falando aí. É na ausência que a gente é presente e ausente ao mesmo tempo, mas todo momento que a gente fala, tenta amenizar, porque é uma necessidade que eu sei que os filhos têm de tá com os pais, de conversar e tal, aí a gente tenta amenizar de todo jeito, mas devido ao nosso trabalho é complicado conciliar as duas coisas, entendeu? (Jacó, pai, 34 anos)

Essa questão da ausência..., eu queria tá mais tempo com eles ali. Eu queria trabalhar menos também pra poder tá com eles ali, mas porque eu sei também que eu ia desestressar um pouco. (Jacó, pai, 34 anos)

Ao ser questionado sobre a comunicação com o filho, Jacó respondeu:

Ó, muito, muito, muito, não! Porque devido ao meu trabalho, às vezes eu passo o dia todinho ali fazendo arte e ajudando a mãe, a mãe também - a gente fala, conversa direto sobre isso. Que às vezes a gente vai se arrepender lá na frente e tal, por tá ali perto - a gente passa os ensinamentos, tal, mas pra conversar nesse estilo aí, por exemplo, pra assisti um filme, pra dar risada, é muito raro porque a vida da gente é muita correria, é muita correria mesmo, mas quando a gente pode a gente tá junto, mas são raros os momentos. (Jacó, pai, 34 anos)

Observa-se que este pai reconhece a ausência afetiva/ emocional e tem consciência de que poderá ter problemas no futuro com o filho.

Sganzela e Levandowski (2010) admitem que o conceito de ausência paterna tem se mostrado de difícil definição, sendo usado, muitas vezes, para fazer referência a fenômenos diferentes. Primeiro, o conceito de ausência paterna se reporta a uma perspectiva mais tradicional da paternidade, em que o pai não se envolve diretamente com os cuidados do filho. Mesmo sendo provedor e oferecendo suporte emocional à mãe, bem como exercendo poder de autoridade perante os filhos, este encontra-se ausente afetivamente, ou seja, “a ausência paterna seria decorrente da distância emocional/falta de afeto, que pode acontecer mesmo naquelas situações em que o pai está fisicamente presente” (SGANZELA; LEVANDOWSKI, 2010, p. 299).

5.2.2 Tempo

Outra forma de dádiva importante na relação entre o pai e o filho é o tempo. Para Petrini e Cavalcanti (2020), o tempo é um bem escasso nos dias atuais, pois o que é ensinado é que tempo é dinheiro não podem ser repostos ou estocados.

Observa-se na fala de Jacó como ele relaciona a falta de tempo com o filho porque tem que trabalhar muito:

O nosso maior problema lá em casa é o trabalho, a gente não tem hora, não é um trabalho assim que por exemplo: você entra oito da manhã, sai meio dia, aí você almoça, vai pro trabalho, volta seis horas, aí você tem o dia livre. Às vezes tem trabalho que não trabalha sábado e domingo, cê tem tempo pra pegar seus filhos, fazer o que tiver de fazer, e a gente não tem isso porque a gente trabalha a semana inteira - de domingo a domingo, aí tem vez que sim, tem vez que não. (Jacó, pai, 34 anos)

André afirma que o trabalho do pai dificulta a relação por causa do pouco tempo que o pai tem para ficar com ele.

O que dificulta eu acho que é o trabalho dele que ele trabalha, aí não tem muito tempo pra ficar com a gente. As únicas horas que ele fica com a gente é de manhã bem cedo ou então à noite porque ele trabalha o dia todo - meio dia ele chega e ele não pode conversar com a gente porque ele está descansando e quando ele terminar de descansar ele volta pro trabalho, mas quando eu preciso meio dia, eu converso com ele. (André, filho, 14 anos)

Já Simão diz que, apesar de ter vontade de ficar o tempo inteiro com o filho, administra bem esse momento.

Se eu pudesse eu passaria as 24h (risos), eu ficaria com ele as 24h (risos), mas ele como ele tem as necessidades e obrigações dele, aí a gente divide bem esse tempo. (Simão, pai, 52 anos).

Depreende-se, a partir das declarações acima relacionadas, que o tempo é um problema que precisa ser gerenciado. Simão declara administrá-lo bem. No entanto, as falas de Jacó e André mostram dificuldades em resolver esta situação, principalmente por causa do trabalho.

5.2.3 Afeto

O afeto é a outra forma de dádiva citada por Petrini e Cavalcanti (2020). Para estes autores, as trocas afetivas não podem ser reivindicadas como um direito ou exigidas como um dever. “Trocas afetivas movem-se numa extensão ilimitada de gestos” (PETRINI; CAVALCANTI, 2020, p. 74). Sem intenção de adentrar no conceito dessa subcategoria, por ser um tema longo e complexo, pretende-se, aqui, apenas mostrar uma forma de dádiva expressada por Petrini e Cavalcanti (2020). Para tanto, toma-se a definição do Dicionário online Houaiss como parâmetro para entendê-lo como o substantivo que designa “sentimento terno de adesão, geralmente por uma pessoa ou animal; afinidade, ligação espiritual terna em relação a alguém ou algo”, bem como o adjetivo “que demonstra inclinação ou estima por; afeiçoado, dedicado; partidário de simpatizante”.

Ao perguntar como o pai expressa afeto, amor, as respostas apresentadas foram variadas. No entanto, nas falas de Matias e Tomé ficam evidentes que a expressão de afeto e amor estão relacionadas às atitudes cotidianas.

Ali eu acho que no dia a dia mesmo a gente passa essas..., essas..., esse que você falou: afeto, amor, essas coisas. É tudo que eu falei mesmo, ele é sempre brincalhão, amoroso, carinhos, dá sermão na hora certa, acho que é isso mesmo. (Matias, filho, 14 anos)

É por gestos, por palavras, é pelo carinho, tudo de bom assim que ele puder fazer é o que demonstra. (Tomé, filho, 15 anos)

Para Campeol e Crepaldi (2019, p. 503), “O homem-pai está se distanciando da função unicamente de provedor da família e aproximando-se de uma figura afetiva e de cuidado”. Observa-se, então, um movimento importante que pode sinalizar a transição da paternidade em que o homem vem assumindo uma nova postura parental.

Pode-se confirmar esta postura quando Alfeu e Simão manifestam seus sentimentos pelos seus filhos.

São muitas risadas, são muitas risadas, principalmente que eles vão lá pro sítio, pra roça comigo e eles ri, brincam bastante, abraço, beijo - eles não é aquela coisa, nem tão pouco sou - de tá beijando. Mas sempre se abraçam, sentam ao meu lado, penduram no meu pescoço - ah, filho, tu tá é pesado, chega pra lá - oi, tá me matando, entendeu? Mas aquela sempre, sempre somos unidos, sempre somos unidos. (Alfeu, pai, 57 anos)

Rapaz, o meu amor por meus filhos eu acho que seja uma coisa fora do comum, fora dos padrões, amor de pai pro filho é completamente inexplicável. Eu procuro fazer tudo por meus filhos - é como eu até te falei aqui dentro da casa aqui quem dá o não é a mãe (risos), por tanto amor porque eu vejo que passa tudo tão rápido que eu fico: pô, posso fazer isso? Posso facilitar nisso? Eu vou facilitar, e aí o amor por meus filhos é inexplicável. (Simão, pai, 52 anos)

Para Donati (2018), a família está no topo dos valores compartilhados como lugar de afeto, amor, solidariedade entre as pessoas mais íntimas. Nestes casos, a convivência entre os pais e seus filhos mostra uma proximidade relacional baseada nos princípios da partilha entre afetos e amor. As formas de dádivas analisadas – presença, tempo e afeto – foram justificadas pelos participantes através das ações e práticas exercidas na convivência diária entre o pai e o filho.

5.3 DINÂMICAS/ AÇÕES/ ATITUDES RELACIONAIS

A sociedade contemporânea vem passando por várias mudanças que afetam, não só as relações em interação com a própria sociedade, mas também afetam as famílias em suas relações internas. Neste sentido, as relações entre pai e filho é a que mais vem passando por

mudanças. Há um movimento importante que pode sinalizar a transição da paternidade em que o homem vem assumindo uma nova postura parental.

A presente categoria estudada mostra como o pai vem assumindo a sua postura de paternidade atualmente. Para tanto, reporta-se, uma vez mais, à acepção do Dicionário on-line Houaiss que define ‘dinâmica’, em sua segunda opção, como substantivo feminino, sendo este um “movimento interno responsável pelo estímulo e pela evolução de algo ‘a d. das relações humanas’”. Assim, compreende-se que as dinâmicas relacionais são os movimentos, as ações, as atitudes e as forças internas que se deslocam em busca de algo e que são peculiares na convivência familiar. Como a paternidade se encontra em processo de mudanças importantes, a presente categoria mostra como estão acontecendo esse movimento a partir das falas dos pais e dos filhos adolescentes.

5.3.1 Cuidar/ Proteger

Para Justino e Nascimento (2020, p.104),

O monitoramento parental que se apresenta no esforço para conhecer e estar presente na vida dos filhos, acompanhando suas atividades, conhecendo com que eles convivem e por onde andam, são considerados fatores protetores para o desenvolvimento, além da proximidade e da boa comunicação da família.

Neste sentido, Zebedeu acredita que cuidar e proteger os filhos não é muito fácil na atualidade, pois o mundo apresenta outras propostas:

Eu acho que as maiores dificuldades é essa modernidade hoje, é você tentar mostrar pro jovem de hoje, pro meu filho, que esse caminho é errado, porque o mundo apresenta, o mundo apresenta muitas, muito muitas fantasia, que muitas vezes aquela fantasia vai levar ele pra droga, pra bebida, e eu que tenho um filho adolescente eu tenho que tá de olho nisso. Isso eu acho que é uma dificuldade é o mundo hoje em si, o que nos apresenta pra gente poder apresentar ao filho que aquilo é perigoso. (Zebedeu, pai, 50 anos)

Tiago confirma a forma como o pai age no cuidar e proteger:

Cuidar é tá ali com o filho quando ele... é participar da vida do filho, tando nas tristezas e alegrias, tando ali ensinando, alertando, sempre pegando no pé quando precisa, e também, é como eu disse, é estar ali nas alegrias do filho, ensinando o errado e o certo. (Tiago, filho, 16 anos)

Abraão mostra como ele cuida e protege o filho:

Você vai ensinando: ó, meu filho, o caminho é esse aqui, mas quando passa a ir pro colégio, começa a sair com um coleguinha, o comportamento já muda, aí você já tem que tá atendo pra não deixar ele desviar, porque se você vacilou ali, o filho escapuliu, do que jeito que o mundo tá pronto pra tragar nossos filhos hoje..., temos aí as drogas, né? A violência, então a gente tem que tá atento pra que isso não venha acontecer com nossos filhos. (Abraão, pai, 42 anos)

Para Bastos *et al.* (2013), um dos principais estudos no Brasil sobre o papel do pai mostra que o cuidado é um foco importante e aparece com uma dimensão maior e visível no comportamento paterno brasileiro contemporâneo. Apesar de esses estudos terem uma maior ênfase na relação com a criança, percebe-se, na fala dos participantes acima, que o cuidado e a proteção são importantes também nas dinâmicas de pais de adolescentes, como assinala Boff (2005, p.34) ao dizer que “cuidado é aquela energia que continuamente faz surgir o ser humano”.

5.3.2 Dialogar

Petrini (2016, p. 25) diz que as “relações entre pais e filhos ganham respeito e flexibilidade, deixam os modelos centrados na autoridade e na disciplina, enquanto são incorporados os valores de diálogo, negociação, tolerância, no horizonte de um amplo pluralismo ético e religioso”.

Ao perguntar sobre a forma de resolver os conflitos, pais e filhos concordaram que sempre há conversa, diálogo. Observa-se que Alfeu, além da conversa, é tolerante ao dizer que, quando os filhos ficam alterados, ele se afasta, deixando entender que este não utiliza o modelo de paternidade centrado na autoridade para resolver os conflitos.

Conversando, conversando com eles, conversando com eles, às vezes ele se altera com tudo, o lado deles, eu paro, também não discuto com eles, eu saio no momento, deixo eles falando, reclamando, resmungando, aí depois eu saio, me afasto, com 20 minutos depois, tal..., deu tempo vai pra casa - aí eu procuro... Como é que tá, tudo bem? Quero falar com você, se der pra eu resolver eu resolvo com eles, não é? Procedo dessa maneira. Eu acho melhor, muito bom, muito bom. (Alfeu, pai, 57 anos)

Além da conversa, os pais utilizam, também, o modelo de negociação.

No bate papo, aí tem que ser com a conversa, com a conversa, com a cobrança, com a liberação pra algumas coisas e pra outras não. Tem que sempre tá participando dessas conversas com eles. (Josué, pai, 49 anos)

Sempre conversando. Quando nós temos nossos conflitos, fecho a porta do quarto, sento na cama, um na cabeceira, outro nos pés da cama, como diz no ditado popular: e agora começa a lavar a roupa suja e dentro daquilo chegamos à conclusão e o direcionamento que nossos filhos precisam. (Abraão, pai, 42 anos)

Aí a gente vai pro diálogo, vai conversar, vai sentar e tal..., tem que ter o diálogo. Porque se você disser que não há, aí a gente tá se omitindo, todo mundo hoje sabe que tem momentos da relação que é difícil, às vezes você tá de cabeça quente e falar algo, expressar algo que não era pra expressar e tal, mas tudo se resolve (risos). (Davi, pai, 47 anos)

Os filhos confirmaram que existe diálogo na relação com o pai, tanto para resolver conflitos quanto para direcionar.

Ô filho, tem alguma coisa, tem alguma coisa que está lhe perturbando? Alguma coisa que você..., que você não tá se sentindo bem? Você quer conversar? Eu converso com ele e me sinto bem melhor. (André, filho, 14 anos)

Na fala de Tiago observa-se o pluralismo ético e religioso citados por Petrini (2016).

Conversamos sobre religião, nossa religião, conversamos sobre futebol, assuntos da vida. Como a vida é, o que ele fez, o que ele fez de errado que passa pra mim pra não fazer, pra eu não cometer o mesmo erro, né? Sobre o que eu vou enfrentar na vida, ainda só o Ensino Médio, pra faculdade, os obstáculos que eu vou enfrentar na vida e como passar por eles. (Tiago, filho, 16 anos)

Ah, a gente conversa, a gente senta, conversa, analisa todos os problemas, tal, e procurar assim, depender da situação, procurar não fazer aquilo também pra não acontecer o erro. (Tomé, filho, 15 anos)

Weber, Salvador e Brandenburg (2006 *apud* JUSTINO; NASCIMENTO, 2020) destacam aspectos relevantes para a qualidade da relação familiar entre pais e filhos quando estes se referem à expressão do afeto, à disponibilidade, ao envolvimento, ao monitoramento e ao estabelecimento de regras, em que o diálogo e o compartilhamento de informações sejam estabelecidos na comunicação.

5.3.3 Orientar

Cervený e Chaves (2010) afirmam que quando se chega à adolescência, quase todos os filhos rejeitam os cuidados de criança, evitam as conversas e conselhos educativos, sendo que a função parental, agora, será de orientar. A fala dos filhos adolescentes abaixo confirma essa função.

Quando eu preciso de ajuda com alguma coisa, quando eu preciso de um conselho eu vou diretamente nele - eu falo: ô pai, eu tô fazendo isso e isso, o senhor pode me dar uma dica do que eu devo fazer? Ele explica, aí ele fala: Pense nisso primeiro, depois você resolve e depois você tenta fazer isso direito. (André, filho, 14 anos)

É porque é minha família que me ensina tudo, minha mãe, meu pai, meu irmão, aí eu acho de grande importância porque são eles que me mostram como é a linha, como é que eu devo viver, o que é que eu aprendo - é sempre com eles. (Matias, filho, 14 anos)

Orienta sim, na hora que tem alguma dúvida assim ele sabe assim explicar. Ele sempre fala assim: ó, o melhor pra você, aí você que escolhe, mas ele sempre comenta. (Tomé, filho, 15 anos)

Pra mim um bom pai é o que aceita o que o filho entenda como certo, mas às vezes, dê um toque ao outro, tá entendendo? Explique o caminho porque o pai ter mais experiência, por idade, vivência, explicar o jeito, né? (Felipe, filho, 17 anos)

Os pais também afirmaram que orientam os filhos, através de conversas e diálogos.

Eu sempre digo a ele uma coisa, ó meu filho, ó, o estudo é muito bom, muito bom! Importante em qualquer sociedade, em qualquer ambiente o estudo é muito bom, mas não é tudo. O estudo pra mim só é realmente assim quando chega se você puder conciliar o estudo com a pessoa humana. Não adianta a pessoa ser um doutor, se um mais alto grau que for de sua profissão, ser o que for e não ser humano, não olhar pro próximo, entendeu? Não ter compaixão, não enxergar os valores que a vida tem sem ser o material, então é isso que eu sempre tô presando isso. (João, pai, 51 anos)

Eu procurando entender a situação, entender o que tá se passando e mostrando a ele a maneira correta de que deve ser as coisas, que nem sempre a gente faz o que a gente quer. Aí ele tem que entender que nem sempre a gente faz o que a gente quer. (Simão, pai, 52 anos)

A gente senta, conversamos sobre relacionamento com amigos, nos falamos sobre drogas e sexo, porque nossos filhos precisam ser orientados porque se a gente não orientar o mundo vai orientar lá fora - e quando o mundo orientar, pode ter certeza que não vai ser a orientação do pai. (Abraão, pai, 42 anos)

As falas representadas acima pelos pais mostram uma relação que tenta influenciar positivamente o filho, integrando a capacidade de orientar e dar suporte emocional, conforme

Petrini e Alcântara (2015) quando declaram, que a relação pai e filho ganharam relevância, sobretudo no “estilo democrático (que integra a capacidade de orientar e dar suporte emocional) como aquele capaz de influenciar positivamente a adaptação do filho” (PETRINI; ALCÂNTARA, 2015, p. 218).

Pucci (2012, p. 39) acrescenta que “o pai, com suas orientações, insere o filho no mundo e na sociedade, instrumentando-o para o convívio com o outro, propicia um senso de enraizamento na coletividade, zela pelo processo adaptativo”.

5.3.4. Autoridade/Autoritarismo

Por outro lado, Petrini e Alcântara (2015) afirmam, também, que os estilos autoritário e permissivo de paternidade podem trazer efeitos negativos para o desenvolvimento. Conforme Carlos (2014), as dificuldades enfrentadas são porque, muitas vezes, os pais não sabem lidar com o adolescente. Percebe-se, então o uso da força, tanto verbal como física, conforme os próprios entrevistados afirmam.

Porque às vezes a gente cobra, e ele vem: não, não sei o que, se aborrece e já quer discussão - e aí a paciência já começa a perder e eu tenho medo de soltar algo que venha magoá-lo, entendeu? Porque tipo assim, eu sou uma pessoa super calma, mas um triscozinho já começo a ficar nervoso, começo a explodir, aí eu tenho medo disso aí - de eu falar algo e magoar, acho que eu escutava muito, e eu sei que às vezes um tapa dói menos do que uma palavra. (Josué, pai, 38 anos)

A questão do eu por limites nele, sei lá..., às vezes eu começo a cobrar dele as coisas, ele começa a ficar chateado e eu começo a ficar um pouco triste (risos), aí acabo deixando de manter o pulso, né? (Josué, pai, 38 anos)

Eu e mãe de vocês são praticamente jovens, a gente já, a gente não tem nem história pra contar direito porque a gente trabalha tanto pra dar uma boa vida a vocês, e as outras coisas assim: desobediência é questão de fazer as coisas erradas assim..., de responder, essas coisas aí a gente resolve com castigo; já deu uns tapas antes, mas hoje em dia num..., só castigo mesmo. (Jacó, pai, 34 anos)

Foi perguntado a Bartolomeu o que o pai faz hoje com ele e ele não faria com o filho dele e a resposta foi:

A surra. Tem hora que ele me bate, eu vou mais só castigar, porque se não castigar, ele pode ficar muito mal acostumando, entendeu? (Bartolomeu, filho, 13 anos)

Além de Bartolomeu dizer o que não vai fazer com seu filho, quando este for pai, ele continua, através do seu pensamento, se envolvendo num círculo vicioso de despreço e danos afetivos que são causados através dos castigos físicos e emocionais, como declarado abaixo:

O pai do pai do meu pai, eu acho que ele - tudo isso que agora que meu pai tá fazendo comigo, quando meu pai era criança, ele fazia o que ele tá fazendo agora - não tá me dando carinho, tanto amor, quando meu pai era criança ele já não dava, entendeu? Eu acho isso. (Bartolomeu, filho, 13 anos)

Neste sentido, Carvalho (2013, p. 39) declara que,

O pai está ausente, como uma imagem, até mais que como indivíduo; a ausência do pai é ela mesma a imagem do pai atual. O filho percebe sua ausência e o pai que não é mais um patriarca sendo visto como uma figura antiga e castradora de autoridade, pai e filho entram num círculo vicioso cheio de desprezo e falta de respeito.

As dinâmicas relacionais entre pai e filho, ações e atitudes também estão em mudança. Percebeu-se, nas entrevistas ou na contribuição dos participantes da pesquisa, que, apesar das dificuldades na relação com o adolescente, os pais estão motivados a se aproximarem mais dos filhos, ajudando-os, mostrando caminhos para o futuro. Os pais e os filhos entrevistados confirmaram, em sua maioria, que há mais cuidado, proteção, diálogo e orientação. No entanto, em menor número, ainda há ações e atitudes próprias do pai autoritário.

5.4 BENS RELACIONAIS

Donati (2018) afirma que a família é um bem comum em um sentido muito diferente do que circula nos meios de comunicação de massa. “O bem comum da família não é um bem de tipo agregativo, não é a soma de bens privados individuais, mas sim um bem de tipo relacional, que consiste em compartilhar as relações das quais ambos derivam os bens individuais e os bens da comunidade envolvente” (DONATI, 2018, p. 40, tradução nossa).

A partir desta concepção, compreende-se que os bens gerados na família são resultados das relações entre seus membros. Assim, a relação entre pai e filho também envolve uma partilha que não é uma soma ou acúmulo de bens, mas uma compreensão mútua que contribui para um ambiente sereno, mesmo quando há divergência de gostos e opiniões.

Neste estudo também foram percebidos bens relacionais que, segundo Donati (*apud* PETRINI, 2011, p. 24), são aspectos invisíveis que “geram ou atualizam vínculos, que pode ser percebido e experimentado como recurso ou como amarra”.

5.4.1 Confiança

A confiança é um bem relacional à medida que pais e filhos trocam sentimentos afetivos de qualidade, de respeito, em que há uma segurança mútua, conforme declaração dos participantes. Zebedeu diz que a confiança é uma construção, uma conquista que demanda tempo e familiaridade.

A confiança e isso dele eu conquistei, isso foi uma conquista aos poucos, foi uma conquista aos poucos. Não é fácil, é uma vida. Foi uma conquista porque você só confia naquilo que você realmente conhece, e eu deixei ele me conhecer, questão é essa: tem que deixar, o pai tem que deixar o filho conhecer e ser exemplo, aí ele confia. (Zebedeu, pai, 50 anos)

Esta subcategoria também teve relevância para os filhos que se mostraram seguros/confiantes em relação aos pais. A confiança, segundo Tiago, Bartolomeu e Pedro requer proteção, tranquilidade e disponibilidade.

Com certeza! Total confiança, - me protege, tem tudo assim..., é como eu disse - ele é o pai que deve ser o pai, entendeu? Protetor, protege a família e tudo entre outras coisas. (Tiago, filho, 16 anos)

Assim..., eu se sinto assim quando eu tô perto dele, mais calmo. Por exemplo: eu tô numa situação difícil, aí ele tá perto de mim eu já me acalmo, sei lá, só por ele tá por perto eu já fico tranquilo. (Bartolomeu, filho, 13 anos)

Eu sei que eu vou poder contar pra ele qualquer coisa que eu fizer, ele sempre vai tá. (Pedro, filho, 17 anos)

A confiança é um bem relacional quando há uma interação, uma troca de sentimentos de qualidade que gera segurança. Para Donati (2013 *apud* FORNASIER, 2018, p. 108), “a família é chamada de ‘instituição de confiança’ da sociedade não só porque a comunidade lhe confia a tarefa única e insubstituível do cuidado e da educação dos filhos, mas porque a família é o lugar primário no qual se forma a confiança interpessoal, comunitária e generalizada”.

5.4.2 Cooperação

A cooperação é um bem relacional à proporção que envolve partilha e contribuição mútua, em que pai e filho, juntos, se esforçam para ajudar uns aos outros. Observa-se esta concepção nas falas de Jonas e Zebedeu.

É, assim..., no que ele precisar eu ajudo, tanto num conselho, num bem material, da mesma forma é ele comigo - se eu preciso da ajuda dele pra qualquer coisa, né, ele está pronto, então existe uma cooperação muito é próxima entre eu e ele. (Jonas, pai, 39 anos)

Sim, há cooperação, a gente sempre faz umas coisas juntos. Por exemplo: tem alguma coisa pra arrumar eu chamo ele, eu não faço só, eu sempre chamo ele pra ajudar. Vai carregar uma planta de lugar, uma terra, alguma coisa assim de casa, do dia a dia, algum trabalho doméstico de casa. (Zebedeu, pai, 50 anos)

Levando em consideração a contribuição mútua para ajudar com tarefas, sejam domésticas ou no trabalho, os filhos também declararam que cooperam com seus pais, ainda que sejam solicitados.

Sempre tô ajudando lá na roça, principalmente, porque quem mexe com os animais mais sou eu, e não muito ele. Eu gosto muito de internet, procurar, aí eu acabo mexendo mais que ele. (Matias, filho, 14 anos)

Ah assim..., um ajudando o outro, ah sim... Eu entendo ele assim, nos momentos que ele fala, eu ajudo ele se precisar de alguma coisa - se precisar eu ajudo. E mesma coisa comigo, se precisar de algo, se ele puder é fazer, ele consegue. (Tomé, filho, 15 anos)

Tem vez que ele me pede pra mim pegar algumas, quando ele tá consertando algumas coisas lá na marcenaria, ou no celular mesmo, na internet, ajudo ele. (Salomão, filho, 14 anos)

Neste sentido, é a família que “habitua à cooperação porque ninguém em família pode subtrair-se à necessidade do outro. Se o faz, deve se justificar. E isso já é um apelo à virtude de saber responder” (DONATI 2013b *apud* FORNASIER, 2018, p. 108).

5.4.3 Reciprocidade

O bem relacional mais analisado na concepção de Donati é a reciprocidade, pois ela se estabelece na relação pautada no dom (dar-receber-retribuir). O dom cultiva relacionamentos, logo cria vínculos (DONATI, 2011). Nas declarações dos participantes deste estudo também apareceram sentimentos de pertencimento recíproco.

Há retribuição. Ambas as partes - um retribui com outro, não em termos de toma lá dá cá, mas pela aproximação, pela forma de convivência, então não existe isso aqui é meu e você não pega, isso aqui é dele, ele não pega, não. Existe muito bem entre eu e ele. (Jonas, pai, 39 anos)

Observa-se que há uma consciência de ações recíprocas, não por bens materiais, mas pela aproximação, pela convivência que, segundo a concepção de bens relacionais, não é visível. A reciprocidade não é um *toma lá dá cá*, como bem acentuou Jonas.

Ao serem questionados de que forma os filhos pretendiam cuidar dos pais futuramente, as respostas foram parecidas nas falas de André e Pedro.

Eu vejo muita gente botando pais e mães no asilo - eu vejo que isso não é bom pra ninguém. Eu, se fosse no meu lugar, eu não gostaria de ficar lá com eles - eu gostaria de ficar com a minha família que está comigo e tá me ensinando a viver melhor e, no futuro, eu quero que eles estejam comigo nesses momentos, que eles estejam me apoiando, que eles estejam vendo que tudo aquilo que eu queria conseguir eu estou conseguindo e, no futuro, eu não quero de jeito nenhum desfazer nem dele nem da minha mãe. (André, filho, 14 anos)

Ajudando ele da forma que ele mais precisar, porque eu sei que no futuro vai ser mais difícil - e já que ele me ajudou quando eu era mais novo, agora meu papel é retribuir. (Pedro, filho, 17 anos)

Segundo Donati (2016, p. 152), “é a relação que orienta as percepções e dá forma aos nossos sentimentos, que naturalmente são elaborados dentro de nós mesmos”. Assim, conforme este autor, um grupo familiar encontra sua identidade na relação de pertencimento recíproco. O sentimento vem desse relacionamento que faz parte da existência humana, não apenas corpórea, mas também, e sobretudo, psicológico, cultural e espiritual.

5.4.4 Amizade

Conforme Donati (2018), a amizade é o reconhecimento de algo que não pertence nem ao *eu e nem ao outro (ego e alter)*²⁰, apesar de ser dos dois. Este é o bem relacional. É o bem que existe em comum entre as pessoas, só elas podem criá-lo, mas não pertence a nenhuma destas pessoas, apesar de ser de ambas as pessoas.

Nas falas dos participantes também se verificou que há uma relação de amizade entre pai e filho e que se trata de uma construção pautada na convivência, na união, na confiança.

²⁰ Ego (eu); alter (outro).

O que facilitou? Porque desde pequeno eu fui amigo dele, eu não fui distante, foi isso que facilitou. É acompanhar, acompanhar desde pequeno, levava pra brincar só eu e ele no parque. Sair pra caçar, fazer... caçar com ele, brincar de bicicleta, jogar bola eu ia com ele, então isso você vai criando laços de amizade. (Zebedeu, pai, 50 anos)

A convivência do pai com o filho chama-se: amizade. Filho e pai eles são amigos. Devido à amizade que você tem com seus filhos, ser amigo de seus filhos, você consegue ter uma boa convivência com eles. Como eu acabei de dizer nesse instante, a convivência - conviver com eles da maneira veem, que deu certo, não é? E quando você vê que ele está errado, falar com eles que tá errado e eles mesmo podem dizer que tá errado, certo? Mas não teve, não tenho cada assim pra responder contra eles não. A convivência hoje é a amizade, a amizade entre eu e eles. (Alfeu, pai, 57 anos)

Eu acho que tem que ter uma certa união entre pai e filho, uma certa amizade, porque tipo assim: se eu ficar só nessa..., eu vejo assim, meu pai, exemplo: ele me criou tipo assim: ele manda, e eu obedeço - é o chefe e o empregado. Eu acho que tem que acabar essa imagem. O pai ele é o pai, o conselheiro, ele é o guia - não ele é o ditador. Ele vai conduzir ao filho um caminho bom, de uma forma agradável, juntos. (Josué, pai 38 anos)

Felipe e Pedro também afirmaram que na convivência entre eles e os pais há uma relação de amizade alicerçada na convivência e na confiança.

Ah, a convivência da gente é muito legal, eu tenho meu pai como um amigo. Conto tudo pra ele, tipo: uma meninha, eu converso com ele - ele dá dicas. (Felipe, filho, 17 anos)

Ah, posso, meu pai - considero o pai ideal, me ajuda pra o que precisar, sempre tá lá, a gente fala sobre muitas coisas, tem uma relação muito boa! (Pedro, filho, 17 anos)

Donati (2018) explica que a amizade não pode ser resultado de uma estrutura social, não pode se tornar uma instituição ou uma estrutura para que as pessoas tenham que se conformar. Para ser amigo, é preciso pelo menos dois e compartilhar e trocar algo em um nível interpessoal. É preciso compartilhar. Ou seja, é uma ação recíproca, pois é na relação como ação recíproca que se dá sentido, forma e conteúdo à amizade.

Assim, os bens relacionais gerados na interação entre pai e filho ficaram evidentes nas declarações da maioria dos participantes, tanto na fala dos pais como dos filhos. Estes confirmaram que, em suas relações, há confiança, cooperação, reciprocidade e amizade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o estudo, dialogou-se e tomou-se como base teórica pesquisas as quais afirmam que o pai está mais envolvido nos cuidados com os filhos. No entanto, verificou-se que as investigações são mais comuns com filhos na fase da infância. Desta feita, decidiu-se priorizar neste estudo a relação pai e filho na adolescência, mostrando a amplitude e a complexidade que esta fase exige, pois, apesar de muitos trabalhos se direcionarem para os cuidados paternos na infância, a relação entre os adolescentes é imprescindível, visto que, nesta fase, há uma dificuldade em estabelecer uma relação harmoniosa, uma vez que a adolescência é uma fase de transição e, por natureza, cheia de dúvidas e confusão.

Diante do exposto, por se tratar de uma realidade contemporânea observada em um recorte geográfico específico, Ipirá, interior da Bahia, foi perceptível que os resultados indicaram confluências com a literatura apresentada, confirmando, assim, algumas expectativas ligadas aos novos estudos sobre a paternidade, especificamente sobre as dinâmicas relacionais entre o pai e o filho adolescente. Neste sentido, torna-se pertinente tecer aqui algumas considerações que, a partir do objetivo geral, permitem compreender as dinâmicas relacionais entre os pais e seus filhos adolescentes, concluindo-se que houve avanços significativos nesta direção, sem, entretanto, ter se esgotado a proposta desta pesquisa. Para tanto, convém resgatar os objetivos específicos do presente estudo com o propósito de expressar as impressões alcançadas, considerando que as declarações foram feitas não só pelo ponto de vista dos pais, mas também dos filhos adolescentes.

O primeiro objetivo específico foi identificar as modalidades de relacionamento entre pais e filhos, às quais os atuais estudos se inspiraram. Estes estudos buscam na literatura o percurso histórico que se ocupou em analisar a conjuntura da paternidade no tempo, utilizando, portanto, uma bibliografia mais antiga. Considerando as referências examinadas ao longo da história, foi possível verificar que ainda há uma reprodução de valores tradicionais e autoritários, misturados com valores próprios da modernidade, como acolhimento, diálogo e tolerância.

Em apenas duas díades, observou-se que há uma autoridade abusiva, a saber: um filho adolescente retrata que o pai o castiga, além de dar uma surra; um pai disse que fica estressado por causa da desobediência do filho, por isso o castiga. Desse modo, percebeu-se, então, uma demonstração conflituosa e dramática na relação entre pai e filho, mantendo, portanto, ações e atitudes conservadoras de autoritarismo.

No que se refere ao segundo objetivo específico, ao analisar as dinâmicas relacionais entre pai e filho na família contemporânea, passando por momentos de crises na época da modernidade e na pós-modernidade, um adolescente declarou que está tendo um choque de gerações, por isso o pai não o entende. Ainda nessa perspectiva, outros adolescentes também disseram que os pais deveriam entendê-los melhor. Por outro lado, alguns pais afirmaram que está difícil lidar com a adolescência atualmente. Dessa forma, constatou-se, então, uma dificuldade que alguns pais têm em lidar com os filhos nesta fase, justificando, também, que a tecnologia atrapalha essa relação e, outros casos, remeteram à desobediência dos filhos.

Deste modo, observa-se que há uma crise de compreensão mútua entre o pai e o filho na fase da adolescência. No entanto, mesmo com essa noção de diferença entre as gerações, pais e filhos declararam que se entendem dentro do possível, mostrando que há um esforço para melhorar a relação. Com efeito, há uma percepção de que o pai está tentando ser mais compreensivo e acolhedor, embora seja um desafio para o pai contemporâneo lidar com as relações de diálogo e atenção para com os filhos adolescentes.

Quanto ao terceiro objetivo, neste pretendeu-se descrever novos elementos na relação entre pai e filho em famílias da cidade de Ipirá, com vistas na abordagem relacional proposta por Pierpaolo Donati, uma vez que a abordagem relacional, na concepção deste autor, é fundamentada, principalmente, no dom/dádiva. A este respeito foram analisadas três formas de dádivas apresentadas por Petrini e Cavalcanti (2020): presença, tempo e afeto. Nesta perspectiva, apesar de serem raras nas relações familiares na sociedade contemporânea, devido à ideia de utilitarismo e mercado injetada na consciência humana própria da pós-modernidade, foram encontrados, na maioria dos dados analisados, estas formas de dons/dádivas na relação entre os pais e os filhos. No entanto, em menor ocorrência, apareceram também a ausência, a falta de tempo e a não aproximação afetiva. Sendo as relações constituídas a partir da dinâmica da dádiva, segundo Petrini e Cavalcanti (2020), foram encontrados traços de bens relacionais gerados na relação pai e filho, tais como: confiança, cooperação, reciprocidade e amizade, ratificando essa premissa.

A história mostra uma relação conflituosa entre pais e filhos e o enfraquecimento do pai autoritário de outrora, bem como uma desvalorização da figura paterna no seio da família. No entanto, percebe-se uma ressignificação da imagem paterna na atualidade. O pai, embora desacreditado por muitos, emerge como membro integrante de grande relevância para a construção da identidade dos filhos, pois estes buscam no papel do homem-pai a sua identidade masculina, especialmente quando adolescentes. Assim, as dinâmicas relacionais estabelecidas

na convivência diária entre ambos são imprescindíveis para a formação do futuro e novo homem-pai.

Levando em consideração todo esse contexto e toda a abrangência e complexidade que há nos estudos sobre as dinâmicas relacionais entre os pais e seus filhos adolescentes, a figura paterna, nesta pesquisa, é o centro e está, ainda, em mudança. Há um conjunto de atitudes e ações mescladas entre o pai tradicional e o pai contemporâneo. No entanto, há um desejo de agir diferente, em busca de um equilíbrio em suas relações. Neste contexto, o pai representa uma imagem que reflete na formação pessoal do filho, ainda que haja discordâncias de ideias e atitudes. O filho adolescente considera o pai como uma pessoa essencial para orientar, proteger e conduzi-lo ao mundo adulto que o espera, gerando, dessa forma, bens relacionais como confiança, cooperação, reciprocidade e amizade.

No entanto, na vivência da família contemporânea há uma diversidade de experiências de paternidade: presente, ausente, provedor, diferentes condições socioeconômicas, afetuoso, compreensivo, autoritário, dentre outras características, e, muitas vezes, um misto de todas elas. Neste sentido, as dinâmicas relacionais entre pai e filho podem dirimir ou emergir os conflitos ocultos que afligem o homem.

Depreende-se, assim, que transformar uma realidade consolidada por muitas décadas leva tempo. Uma relação mais democrática e harmoniosa entre pais e filhos está a caminho, quando estes demonstram uma consciência de que há uma construção que converge para uma relação que se manifesta de forma mais dinâmica e positiva.

Com base nestas proposições e na literatura apresentada neste estudo, percebeu-se que, na fase da adolescência, já é possível incorporar, através das dinâmicas relacionais constituídas, a consciência de paternidade nos filhos, ajudando-os através do cuidado, proteção, orientação, afetos, amizade, presença e entendimento.

Diante da abrangência e profundidade desta temática, é importante mencionar que a conclusão deste estudo não finda o debate em torno desse objeto de pesquisa. Pelo contrário, abriu várias possibilidades para novas investigações. Como sugestão, recomenda-se temas mais específicos: de que forma a dádiva/dons estão presentes na relação entre o pai e o filho adolescente; que dinâmicas facilitam ou dificultam a relação entre o pai e o filho adolescente; quais desafios o pai contemporâneo enfrenta na relação com o filho adolescente; de que forma os bens ou males relacionais são construídos na relação entre o pai e o filho adolescente, dentre outras alternativas.

Por fim, retomando a motivação pessoal da pesquisadora, ao verticalizar o tema, foi possível perceber que a escassez do envolvimento paterno e os prejuízos emocionais

provocados por esta relação, devem-se aos fatores identificados no decorrer do estudo, como:
a ausência afetiva da figura paterna na construção da relação.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Tradução: Suzana Maria Garagoray Bailve. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1981.
- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. Sociologia da Família. *In*: CANEVACCI, M. (Org.). **Dialética da Família**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, v. 15, n. 2, p. 303-330, 09 set. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922000000200006>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- ALMEIDA, F. R. R.; ROURE, S. A. G de. **Concepções de Família e de Autoridade do Curso de Psicologia da UFG**. Universidade Federal de Goiás, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Psicologia e Cultura, 2011. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/FERNA001.PDF>. Acesso em: 10 set. 2021.
- ARAÚJO, A, C.; LUNARDI, V. L.; SILVEIRA, R. S.; THOFEHRN, A. R. Relacionamentos e interações no adolescer saudável. **Rev. Gaúcha de Enfermagem (UFRGS)**, Porto Alegre, RS, v. 31, n. 1, p. 136-142, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/K8pJR3rfJxNGzTCDBjmBpQh/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1986.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (Bola de Neve): Uma Técnica Metodológica para Pesquisa em Educação Ambiental Comunitária. *In*: **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE** [...] Curitiba: PUC, 2011. p. 329-341. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BASTOS, A, C. de S. Para Compreender a Paternidade de Hoje (Prefácio). *In*: MOREIRA, Lúcia V. de C.; CARVALHO, Ana B. de.; PETRINI, G. (Orgs.). **Homem Adulto e Paternidade**: Olhares Interdisciplinares. Curitiba: CRV, 2019.
- BASTOS, A. C. S *et al.*. Paternidade no Brasil: Uma realidade diversa e desconhecida. *In*: SHWALB, D. W.; SHWALB, B. J.; LAMB, M. E. (Eds.). **Fathers in Cultural Context**. Routledge/Taylor & Francis Group, 2013.
- BAUER, M. W. Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentizien. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Revisão Técnica Carlos Fridman. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

BENCZIK, E. B. P. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Revista de Psicopedagogia**. v. 28, n. 85, p. 67-75, jan./abr., 2011. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v28n85a07.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores Adolescência como uma construção social. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. v. 11, n. 1, p. 63-76, jan./jun., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkJzRzQ5YgmbhcnkKzVq3x/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2022.

BOFF, L. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em: 21 abr. 2022.

BONFIM, M. J. C. D. O Patriarca tradicional e suas relações sociais na visão de Gilberto Freyre. In: **18ª SEMOC: Direitos Humanos, Ética e Dignidade**, 2015. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/4152/1/O%20patriarca%20tradicional%20e%20suas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20na%20vis%C3%A3o%20de%20Gilberto%20Freyre.pdf>. Acesso em: 03 set. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei nº 8.069, de 13 de 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/marco_legal.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022.

CABRAL, J. dos S. T. **Paternidade humana reflexo da paternidade divina, antropológica e ética**: Ensaio no encalço da observação do Papa Francisco na *Amoris Laetitia*. 2018. Dissertação de mestrado - Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Teologia, Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/25761/1/JOS%20CABRAL%20%20REPOSIT%20DISSERTA%20FINAL%20PATERNIDADE.pdf>. Acesso em: 23/05/2021.

CALLIGARIS, C. A adolescência (Coleção Folha Explica). **São Paulo: Publifolha**, 2000.

CAMPEOL, A. R.; CREPALDI, M. A. A (nova) relação pai-filhos: uma revisão integrativa da literatura nacional entre 2000 e 2019. **Psicologia Argumento**, v. 36, n. 94, p. 501-526, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/25677>. Acesso em: 27 dez. 2021.

CARLOS, M. C. Os conceitos de autoridade e autoritarismo na relação professor-aluno. **Comunicaciones en Humanidades XVII Congreso Internacional de Humanidades, Palabra y Cultura en América latina: herencias y desafíos Memoria e identidad en el contexto sociolingüístico y cultural latinoamericano** Facultad de Historia, Geografía y Letras. Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, Santiago de Chile, 2014.

CARVALHO, Ana. B. de.; MOREIRA, Lúcia V. de C.; RABINOVICH, Elaine P. A Figura do Pai: entre Declínio e Reorganização. *In*: BASTOS, Ana C. de S.; MOREIRA, Lúcia V. de C.; PETRINI, G.; ALCÂNTARA, Miriã A. R. (Orgs.). **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. Curitiba, PR: Juruá, 2015.

CARVALHO, A. B. de. **O papel do pai na sociedade contemporânea: concepções de pais, funcionários de uma Empresa Estatal da Bahia**. 2013. Tese de doutorado - Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA, 2013. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/123456730/234/1/Tese%20Ana%20Barreiros.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CERVENY, C. M. O.; MOREIRA, M. A. A. Família e Adolescência: o universo da parentalidade na adolescência. *In*: MOREIRA, Lúcia V. de C.; RABINOVICH, Elaine P.; ZUCOLOTO, Patrícia C. S. do V. (Org.). **Paternidade na Sociedade Contemporânea: O Envolvimento Paterno e as Mudanças na Família**. Curitiba: Juruá, 2016.

CERVENY, Ceneide M. de O.; CHAVES, Ulisses H. Pai? Quem é este? A vivência da paternidade no novo milênio. *In*: MOREIRA, L. V.C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. B. (Orgs.). **O Pai na Sociedade Contemporânea**. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr., p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>. Acesso em: 24 out. 2020.

CORNEAU, G. **Pai ausente, filho carente**. Tradução: Fernanda Silva Rando. Barueri, SP: Manole, 2015.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa & Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. Revisão técnica: Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DAMIANI, C. C.; COLOSSI, P. M. A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. **Pensando Família**, v. 19, n. 2, Porto Alegre, p. 86-101, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2015000200008. Acesso em: 08 fev. 2022.

DIAS, M. C.; PETRINI, G. A promoção do capital social familiar como meta das políticas familiares: considerações a partir da abordagem relacional. *In*: MOREIRA, L. V. C.;

PETRINI, G. (Orgs.). **Relações e Políticas familiares**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

DICIONÁRIO ON-LINE HOUAISS. Disponível para acesso em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1. Último acesso em: 05 abr. 2022.

DONATI, P. Che Cosa Significa dire che la Famiglia è um ‘Bene Relazionale’? **Revista d’Humanitats**, n. 2, p. 38-65, 2018. Disponível em: <http://repositori.uic.es/handle/20.500.12328/69>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DONATI, P. The Family As a Source of Relational Goods (and Evils) for Itself and for the Community. **Italian Journal of Sociology of Education**, v. 8, n. 3, p. 149-168, 2016. Disponível em: http://ijse.padovauniversitypress.it/system/files/papers/2016_3_8.pdf. Acesso em: 13 out. 2020.

DONATI, P. Relational Goods and Their Subjects: The Ferment of a New Civil Society and Civil Democracy. **Recerca, Revista de Pensament i Anàlisi**, n. 14, p. 19-46, 2014. Disponível em: <http://www.e-revistas.uji.es/index.php/recerca/article/view/1066>. Acesso em 13 out. 2020.

DONATI, P. **Família no século XXI: abordagem relacional**. Tradução: João Carlos Petrini. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai: uma história da paternidade**. Martins Fontes, 1989.

FERRER, C. El Padre Olvidado: Heridas em lo masculino. Charla 2. In: EMMANUEL LATINOAMÉRICA. **Ciclo de Palestras: Paternidade em Crise**. Comunidade Emmanuel, 2020. 1 vídeo (1h07min35seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QK3SNmvSJ_0. Acesso em: 09 set. 2020.

FERRY, L. Um Século de Desconstrução: O “crepúsculo dos ídolos e o fim dos grandes objetivos. In: FERRY, L. **Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização**. São Paulo, SP: Objetiva, 2008.

FILGUEIRAS, M. **O enfraquecimento do pai: uma análise sobre a queda da autoridade paterna tradicional no mundo atual**. Maringá, PR: Viseu, 2021. *E-book*.

FILGUEIRAS, M. R.; PETRINI, G.. O pai patriarcal segundo Gilberto Freyre. In: MOREIRA, Lúcia V. de C.; PETRINI, Giancarlo; BARBOSA, Francisco de B. (Orgs.). **O Pai na Sociedade Contemporânea**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2010.

FITERMAN, H. **Reescrevendo o pai na sociedade contemporânea: uma representação social da paternidade em Salvador-Ba/Hannah Fiterman**. 2012. Dissertação de mestrado - Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA, 2012.

FONSECA, D. C.; OZELLA, S. As concepções de adolescência construídas por profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF). **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 33, p. 411-424, abr./jun., 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/7ZjgqcPZY8qRHR8qK3zKVYH/?lang=pt#>. Acesso em: 28 dez. 2021.

FORNASIER, R. C. Família como recurso para a pessoa e para a sociedade segundo Pierpaolo Donati. *In*: FORNASIER, R. C. (Org.). **Família e Pobreza: abordagem relacional da família**. Editora Dialética, 2021. *E-book*.

FORNASIER, R. C. Memória e Família na Sociologia de Pierpaolo Donati e na Antropologia de Francesco Botturi. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 35, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6889>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FORNASIER, R.C. Paternidade e Família: Uma Visão Sociológica e Antropológica. Palestra 1. *In*: Emmanuel Latinoamérica. **Ciclo de Palestras: Paternidade em Crise**. Comunidade Emmanuel, 2020. 1 vídeo (1h03min30seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GCszUwAz3So>. Acesso em: 02 set. 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 29. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1933.

GODBOUT, J. T. **O Espírito da Dádiva**. Tradução: José Pedro Cabrera. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

GOMES, V. R. R. **Adolescentes na contemporaneidade: desemprego e laços fragilizados em meio aos ideais da sociedade de consumo**. Rio de Janeiro, RJ: Gramma, 2018. *E-book*.

GUARESCHI, P. A. Relações Comunitárias, Relações de Dominação. *In*: CAMPOS, H. de F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: da Solidariedade a Autonomia**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HURSTEL, Françoise. **As Novas Fronteiras da Paternidade**. Tradução: Emma Elisa Carneiro de Castro. Campinas, SP: Papirus, 1999.

IBGE. Ipirá. Página fotos. **Ibge Cidades**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ipira/historico>. Acesso em: 26 de abr. de 2021.

JABLONSKI, B. Identidade Masculina e o Exercício da Paternidade. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro, RJ: NAU, 1999.

JUSTINO, Y. A.C.; NASCIMENTO, C. R. R.. Relação entre pai e filho adolescente em famílias que vivenciaram a violência conjugal. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, SP, v. 21, n. 1, p. 92-109, jun., 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2022.

KNOBEL. M. A síndrome da adolescência normal. *In*: ABERASTURY, A.; KNOBEL. M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Tradução: Suzana Maria Garagoray Bailve. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1981.

LAMB, M. O papel do pai em mudança. **Análise Psicológica**, 10, p. 19-34, 1992. Disponível em: https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2706/1/1992_1_19.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

LAMB, M. **The Father's Role: Cross-cultural Perspectives**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1987.

LIMA, F.L.A. **Construção da identidade paterna: repercussões no pré-natal masculino**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7644?locale=pt_BR. Acesso em: 28 dez. 2021.

LIPOVETSKY, G. **A Era do vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Tradução: Mário Vilela. São Paulo, SP: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seus destinos na sociedade moderna**. São Paulo, SP: Companhia da Letras, 1989.

LYOTARD, J. F. A condição pós-moderna. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2009.

MARINHO, S. P. da C. **Paternidade de Hoje: Significados, Práticas e Negociações da Parentalidade na Conjugalidade e na Residência Alternada**. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais - Sociologia Geral). Universidade de Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4940>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MATTOS, E.; RONCANCIO-MORENO, M. Processos imaginativos na adolescência: o *self* imaginando-se. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICHI, E.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). **Adolescentes e Adolescências: Família, escola e sociedade**. Curitiba, PR: Ed. CRV, 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro, RJ: Hucitec-Abrasco, 2000.

MORANDÉ, P. La Imagem del Padre em la Cultura de la Postmodernidad (1996). In: BIEHL, A.; VELASCO, P. (Eds.). **Pedro Morandé: Textos Sociológicos Escogidos**. Santiago: Ediciones UC, 2017.

MORANDÉ, Pedro. Família e Sociedade Contemporânea. In: PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, Vanessa R.S. (Orgs.). **Família, Sociedade e Subjetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). **Adolescentes e Adolescências: família, escola e sociedade**. Curitiba, PR: CRV, 2020.

MOREIRA, L. V. de C.; CARVALHO, A. B. de.; PETRINI, G. (Orgs.). **Homem Adulto e Paternidade: Olhares Interdisciplinares**. Curitiba, PR: CRV, 2019.

MOREIRA, L. V. de C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. B. (Orgs.). **O Pai na Sociedade Contemporânea**. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, Elaine P.; ZUCOLOTO, Patrícia C. S. do V. (Org.). **Paternidade na Sociedade Contemporânea: O Envolvimento Paterno e as Mudanças na Família**. Curitiba, PR: Juruá, 2016.

MOURA, T. Masculinidades. **Dicionário Alice**, 2019. Disponível em: https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24318. Acesso em: 10 nov. 2020.

MUZIO, P. A. Paternidade (Ser Pai) ... Para que Serve? *In*: SILVEIRA, P. (Org.). **Exercício da Paternidade**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

NATERCIA, Flávia; VALENTE, Luciano. Entrevista a Gilles Lipovetsky. **ComCiência**, Campinas, n. 101, 2008. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000400013&lng=es&nrm=iso.

NOLASCO, S. A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1993.

NORMANDO, P (UNB). Um breve estudo sobre o conceito de responsabilidade. **Intuição**, v. 5, n. 2, p. 249-265, 19 nov. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/intuicao/article/view/11495>. Acesso em: 08 abr. 2022.

OLIVEIRA, L. C. de; SANCHO, F. A. C. A Crise da Modernidade e os Reflexos no Direito Contemporâneo. **Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife**. v. 87, n. 2, jul./dez., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ACADEMICA/article/view/1683>. Acesso em: 12 set. 2021.

OPAS/ OMS. **Saúde mental dos adolescentes**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 30 jan. 2022.

OSHERSON, S. **Finding our Fathers: How a Mans's Life is Shaped by his Relationship with his Father**. New York: Fawcett Columbine, 1986.

PETRINI, G. O PAI: entre decadência e renovação. *In*: MOREIRA, Lúcia V. de C.; CARVALHO, Ana B. de.; PETRINI, G. (Orgs.). **Homem Adulto e Paternidade: Olhares Interdisciplinares**. Curitiba, PR: CRV, 2019.

PETRINI, G. A figura paterna: dimensão dramática das relações entre pais e filhos. *In*: MOREIRA, Lúcia V. de C.; RABINOVICH, Elaine P.; ZUCOLOTO, Patrícia C. S. do V. (Org.). **Paternidade na Sociedade Contemporânea: O Envolvimento Paterno e as Mudanças na Família**. Curitiba, PR: Juruá, 2016.

PETRINI, G.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. Vida Familiar: A Busca da Satisfação em Meio a Ambiguidades. *In*: BASTOS, Ana C. de S.; MOREIRA, Lúcia V. de C.; PETRINI, G.; ALCÂNTARA, Miriã A. R. (Orgs.). **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. Curitiba, PR: Juruá, 2015.

PETRINI, G.; CAVALCANTI, T. N. Família, Dádiva, Mercado: Relações Familiares entre Cálculo e Dom. *In*: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, G. (Orgs.). **Relações e Políticas familiares**. Belo Horizonte, MG: Editora Dialética, 2020, p. 51-80.

PETRINI, G.; MOREIRA, L. V. C. Relações Familiares: *In*: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, G. (Orgs.). **Relações e Políticas familiares**. Belo Horizonte, MG: Editora Dialética, 2020, p. 27-49.

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão**. Bauru, SP: EDUSC, 2003

PETRINI, J. C. Família na Abordagem Relacional de Pierpaolo Donati. Introdução. *In*: DONATI, Pierpaolo. **Família no Século XXI: abordagem relacional**. 2. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2011.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e Adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PROMUNDO-BRASIL. **24 anos de Promundo**, 2021. Disponível em: <https://promundo.org.br/24-anos-de-promundo/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PROMUNDO-BRASIL. **A Situação da Paternidade no Brasil: Tempo de Agir**, 2019. Disponível em: https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2019/08/relatorio_paternidade_promundo_06-3-1.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.

PROMUNDO-BRASIL. **A Situação da Paternidade no Brasil**, 2016. Disponível em: https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2019/08/relatorio_paternidade_promundo_06-3-1.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.

PUCCI, R. Carla. **A construção da paternidade no vazio da ausência paterna: um estudo sobre como os pais que não tiveram a presença paterna constroem a paternidade com os seus filhos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15154>. Acesso em: 22 fev. 2022.

PUGSLEY, M. C. F. R. A lei, o pai e seu declínio: Função Paterna, Fundamentos da Lei no Indivíduo, Função Interditória do Direito. **Revista de Direito Público da Procuradoria Geral do Município de Londrina**. v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.aprolon.com.br/pkp/ojs/index.php/rdp-pgmlondrina/article/view/150>. Acesso em: 25 out. 2021.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Tradução: João Marques e Maria Amália Mendes. Lisboa: Gradiva, 1992.

RISÉ, C. **A inaceitável ausência do pai**: paternidade e seus desafios na sociedade atual. Tradução: Cláudia Schereen. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2007.

ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003. *E-book*.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro (psicanalista), Lucy Magalhães (Letras Neolatinas). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

SANDOVAL-ESTUPIÑÁN, L. Y. La Sociología Relacional: una propuesta de fundamentación sociológica para la institución educativa. **Educación y educadores**. v. 15, n. 2, 2012, p. 247-262.

SAMARA, E. de M. A família no Brasil: história e historiografia. **História Revista: Revista do Departamento de História (UFG)**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 7-21, 1997.

SAMARA, E. O que mudou na família brasileira? (Da colônia à atualidade). **Revista de Psicologia da USP**, v. 13, n. 2, p. 27-48, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/53500/57500>. Acesso em: 03 nov. 2020.

SANTOS, A. C. O conceito de amizade em Aristóteles. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia**, v.10, n. 10, p. 240-251, 2016. Disponível em: https://www.fara.edu.br/sipe/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/449/pdf_65. Acesso em: 02 abr. 2022.

SHWALB, D. W.; SHWALB, B. J.; LAMB, M. E. (Eds.). **Fathers in Cultural Context**. Routledge/Taylor & Francis Group, 2013.

SILVA, I. R.; SOUZA, F. G. M. DE; SILVA, A. C. O.; NOGUEIRA, A. L. A.; BARBOSA, D. C.; SILVA, T. P. DA. Relacionamentos Familiares no Discurso de Adolescentes Escolares: Contribuições para a Enfermagem. **Cienc Cuid Saude**, 11(1), p. 121-128, jan./mar., 2012. Disponível em: <https://search.bvsalud.org/gim/resource/pt/lil-693599>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SILVA, S. G. da. A Crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e a Literatura Maculinista. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 26 (1), p. 118-131, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n1/v26n1a11.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SILVA, S. G. da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, set. 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jul. 2021.

SPANZERLA, I. M.; LEVANDOWSKI, D. C. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 295-309, ago., 2010. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200005. Acesso em: 01 fev. 2022.

STENGEL, Márcia. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 502-521, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 abr. 2022.

STRAUB, R. O. **Psicologia da saúde: uma abordagem biopsicossocial**. Tradução: Ronaldo Catado Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. *E-book*.

TRAPP, E. H. H.; ANDRADE, R. de S. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. **Revista Ciência Contemporânea**, v. 2, n. 1, p. 45-53, jun./dez. 2017. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180301124653.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.

SCAVACINI, K. *et al.* (Orgs.). **Saúde mental de adolescentes e jovens**. São Paulo, SP: Instituto Vita Alere, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16126/file/saude-mental-de-adolescentes-e-jovens.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2021.

VIEIRA, Mauro Luís *et al.*. Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 36-52, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2022.

ZOJA, L. **O Pai: história e psicologia de uma espécie em extinção**. Tradução: Péricles Pinheiro Machado Júnior. São Paulo, SP: Axis Mundi, 2005.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O ADOLESCENTE



ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O ADOLESCENTE

Data: ____ / ____ / ____ Início: _____ Fim: _____

Local: _____

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

Nome: _____

Idade: _____ Nome fictício _____

II - SOBRE O PAI DO ENTREVISTADO

1. O que você acha que é ser pai?
2. Como você ver o papel dos pais na atualidade?
3. Fale um pouco sobre o seu pai. Como ele é como pai?
4. Como é a convivência com o seu pai?
5. O que representa o seu pai em sua vida?
6. O que você gostaria que seu pai fizesse com você que ele não faz?
7. Como é a comunicação com seu pai? Vocês conversam com frequência?
8. Na convivência de vocês, há afeto, abraços, trocas de carinho, risadas, beijos?
9. Seu pai passa **confiança** para você? Você confia em tudo que ele diz e faz?
10. Você **coopera** com seu pai? Por quê?
11. Você pensa em cuidar do seu pai no futuro? De que forma?
12. O que facilita o relacionamento com seu pai?
13. O que dificulta o relacionamento com seu pai?
14. Como você e seu pai resolvem os conflitos?
15. Conte alguns momentos com seu pai que ficaram marcados para você.
16. Quais as características de um pai ideal para você? Como deveria ser um bom pai?
17. Você acha que tem um pai ideal? O que está faltando?
18. Seu pai fica muito tempo com você? Por quê?
19. O que você e seu pai fazem quando estão juntos?

20. Você já pensou em um dia ser pai? Por quê?
21. Que tipo de pai você seria?
22. O que você não faria com seu filho o que seu pai faz com você?
23. O que você continuaria fazendo com seu filho o que seu pai faz com você?
24. Existe alguma questão que não apareceu na nossa entrevista e que você gostaria de comentar?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PAI



ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PAI

Data: ____ / ____ / ____ Início: _____ Fim: _____

Local: _____

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

Nome: _____

Idade: _____ Nome fictício _____

1 - Escolaridade

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós-graduação incompleta
- Pós-graduação completa

Outros: _____

2 - Estado civil

- solteiro
- casado
- união estável
- divorciado
- viúvo

3 - Atualmente está trabalhando?

- Sim.
- Não. Especificar: _____

(Ex: aposentado, em licença médica, licença prêmio, desempregado, vive de renda).

Em caso afirmativo, perguntar:

- a. Qual a função exercida? _____

b. Qual é a sua carga horária semanal de trabalho? Menos de 20 horas.

20 horas 30 horas 40 horas

Especificar: _____

II - SOBRE O PAI DO ENTREVISTADO

1. Como era o relacionamento do seu pai com o senhor na fase da adolescência? Pode dizer algumas características que lhe marcaram positivamente?
2. Quais características lhe marcaram negativamente?
3. Que tratamento o seu pai tinha com o senhor e que o senhor continua com seu filho?
4. Que tratamento o seu pai tinha com o senhor e que jamais teria com o seu filho?
5. Tem algo a mais que o senhor gostaria de falar sobre o seu relacionamento com o seu pai?

III - SOBRE O ENTREVISTADO

1. Para você, o que é ser pai na atualidade?
2. Para você, quais as características de um pai ideal?
3. Você se acha um pai ideal para seu filho? Por quê?
4. Quais as maiores dificuldades que você enfrenta como pai?
5. Como é a sua comunicação com seu filho? Vocês conversam com frequência?
6. Na convivência de vocês há afeto, trocas de carinho, abraço, beijo, risadas?
7. O que facilita o relacionamento com seu filho?
8. O que dificulta o relacionamento com seu filho?
9. Como você resolve os conflitos com seu filho?
10. Você tem um olhar atento às necessidades do seu filho? Explique um pouco.
11. Há **confiança** entre você e o seu filho?
12. Há **cooperação** entre você e o seu filho?
13. Há **reciprocidade** entre o senhor e seu filho?
14. Quanto tempo você passa com seu filho durante o dia? Como é este tempo?
15. O que você acha que está mudando em relação à paternidade nos últimos tempos?
16. Se você tivesse que mudar algumas atitudes com o seu filho, quais atitudes seriam?
17. Já teve algum momento na convivência de vocês que você fez alguma coisa ou disse algo e depois se arrependeu? O que você fez depois?
18. Existe alguma questão que não apareceu na nossa entrevista e que o senhor gostaria de comentar?

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO (PARA MENOR)



TERMO DE ASSENTIMENTO (PARA MENOR)

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa “Dinâmicas de Paternidade na Sociedade Contemporânea: Um Novo Olhar nas Relações entre Pai e Filho na Cidade de Ipirá. Neste estudo, pretendemos compreender as dinâmicas relacionais entre pai e filho na contemporaneidade, ressaltando aspectos referentes às mudanças pelas quais a sociedade atravessou e influenciaram direta ou indiretamente o papel do pai na configuração familiar.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a escassez de estudos relacionados às dinâmicas relacionais entre pai e filho adolescente e esclarecimentos de como essa interação pode gerar bens relacionais que, possivelmente, podem ser levados para a idade mais madura do indivíduo.

Para este estudo, adotaremos os seguintes procedimentos: i) Coleta e análise de dados de 10 adolescentes entre 12 e 17 anos que residam na cidade de Ipirá-Ba. Em seguida, serão entrevistados seus respectivos pais; ii) Levantamento de bibliografia referente ao tema; iii) Análise e recorte do material teórico-crítico; iv) Articulação do referencial teórico com a discussão sobre o tema.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado encaminhamento para atendimento psicológico no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as possíveis dúvidas.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo e/ou contato com a pesquisadora, você poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador – CEP/UCSal

Atendimento: Segunda à sexta: 8h às 12h.

Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 – Federação – Salvador/BA – CEP: 40231-902

Tel.: (71) 3203-8913 | E-mail: cep@ucsal.br

Pesquisadora Responsável: Luzilândia Maria Macêdo de Santana

Telefone: (75) 99192-5894 - E-mail: luzilandia.santana@ucsal.edu.br

Psicóloga - Poliane Gomes da Anunciação - Telefone (75) 99287-2669

Ipirá, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAI)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAI)

Título da Pesquisa: Dinâmicas de Paternidade na Sociedade Contemporânea: Um Novo Olhar nas Relações entre Pai e Filho na Cidade de Ipirá

Nome do Pesquisador Principal/Orientador: Prof. Dr. Giancarlo Petrini

Nome do Pesquisador Assistente/Aluno: Luzilândia Maria Macêdo de Santana

- 1. Natureza da pesquisa:** O Senhor está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada “Dinâmicas de Paternidade na Sociedade Contemporânea: Um Novo Olhar nas Relações entre Pai e Filho na Cidade de Ipirá, que será desenvolvida pela pesquisadora do Curso de Mestrado Família na Sociedade Contemporânea, oferecido pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL. Esta pesquisa tem como finalidade, mediante entrevistas, compreender as dinâmicas relacionais entre o pai e o filho adolescente, levando em consideração a diversidade de experiências entre ambos, olhando para os novos significados da figura paterna no contexto atual.
- 2. Participantes da pesquisa:** A pesquisa será realizada com 10 adolescentes, entre 12 e 17 anos, e seus respectivos pais (+10).
- 3. Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo, o senhor permitirá que a pesquisadora Luzilândia Maria Macêdo de Santana realize uma entrevista com perguntas previamente estabelecidas para fins científicos. O senhor tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para si. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.
- 4. Sobre as entrevistas:** As entrevistas serão realizadas no ambiente indicado pela pesquisadora ou escolhido pelo senhor, em horário combinado antecipadamente. As perguntas refletem o interesse dos pesquisadores a respeito do seu entendimento sobre as dinâmicas relacionais entre pai e filho na contemporaneidade.

- 5. Riscos e desconforto:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. As perguntas dizem respeito ao que você pensa sobre o tema abordado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução CNS RES 510/2016. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Para tanto, estamos empenhados em manter a pesquisa dentro dos parâmetros solicitados pelo Comitê de Ética, a fim de resguardar os participantes. Mas, se ainda assim, o participante se sentir desconfortável ou se quaisquer questões associadas a essa pesquisa lhe causarem algum dano psíquico, um psicólogo, já designado por essa pesquisa, estará à disposição. Além disso, estaremos disponíveis para esclarecer quaisquer dúvidas e solucionar qualquer tipo de problema relacionado à realização dessas entrevistas.
- 6. Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e o orientador terão conhecimento dos dados. O nome que aparecerá na pesquisa será fictício, escolhido pelo próprio entrevistado.
- 7. Benefícios:** Ao participar desta pesquisa o senhor não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o tema referido acima, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ampliar o estudo sobre as dinâmicas relacionais entre pai e filho na atualidade. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.
- 8. Pagamento:** O senhor não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo e/ou contato com a pesquisadora, você poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador – CEP/UCSAL

Atendimento: Segunda à sexta: 8h às 12h.

Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 – Federação – Salvador/BA – CEP: 40231-902

Tel.: (71) 3203-8913 | E-mail: cep@ucsal.br

Pesquisadora Responsável: Luzilândia Maria Macêdo de Santana

Telefone: (75) 99192-5894

Psicóloga - Poliane Gomes da Anunciação - Telefone (75) 99287-2669

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, preenchendo os itens que se seguem.

Obs.: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu _____, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa “Dinâmicas de Paternidade na Sociedade Contemporânea: Um Novo Olhar nas Relações entre Pai e Filho na Cidade de Ipirá. Estou ciente de que, a qualquer momento, posso desistir de colaborar com este estudo, sem nenhum prejuízo. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Ipirá, _____ de _____ de 2021.

Nome/Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora
Luzilândia Maria Macêdo de Santana
E-mail: luzilandia.santana@ucsal.edu.br

Assinatura do Orientador
Giancarlo Petrini
E-mail: giancarlo.petrini@ucsal.br

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pai autorizando o Filho

O seu filho _____ está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa intitulada: “Dinâmicas de Paternidade na Sociedade Contemporânea: Um Novo Olhar nas Relações entre Pai e Filho na Cidade de Ipirá, que será desenvolvida pela pesquisadora do Curso de Mestrado Família na Sociedade Contemporânea, oferecido pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL. Esta pesquisa tem como objetivo principal, mediante entrevistas, compreender as dinâmicas relacionais entre o pai e o filho adolescente, levando em consideração a diversidade de experiências entre ambos, olhando para os novos significados da figura paterna no contexto atual.

Esta pesquisa tem, ainda, como finalidade: Para a coleta de dados/informações, a realização de uma entrevista com o seu filho. O roteiro compreenderá de perguntas relacionadas à identificação, componentes familiares, rotina familiar, dentre outras com foco no tema proposto e terá duração aproximada de 60 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o seu filho poderá desistir de participar e retirar seu assentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o Senhor ou para o seu filho. (Res. 510/16 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso seu filho não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, ele poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de o nome do seu filho ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo.
- A participação do seu filho não implica em nenhum custo financeiro, mas caso

tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, o Senhor será ressarcido.

- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 510/2016. Dessa forma, este estudo trará como benefícios informações importantes sobre o tema referido, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ampliar os estudos na área científica sobre as dinâmicas relacionais entre pai e filho na atualidade, bem como ajudar famílias a compreenderem, também, esta relação. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.
- Pode haver o risco de os participantes se sentirem constrangidos, em decorrência da entrevista ser gravada e tratar de questões do cotidiano familiar. Para minimizar o desconforto, caso aconteça, será dado o direito de interromper a entrevista, sem nenhum prejuízo, e a pesquisadora encaminhará o participante para amparo psicossocial.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o Senhor e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo e/ou contato com a pesquisadora, o Senhor poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador – CEP/UCSAL

Atendimento: Segunda à sexta: 8h às 12h.

Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 – Federação – Salvador/BA – CEP: 40231-902

Tel.: (71) 3203-8913 | E-mail: cep@ucsal.br

Pesquisadora Responsável: Luzilândia Maria Macêdo de Santana

Telefone: (75) 99192-5894 - E-mail: luzilandia.santana@ucsal.edu.br

Psicóloga - Poliane Gomes da Anunciação - Telefone (75) 99287-2669

Eu, _____ aceito, voluntariamente, o convite para meu filho _____ participar deste estudo, estando ciente de que ele está livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Ipirá, _____ de _____ de 2021.

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora
Luzilândia Maria Macêdo de Santana
E-mail: luzilandia.santana@ucsal.edu.br

Assinatura do Orientador
Giancarlo Petrini
E-mail: giancarlo.petrini@ucsal.br

ANEXO A – PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DINÂMICAS DE PATERNIDADE NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: Um novo olhar nas relações entre pai e filho na cidade de Ipirá.

Pesquisador: Luzilândia Maria Macedo de Santana

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44420221.5.0000.5628

Instituição Proponente: Universidade Católica do Salvador

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.597.333

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. A autora assim descreve: “Os estudos a respeito das interações/relações familiares são fecundos. Há um campo vasto que ainda precisa ser explorado, especialmente para compreender a vivência do pai nas relações familiares. Nasce aí o desejo e a verdadeira necessidade de disseminar os valores existentes nas relações familiares que muitos negam, especificamente as novas dinâmicas relacionais assumidas pelo pai (...) O presente estudo, de caráter qualitativo, será desenvolvido através de uma pesquisa empírica de tipo exploratório, visando detectar quais posturas delineiam, na atualidade, o exercício da paternidade com o filho adolescente, na cidade de Ipirá, região do semiárido da Bahia, a partir de algumas entrevistas com ambos.

Para dar forma ao objeto da pesquisa, escolher-se-á pais e seus respectivos filhos adolescentes que residam na cidade de Ipirá, interior da Bahia. Por ser uma cidade de pequeno porte e as escolas estarem fechadas por conta do Covid-19, a pesquisadora entrará em contato com uma díade, sendo o primeiro contato com o filho adolescente, em seguida com o pai. Para obter o número necessário de participantes será solicitado ao adolescente a indicação de amigos e colegas de escola que possam contribuir com a pesquisa, até obter o número necessário de 10 pais e seus respectivos filhos”.

Endereço: Av. Cardeal da Silva, 205 - Universidade Católica do Salvador. Campus Federação. Comitê de Ética. Prédio G

Bairro: FEDERAÇÃO

CEP: 40.231-902

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

E-mail: cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 4.597.333

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário: Compreender as dinâmicas relacionais entre pai e filho na família contemporânea, na cidade de Ipirá.

Objetivo secundário: Identificar as modalidades de relacionamentos entre pais e filhos;

Analisar as dinâmicas relacionais entre pai e filho na família contemporânea;

Descrever novos elementos na relação entre pai e filho em famílias da cidade de Ipirá.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: “Caso o participante tenha desconforto emocional, será garantido o acompanhamento por um psicólogo designado. Além disso, a pesquisadora estará disponível para quaisquer esclarecimentos ou dúvidas que venha ocorrer por parte dos participantes referentes aos procedimentos da pesquisa, colocando à disposição dos mesmos seus contatos”.

Benefícios: “Fomentar discussões a respeito da relação/interação pai e filho, mostrando, à luz da ciência, que os bens relacionais adquiridos podem ser valores humanos que desencadeiam outros bens na sociedade. Por outro lado, os males relacionais também podem gerar outros males nas relações sociais. Neste sentido, este estudo contribuirá para enriquecer e ampliar as concepções de relação familiar nas Ciências Sociais, bem como incentivar futuras pesquisas sobre políticas que ajudem os pais e futuros pais a entenderem a importância da paternidade e como lidar com ela nas relações familiares.”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto relevante que pretende contribuir para um olhar e um entendimento mais orgânico, sistemático e atualizado da relação pai-filhos adolescentes. Onde a partir das perguntas feitas no questionário levará os pais a perceberem as dificuldades de relacionamento ou o bom relacionamento que tiveram quando eram filhos menores e o modo que eles agem com seus filhos/as. E os filhos (as) serem conduzidos a entender como é importante um bom relacionamento paterno-filial, já que a construção destes relacionamentos sólidos e afetivos podem ser molas propulsoras de novos laços familiares onde o afeto, o abraço, a ternura, o beijo, o carinho seja sentido e seja presente nos laços familiares que se projeta para a sociedade, onde a ternura e os novos relacionamentos frutos de uma paternidade responsável sejam presentes e fecundos, diminuindo assim até problemas tais como drogas e violência e gerando um novo rosto

Endereço: Av. Cardeal da Silva, 205 - Universidade Católica do Salvador. Campus Federação. Comitê de Ética. Prédio G

Bairro: FEDERAÇÃO

CEP: 40.231-902

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

E-mail: cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 4.597.333

de um pai que participa da vida dos filhos de modo mais intenso. O trabalho pretende mostrar que apesar de tantas correntes contrárias a família e a relação pai-filho, a autora vê como essencial redescobrir a família e a figura do pai, saindo de um patriarcalismo nocivo e uma falsa compreensão que o pai só deve ser o provedor, o legislador e não amigo e companheiro dos seus filhos adolescentes. O benefício da pesquisa foi bem colocado pela pesquisadora. “A análise dos dados terá vistas na proposta relacional de Donati (2011, p. 78), em que a relação familiar tem sentido próprio, consiste no entrelaçamento de quatro elementos ligados entre si: o dom, a reciprocidade, a generatividade e a sexualidade como amor conjugal”,

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados pertinentes à realização da Pesquisa, em conformidade com a Resolução 510/2016, tais como: Folha de rosto, Informações básicas do Projeto, Projeto, orçamento, cronograma; Termo de confidencialidade da pesquisadora; Instrumento de Pesquisa, TCLE do pai e TCLE do filho com todas as informações essenciais, Termo de assentimento para o menor; Declaração da psicóloga

Recomendações:

Tomar como base para a operacionalização da pesquisa as orientações do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, incluindo o contato inicial com o pai, antes de formular o convite ao filho adolescente.

Enviar os relatórios parciais e o final da referida pesquisa ao CEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendência.

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado acata o parecer do relator e alerta que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e o relatório final da pesquisa por meio da Plataforma Brasil para que sejam apreciados pelo CEP, em conformidade com a Norma Operacional nº 01/13, item XI.2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1694797.pdf	11/03/2021 20:57:26		Aceito

Endereço: Av. Cardeal da Silva, 205 - Universidade Católica do Salvador. Campus Federação. Comitê de Ética. Prédio G
Bairro: FEDERAÇÃO **CEP:** 40.231-902
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **E-mail:** cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 4.597.333

Declaração de Pesquisadores	termo_de_confidencialidade_pesquisador.pdf	11/03/2021 20:56:51	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito
Outros	declaracao_psicologa.pdf	10/03/2021 11:35:58	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_pai.pdf	10/03/2021 11:32:41	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_filho.pdf	10/03/2021 11:31:13	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa.pdf	05/03/2021 20:25:33	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito
Outros	roteiro_de_entrevista_com_pais.pdf	05/03/2021 20:18:23	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito
Outros	roteiro_de_entrevista_com_adolescente.pdf	05/03/2021 20:17:37	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento.pdf	05/03/2021 20:16:23	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	03/03/2021 14:57:16	Luzilândia Maria Macedo de Santana	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 17 de Março de 2021

Assinado por:
Eliana Sales Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Cardeal da Silva, 205 - Universidade Católica do Salvador. Campus Federação. Comitê de Ética. Prédio G
Bairro: FEDERAÇÃO **CEP:** 40.231-902
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **E-mail:** cep@ucsal.br